

Eduardo Brito-Henriques



Elementos para o ensino de Geografia do Turismo

Programa curricular,
orientações didáticas e bibliografia

Ficha técnica

Título

Elementos para o Ensino de Geografia do Turismo.
Programa curricular, orientações didáticas e bibliografia

Autor

Eduardo Brito-Henriques

Projeto gráfico

Susana Gama

Editora

Centro de Estudos Geográficos

Suporte

Eletrónico

ISBN

978-972-636-307-1

DOI

10.33787/CEG20240001

Ano de edição

2024

**CEG**

Centro de Estudos Geográficos



Instituto de Geografia
e Ordenamento do Território
UNIVERSIDADE DE LISBOA

Apoio**fct**

Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia

Índice

Preâmbulo	5
I. Enquadramento, objetivos e racional da organização do programa	11
Orientações gerais	13
Objetivos de aprendizagem	15
Organização do programa e conteúdos	17
Metodologia de ensino-aprendizagem	21
Bibliografia de apoio	23
Modelo de avaliação	25
II. Implementação do programa	27
1. Aspetos estruturais do turismo	29
1.1 – Turistas, turismo e mobilidades turísticas	31
1.2 – A oferta turística	36
1.3 – A procura turística	43
2. Desenvolvimento turístico, espaço e lugares	46
2.1 – Modernidade, globalização e turismo	50
2.2 – Lugares turísticos e urbanização turística	56
2.3 – A variedade das configurações territoriais e paisagens do turismo	61
3. Desafios da sustentabilidade e turismo	69
3.1 – Impactes do turismo nas comunidades e no ambiente	71
3.2 – Futuros sustentáveis para o turismo	79

Preâmbulo

A presente publicação é uma proposta de programa para uma Unidade Curricular (UC) de Geografia do Turismo de 1º Ciclo. Reproduz basicamente o Relatório que apresentei nas provas para obtenção do título de Agregado em Geografia em 2022, em conformidade com a alínea b) do artigo 5º do Decreto-Lei nº 239/2007, de 19 de junho. Este Relatório previsto no regime jurídico das provas de Agregação é muitas vezes interpretado como uma sebenta ou um compêndio destinado a ser lido pelo grupo de estudantes. Não foi aqui o caso. A presente publicação foi pensada como um instrumento de didática, destinado a guiar e apoiar quem está encarregue do ensino de uma UC com este objeto e características. Assim, além de conter um guião de conteúdos a desenvolver, são dadas orientações sobre a perspetiva a privilegiar na sua abordagem, modelo de funcionamento das aulas, sugestões de atividades, método e critérios de avaliação, e bibliografia de base. Acredito, não obstante, que a sua consulta possa ser também útil para estudantes, já que aqui encontrarão orientações sobre os resultados de aprendizagem esperados, um enquadramento e explicações sucintas de alguns conceitos e teorias, e uma lista de bibliografia comentada que poderá auxiliar na seleção das leituras.

O programa em causa foi concebido e planeado para a licenciatura em Geografia do Instituto de Geografia e Ordenamento do Território da Universidade de Lisboa (IGOT-ULisboa). Há um período inicial de formação de base dedicado às aprendizagens consideradas fundamentais nas três áreas científicas do curso: Geografia Humana, Geografia Física, e Métodos e Técnicas em Geografia. Este período ocupa os primeiros três semestres do ciclo de estudos e é composto totalmente por UC obrigatórias com 6 ECTS. Segue-se depois uma etapa intermédia, que se prolonga pelos quarto e quinto semestres do curso, em que se procura que o grupo de estudantes diversifique e especialize as aprendizagens, explorando temáticas diversas em UC de opção conforme os seus interesses. 70% do tempo de trabalho decorre então em UC opcionais, que o plano de estudos prevê que funcionem em aulas teórico-práticas, também de 6 ECTS. A Geografia do Turismo não consta do elenco de UC obrigatórias, mas pode ter lugar como UC de opção num daqueles dois semestres pré-terminais (a prática tem sido funcionar no quinto semestre), e foi nesse pressuposto que o programa foi desenhado. Acredito que com pequenos ajustamentos para adaptação às formas de organização de ensino, aos regulamentos específicos das instituições, e, eventualmente, aos contextos locais, este programa possa ser aplicado sem grande dificuldade em cursos homólogos de outras universidades. A aplicação em licenciaturas em Turismo, em cujos planos de estudos frequentemente estão previstas UC de Geografia do Turismo, poderá requerer uma adaptação maior, com alívio dos conteúdos relativos aos aspetos estruturais do turismo e aprofundamento das questões relacionadas com a territorialização do turismo e os impactes do turismo nas comunidades e no ambiente.

Há trinta anos quem quisesse implementar um programa de Geografia do Turismo numa licenciatura em Geografia sentir-se-ia obrigado a justificar longamente tal opção. Não era então improvável que isso fosse visto como uma extravagância. Hoje creio que o espantoso seria esta temática estar ausente da formação superior em Geografia. O turismo ganhou tamanha proeminência como facto económico e social, e os seus impactes no ambiente e nas paisagens são de tal maneira significativos, que a existência de uma UC de Geografia do Turismo num curso de Geografia se tornou quase autoexplicativa.

A Geografia do Turismo é hoje uma disciplina científica incontestada. Todas as grandes associações geográficas possuem grupos de trabalho ou secções específicas de Geografia do Turismo — e.g., União Geográfica Internacional, Associação Americana de Geógrafos, Real Sociedade Geográfica-Instituto de Geógrafos Britânicos, Associação de Geógrafos Japoneses, Associação Espanhola de Geografia, para citar apenas as maiores. Raros são os congressos geográficos sem sessões temáticas a ela dedicadas. A Geografia do Turismo generalizou-se também como temática de ensino, marcando atualmente presença em planos de estudos de cursos de graduação de Geografia um pouco por todo o mundo. A relação entre turismo e Geografia estreitou-se a tal ponto que nos últimos anos vários departamentos e escolas de Geografia assumiram inclusive essa designação dupla — Geografia e Turismo —, com diversos exemplos no mundo (e.g. Universidade de Michigan Ocidental, EUA; Universidade de Lodz, Polónia; Universidade Rovira i Virgili, Espanha; Universidade do Cabo Ocidental, África do Sul; Universidade de Waikato, Nova Zelândia; Universidade Nacional do Sul, Argentina; etc.) e mesmo entre nós, designadamente na Universidade de Coimbra. De resto, em Portugal, UC optativas de Geografia do Turismo (quase sempre de «Lazer e Turismo», na verdade) têm sido lecionadas em praticamente todos os departamentos de Geografia nas últimas décadas, ou foram pelo menos lecionadas a certo momento.

A presença de geógrafos e geógrafas com ligações ao turismo é já muito difícil de rastrear no ensino superior português. No ensino politécnico, onde maioritariamente estão baseados os cursos de turismo, é considerável a sua disseminação. Pontuam neste grupo algumas das pessoas que mais cedo produziram estudos sobre turismo na Geografia portuguesa. Além de ensinarem Geografia do Turismo, souberam desenvolver nessas escolas formas inovadoras de aplicação dos saberes geográficos ao estudo e ensino do turismo. Por outro lado, temos atualmente na maioria dos departamentos de Geografia das universidades portuguesas gente a investigar, ensinar e supervisionar formação avançada em Geografia do Turismo. Em Coimbra, Fernanda Cravidão criou e nutriu, com auxílio de Norberto Santos, um grupo particularmente atuante e numeroso. Contudo, pode afirmar-se que a Geografia do Turismo possui especial tradição na Universidade de Lisboa, com um longo rastro inaugurado por Carminda Cavaco, a primeira geógrafa com estudos dedicados ao turismo em Portugal (Cavaco, 1969). Desde início da década de 1990 que me recordo de haver um ensino praticamente permanente de Geografia do Turismo na licenciatura em Geografia da Universidade de Lisboa, apenas suspenso num ou noutra ano por dificuldades de distribuição de serviço docente. De 2002/03 em diante o ensino desta matéria esteve essencialmente confiado a José Manuel Simões, que organizou e coordenou uma duradoura e sempre concorrida UC optativa intitulada Geografia do Lazer e do Turismo, cujo programa apresentaria nas suas provas de agregação, logo de seguida publicado (Simões, 2005).

Ao longo das duas últimas décadas o turismo manteve-se um assunto assíduo entre o grupo de Geografia de Lisboa, muito graças ao papel de José Manuel Simões, que se manteve um dos princi-

pais impulsionadores do ensino e da investigação do turismo em Portugal ao longo destes anos. No Centro de Estudos Geográficos fundou em 2008 o único grupo de investigação dedicado ao turismo da Universidade de Lisboa — o TERRITUR. Ao nível do ensino, além da já referida UC optativa de licenciatura, liderou a criação de um mestrado e de um doutoramento em turismo, ambos em funcionamento há mais de um decénio. Ao longo deste tempo fui chamado a coadjuvá-lo em vários desses projetos. A dada altura, comecei também a substituí-lo em tarefas de coordenação. A partir de 2018/19, por causa das funções diretivas que assumiu no IGOT, José Manuel Simões viu-se obrigado a reduzir a sua atividade letiva. Por se julgar inconveniente que a Geografia do Turismo desaparecesse da licenciatura em Geografia, fui incentivado a manter o seu ensino. Foi desafiante, pois tinha participado até então intensamente na docência de temas específicos desta área em cursos pós-graduados de 2º e 3º Ciclos, mas escassamente ao nível do 1º Ciclo, onde apenas lecionara uma breve UC optativa intitulada Turismo e Património nos idos anos de 2004/05 e 2005/06. Assumir a coordenação e docência de uma UC «generalista» de Geografia do Turismo para estudantes de licenciatura obrigou-me a uma espécie de *back to basics* e a investir e procurar inovar nas estratégias de ensino-aprendizagem. O programa que aqui se apresenta é beneficiário dessa experiência.

Passaram praticamente duas décadas sobre o programa de Geografia do Lazer e do Turismo de José Manuel Simões a que aludi. Vinte anos em ciência é muito tempo: bastante literatura é produzida, novos temas emergem, perspectivas de abordagem diferentes despontam e afirmam-se. Já nem a geração de estudantes que frequenta a universidade é a mesma. Isso explica que este programa pareça bastante diferente. Por outro lado, é natural que um programa leve a assinatura do seu autor, refletindo a maneira de pensar da pessoa que o desenha e as influências que conformam o seu pensamento. Neste programa em concreto, creio que duas influências maiores sobressaem: (i) a da «viragem das mobilidades» (*mobilities turn*); (ii) e a dos estudos de turismo críticos.

A «viragem das mobilidades» refere-se não apenas à tomada de consciência da condição fundamentalmente móvel das sociedades modernas, mas também a uma forma nova de olhar para o mundo a partir do movimento e dos fluxos (Cresswell, 2006). O número de viagens feitas anualmente no mundo atingiu proporções extraordinárias. Parte substancial do esforço inventivo e do investimento de recursos das sociedades modernas foi aplicado no desenvolvimento de dispositivos tecnológicos e na construção de um vasto e sofisticado aparato infraestrutural destinado a assegurar a operacionalidade e o crescimento incessante das mobilidades, tanto materiais como imateriais — aeroportos, autoestradas, cabos submarinos, satélites de radionavegação (GPS), redes móveis, sistema SWIFT e postos ATM, agências de viagens, hotéis, centros de congressos, etc. Como referiam Sheller e Urry (2006), há uma humanidade móvel permanentemente em circulação sobre a Terra composta de milhões de pessoas que encarnam uma miríade de mobilidades cada vez mais diversas, entre turistas de lazer, refugiados, membros das diásporas, estudantes internacionais, estrelas da música em *tournee*, mochileiros, nómadas digitais, diplomatas, militares, etc. Juntamente com essas populações humanas, ou em circuitos separados, mas usando basicamente o mesmo aparato infraestrutural, circulam seres não-humanos, bens de consumo, legados culturais, dinheiro, tecnologia, imagens e textos. É para este espaço de fluxos múltiplos que se entrelaçam, para essas populações, materialidades e culturas transientes, que a «viragem das mobilidades» nos incita a olhar (Adey, 2010). Ao mesmo tempo que nos interpela a examinar o espaço dos fluxos, a perscrutar o movimento e o devir, e a compreender como esses coletivos de sujeitos, materialidades e imaterialidades móveis se transformam na sua circulação através do encontro com outros coletivos, desafia-nos a atender também ao efeito transformador que as mobilidades produzem nas

paisagens por onde passam, seja através da criação de novos «fixos» (Santos, 2006) ou «amarrações» (Adey, 2010) que remodelam e recriam o espaço na sua materialidade, seja transformando as atmosferas afetivas e o ritmo de vida dos lugares. Ao assumirmos que a mobilidade é também um modo de ser-no-mundo e uma forma de fazer experiência deste, é todo um campo de indagação novo que se abre na fenomenologia do movimento (Cresswell, 2006).

Os estudos de turismo críticos abrangem um leque vasto de perspectivas e abordagens de origens diversas. Confluem neles legados e influxos da teoria crítica da Escola de Frankfurt e da economia política, do pós-estruturalismo e dos estudos culturais e do discurso, assim como da teoria feminista, da teoria pós-colonial, da ecologia política e filosofia ambiental, e, mais recentemente, da viragem ontológica ligada à teoria do ator-rede, à pós-fenomenologia e ao materialismo relacional (Ateljevic et al., 2007; Mosedale, 2015; Mostafanezhad & Norum, 2019; Tribe, 2008; Van der Duim et al., 2013). Estas influências atuam variadamente e apresentam-se de forma distinta nos trabalhos que se agrupam sob aquela designação genérica, pelo que não é a teoria a definir e dar coerência aos estudos de turismo críticos; o que os define é, sim, independentemente do ângulo teórico de abordagem que adotam, estarem comprometidos com examinar e discutir as implicações sociais, culturais, ambientais e políticas do turismo, e em procurarem traçar rumos para um futuro onde o turismo seja fator de coesão, de florescimento humano, e de reconciliação ambiental com a Terra e os seus ecossistemas (Ateljevic et al., 2012; Higgins-Desbiolles, 2009; Mosedale, 2015; Saarinen, 2014; Tribe, 2008). Contrariamente, portanto, ao que alguns detratores julgam, o que os estudos críticos de turismo pretendem não é condenar ou acusar, mas sim mudar a forma de estar, atuar e lidar no contexto do turismo.

Resta por fim apresentar sumariamente o presente documento. Ele está organizado em duas partes. A primeira destina-se a explicar o racional do programa. São apresentados os referenciais e as orientações gerais que presidiram à sua preparação, os objetivos de aprendizagem, e a forma como proponho organizar o processo de ensino-aprendizagem-avaliação. A segunda parte descreve a implementação do programa propriamente dita, com a planificação das aulas e a metodologia proposta para o seu desenvolvimento. Cada capítulo do programa é aí expandido com uma explicitação dos resultados esperados, conceitos-chave e tópicos a desenvolver, tempo que lhes deve ser dedicado, e atividades e recursos educativos a providenciar, onde se inclui a bibliografia específica recomendada acompanhada de um comentário. De acordo com o plano de estudos em vigor quando este programa foi desenhado, uma UC de opção da licenciatura em Geografia do IGOT tem um tempo total de trabalho de 168 horas, das quais 56 correspondem a horas de contacto, repartidas entre 49 horas de aulas teórico-práticas e sete horas de tutoria. Obviamente é às horas de contacto em aula que essa proposta de implementação se refere, uma vez que a tutoria é um tempo de atendimento oferecido de forma personalizada a cada estudante além da mancha horária para resolução de dúvidas, seja presencialmente ou por meios de *e-learning*, não lhe cabendo assim propriamente programação.



Referências citadas

- Adey, P. (2010). *Mobility*. Routledge
- Ateljevic, I., Morgan, N. & Pritchard, A. (Eds.). (2012). *The critical turn in tourism studies: Creating an academy of hope*. Routledge.
- Ateljevic, I., Pritchard, A., & Morgan, N. (Eds.). (2007). *The critical turn in tourism studies: Innovative research methods*. Elsevier.
- Cavaco, C. (1969). Geografia e turismo no Algarve. Aspetos contemporâneos. *Finisterra—Revista Portuguesa de Geografia*, IV(8), 216–272.
- Cresswell, T. (2006). *On the move. Mobility in the modern Western world*. Routledge.
- Higgins–Desbiolles, F. (2009). Justice tourism and alternative globalisation. *Journal of Sustainable Tourism*, 16(3), 345–364. <https://doi.org/10.1080/O9669580802154132>
- Mosedale, J. (2015). Critical engagements with nature: tourism, political economy of nature and political ecology. *Tourism Geographies*, 17(4), 505–510. <https://doi.org/10.1080/14616688.2015.1074270>
- Mostafanezhad, M., & Norum, R. (2019). The anthropocenic imaginary: political ecologies of tourism in a geological epoch. *Journal of Sustainable Tourism*, 27(4), 421–435. <https://doi.org/10.1080/O9669582.2018.1544252>
- Saarinen, J. (2014). Critical sustainability: Setting the limits to growth and responsibility in tourism. *Sustainability*, 6(1), 1–17. <https://doi.org/10.3390/su6010001>
- Santos, M. (2006). *A natureza do espaço: Técnica e tempo, razão e emoção* (4ª ed.). Editora da Universidade de São Paulo.
- Sheller, M., & Urry, J. (2006). The new mobilities paradigm. *Environment and Planning A: Economy and Space*, 38(2), 207–226. <https://doi.org/10.1068/a37268>
- Simões, J. M. (2005). *Geografia do Lazer e do Turismo (Programa para uma disciplina de opção da licenciatura em Geografia)*. Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Lisboa.
- Tribe, J. (2008). Tourism: a critical business. *Journal of Travel Research*, 46(3), 245–255. <https://doi.org/10.1177/O047287507304051>
- Van der Duim, R., Ren, C., & Jóhannesson, G. T. (2013). Ordering, materiality, and multiplicity: enacting Actor–Network Theory in tourism. *Tourist Studies*, 13(1), 3–20. <https://doi.org/10.1177/1468797613476397>
- Williams, A. M., & Hall, C. M. (2000). Tourism and migration: new relationships between production and consumption. *Tourism Geographies*, 2(1), 5–27. <https://doi.org/10.1080/146166800363420>



I

Enquadramento, objetivos e racional da organização do programa

1.

Orientações gerais

Sem prejuízo da autonomia das universidades e da liberdade intelectual do seu corpo docente, é hoje esperado que programas de um mesmo ciclo de estudos lecionados no Espaço Europeu de Ensino Superior (EEES) respeitem orientações comuns por forma a garantir que, independentemente do local e país onde as aprendizagens se realizam, competências básicas similares são adquiridas. Essa pretendida sintonia só é possível se as várias UC que integram os planos de estudos estiverem alinhadas pelos mesmos objetivos de aprendizagem básicos. Esta foi uma preocupação assumida no desenho do presente programa. Como tal, dois referenciais maiores foram tomados em particular consideração: (i) os Descritores de Dublin; (ii) e os resultados de aprendizagem definidos para a área científica de Geografia pela rede universitária HERODOT (Network for Geography in Higher Education).

Os Descritores de Dublin, acordados pelos países signatários do Acordo de Bolonha em 2005 e transpostos de forma simplificada para o regime jurídico dos graus e diplomas do ensino superior português em 2006 (Decreto-Lei n.º 74/2006, de 24 de março, alterado pelo Decreto-Lei n.º 107/2008, de 25 de junho e Decreto-Lei n.º 230/2009, de 14 de setembro), estabelecem os resultados de aprendizagem a alcançar em cada nível de graduação. São referenciais genéricos que, no entanto, dão indicações quanto ao alcance e profundidade que se esperam das aprendizagens quer ao nível dos conteúdos, quer das competências. Concretamente, em cursos de 1º Ciclo, onde o presente programa se enquadra, é esperado que:

- se adquiram conhecimentos a um nível que, apoiado em literatura avançada, expanda e supere as aprendizagens do ensino secundário e inclua alguns aspetos informados por conhecimentos de ponta na área específica de formação de cada ciclo de estudos;
- se desenvolva a capacidade de aplicar profissionalmente os conhecimentos na respetiva área vocacional, assim como de sustentar argumentos e resolver problemas;
- se demonstre capacidade de selecionar, recolher e interpretar dados relevantes para fundamentar soluções e juízos, tanto em questões técnicas como sociais e éticas;
- se demonstre capacidade de comunicar informação, ideias, problemas e soluções, tanto a públicos especialistas como não-especialistas;
- e se adquiram competências que permitam uma aprendizagem ao longo da vida com elevado grau de autonomia (vd. European Consortium for Accreditation, 2014).

Da mesma forma que houve nos últimos anos um esforço com vista à harmonização das aprendizagens por nível de ensino, passos importantes foram dados para estabilizar quadros de competências comuns por áreas científicas. Na Geografia esse trabalho de «afinação» foi levado a cabo pela rede HERODOT e redundou num consenso em torno de 31 competências genéricas — entre competências instrumentais, pessoais e sistémicas — e doze competências específicas (Wall & Donnert, 2004).

No caso das primeiras falamos de um conjunto de habilidades exercitadas sobretudo através dos métodos de trabalho e da organização do ensino, que incluem competências instrumentais como a capacidade de análise e de síntese, a capacidade crítica, gerir informação, resolver problemas e aplicar conhecimentos teóricos na prática; competências sistémicas como a autonomia, planear tarefas, cumprir prazos e valorizar a qualidade e o rigor; e ainda trabalhar em grupo e adaptar-se a novas situações (competências pessoais). Todas estas competências foram tidas em devida consideração na estratégia de ensino-aprendizagem-avaliação preconizada neste programa, como adiante se verificará. Já as competências específicas dizem basicamente respeito a conteúdos, pelo que se refletem sobretudo na escolha das matérias a explorar e na perspetiva teórica que enformará a abordagem. Desse elenco de competências específicas definidas pela rede HERODOT (Wall & Donnert, 2004), considero que a UC Geografia do Turismo concorrerá especialmente para:

- compreender as relações recíprocas entre ambientes físicos e humanos;
- compreender a importância das relações espaciais às várias escalas;
- entender e explicar a diversidade e a interdependência de regiões e lugares;
- e interpretar paisagens.



Referências citadas

- European Consortium for Accreditation. (2014, 3 de outubro). *Framework for Qualifications of the European Higher Education Area*. http://www.ecahe.eu/w/index.php?title=Framework_for_Qualifications_of_the_European_Higher_Education_Area
- Wall, G., & Donert, K. (2004). HERODOT thematic network and the tuning of Geography education in Europe. *Planet*, 12(1), 19–22. <https://doi.org/10.11120/plan.2004.00120019>

2.

Objetivos de aprendizagem

Uma UC não existe isoladamente; é sempre parte integrante de um plano de estudos mais amplo com a qual tem de ser solidária e para cuja finalidade deve concorrer. O programa desta UC foi desenhado de modo que, partindo do estudo em particular do turismo, da sua territorialização (i.e. das configurações territoriais e paisagens que produz), e dos seus impactes no ambiente e nos lugares, o coletivo de estudantes que a frequenta desenvolva um conjunto de conhecimentos e habilidades que confluam para as finalidades globais do ciclo de estudos que estão a frequentar. Assim, entre os vários objetivos de aprendizagem que podemos elencar para esta UC, há a referir em primeiro lugar um grupo dito de objetivos terminais ou finais porquanto se referem a contributos de âmbito genérico para a formação na área disciplinar de Geografia. (Caso o programa se queira aplicar num ciclo de estudos de outra área disciplinar, estes objetivos terão de ser, naturalmente, ajustados.) Basicamente consistem em desdobramentos e densificações das competências gerais e específicas da formação em Geografia a que anteriormente se aludiu. São eles concretamente:

i) ao nível das competências:

- desenvolver a capacidade analítica, identificando problemas, distinguindo descrições de explicações, e estabelecendo nexos entre observações empíricas e argumentos;
- ler criticamente, analisando e confrontando argumentos, e distinguindo entre explicações concorrentes para os mesmos problemas;
- desenvolver a capacidade de formular juízos e argumentar de forma fundamentada, com base em informação sólida e pertinente;
- trabalhar autonomamente, escolhendo as fontes de informação adequadas, estabelecendo metas, definindo procedimentos, determinando prioridades, e planeando e gerindo o tempo;
- exercitar as competências interpessoais e de trabalho em grupo;
- desenvolver o sentido de responsabilidade e a preocupação com a qualidade, a exatidão e a precisão;
- e comunicar claramente, tanto na forma oral como escrita, sabendo focar-se nos tópicos pertinentes, expondo os argumentos de forma lógica e revelando mestria na utilização da língua.

ii) ao nível dos conhecimentos:

- situar fenómenos no espaço e explicar a sua distribuição e localização;
- descrever e compreender processos que operam em diferentes escalas espaciais e temporais;
- reconhecer a presença e importância dos elementos biofísicos nas culturas humanas e os entrelaçamentos sociedade-natureza, da escala local à global;

- analisar e explicar o papel da distância, das barreiras, e das redes nas interações espaciais (entre lugares e regiões);
- pensar em termos de sistemas de lugares e fluxos;
- e ler e interpretar a paisagem e as suas mudanças.

Cumulativamente a estes objetivos terminais, há objetivos mais imediatos ou específicos a que a UC Geografia do Turismo procura responder. Referem-se, portanto, a aprendizagens diretamente relacionadas com o objeto de estudo e com as problemáticas próprias com que lida a Geografia do Turismo enquanto disciplina científica. Destaco em especial a compreensão do turismo enquanto forma de mobilidade disjunta que envolve movimento e interações de pessoas, bens culturais, elementos semióticos e capital através do espaço, e como gerador de novas materialidades e performatividades através das quais se criam e transformam paisagens, para além da capacidade crítica de ajuizar e debater as implicações económicas, culturais e ambientais do desenvolvimento do turismo a diferentes escalas — do local ao global. Estes objetivos específicos reportam-se, em suma, a competências cognitivas capazes de portar sentido ao turismo como fenómeno geográfico. Contudo, o programa pretende ir mais longe. A ambição é que o grupo de estudantes que realiza esta UC desenvolva igualmente competências práticas ou aplicadas; concretamente, é esperado que a partir daqueles conhecimentos teóricos cada membro da turma aprenda a fazer escolhas informadas entre diferentes modelos de desenvolvimento do turismo e, com isso, possa vir a contribuir qualificadamente para o seu planeamento.

Detalhando, constituem objetivos imediatos ou específicos da UC Geografia do Turismo:

- discutir o turismo no contexto das mobilidades;
- identificar as redes de atores e actantes que ativam e operacionalizam o turismo, a diferentes escalas (do local ao global), e descrever o seu funcionamento;
- descrever e explicar a evolução e os ritmos do turismo, em diferentes escalas temporais (interanual, sazonal, hebdomadário, etc.);
- identificar os fatores e explicar os processos de massificação e globalização do turismo;
- analisar e interpretar os padrões espaciais de movimentos e a organização regional do turismo internacional;
- distinguir diferentes motivações turísticas, tipos de turistas e tipos de turismo;
- relacionar produtos turísticos com regiões de destino;
- descrever e interpretar diferentes lugares turísticos e a evolução das suas paisagens no tempo;
- compreender a importância dos elementos biofísicos para o desenvolvimento do turismo e as interações socioambientais que este gera;
- discutir o papel do turismo na circulação de capital assim como no desenvolvimento económico, a diferentes escalas;
- debater as relações socioculturais visitantes-comunidades locais e as mudanças induzidas pelo turismo nas culturas;
- discutir e usar noções relacionadas com limites toleráveis no âmbito do desenvolvimento do turismo;
- e debater futuros sustentáveis para o turismo.

3.

Organização do programa e conteúdos

É impossível num semestre, com um máximo de 49 horas letivas, abarcar toda a latitude de assuntos e problemas que podem interessar a uma disciplina. Numa UC de 1º Ciclo é recomendável que se privilegiem as temáticas e matérias consideradas incontornáveis, bem como as teorias sobre as quais haja mais amplo consenso. Contudo, seria nocivo ignorar os debates científicos que estão em aberto ou não abordar, mesmo que apenas liminarmente, o «estado da arte». Os Descritores de Dublin preveem que alguns conhecimentos de ponta sejam integrados nas aprendizagens logo ao nível do 1º Ciclo, o que é lógico se atendermos a que a compreensão e a resposta a problemas novos ou mais prementes requerem geralmente abordagens inovadoras. Fundamental é ainda que haja coerência entre conteúdos programáticos e objetivos de aprendizagem.

Na definição dos conteúdos programáticos, além de se assegurar essa coerência, houve o cuidado de acautelar que as matérias fossem ajustadas ao nível de conhecimentos de quem frequenta a UC e que estivessem articuladas com o resto do plano de estudos do curso. No plano de estudos do IGOT, a inscrição nesta UC ocorre numa altura do percurso escolar em que já praticamente todas as UC obrigatórias da licenciatura em Geografia foram realizadas. Consultados os conteúdos e objetivos de aprendizagem registados no sistema de gestão académica Fénix do IGOT, constata-se que não há nessas UC presença explícita de temas de turismo. Essa ausência faz antever que os riscos de se repetirem conteúdos e sobreposições serão reduzidos; porém, significa também que mesmo conceitos básicos e conhecimentos elementares sobre o funcionamento do turismo não estão adquiridos, tendo por isso de ser incluídos na programação dos conteúdos. Em contrapartida, porque esta opção será feita numa etapa já avançada do ciclo de estudos, é de confiar que as aprendizagens realizadas previamente nas UC obrigatórias capacitem o coletivo de estudantes para uma melhor compreensão das interações do turismo com a economia, com a sociedade, e com o ambiente. O facto de terem sido familiarizados com conceitos como a divisão internacional do trabalho, a compressão spatiotemporal, a gentrificação e a segregação socioespacial, o desenvolvimento sustentável ou as alterações climáticas facilitará as discussões na UC Geografia do Turismo. Igualmente de esperar é que os conhecimentos adquiridos sobre métodos estatísticos e sistemas de informação geográfica (SIG) possam ser mobilizados para a realização dos trabalhos desta UC.

Tendo presentes estas considerações, o programa está organizado em três blocos, desdobrados em oito módulos, ou pontos, a saber:

1. Aspetos estruturais do turismo

1.1. Turistas, turismo e mobilidades turísticas

- 1.2. A oferta turística
- 1.3. A procura turística

2. Desenvolvimento turístico, espaço e lugares
 - 2.1. Modernidade, globalização e turismo
 - 2.2. Lugares turísticos e urbanização turística
 - 2.3. A variedade das configurações territoriais e paisagens do turismo

3. Desafios da sustentabilidade e turismo
 - 3.1. Impactes do turismo nas comunidades e no ambiente
 - 3.2. Futuros sustentáveis para o turismo

O primeiro bloco (**1. Aspetos estruturais do turismo**) é uma unidade essencialmente introdutória que tem por finalidade familiarizar quem se inscreve na UC com os conceitos fundamentais da teoria do turismo e providenciar uma visão panorâmica da organização e funcionamento do turismo. Trata-se basicamente de abordar o turismo enquanto conceito múltiplo que inclui o movimento de pessoas para fora das suas comunidades e sítios habituais de trabalho e residência, as práticas e consumos que realizam no decurso dessas viagens e estadas transitórias nos espaços visitados, e ainda todo o contexto ou cenário — aquilo que Van der Duim (2007) designou de *tourismscape* — formado de materialidades, organizações, serviços, redes, imaginações e enunciados que permite, enquadra, e ativa este tipo de mobilidades.

Compõem este bloco inicial do programa três pontos. No primeiro discute-se a noção e o âmbito do turismo, o seu lugar no contexto das mobilidades, e introduz-se o grupo de estudantes na terminologia técnica (visitante, turista, turismo doméstico, turismo recetivo, etc.). Os dois módulos ou pontos seguintes visam fornecer uma descrição do turismo e do seu funcionamento sistémico a partir dos dois lados complementares da oferta e da procura. Assim, faz-se primeiro uma descrição pelo lado da oferta, explorando a cadeia de valor do turismo, onde os conceitos de atração (ou atrativo), evento e de produto turístico são explorados. Depois, discutem-se as motivações e determinantes da procura e passam-se brevemente em revista algumas teorias «clássicas» de tipificação de turistas em função do seu perfil psicográfico, motivações, e comportamentos de consumo.

O segundo bloco do programa (**2. Desenvolvimento turístico, espaço e lugares**) é dedicado ao estudo da territorialização do turismo. Uso «territorialização» para designar a corporização do turismo no espaço, seja por via de arranjos topológicos e arquiteturas relacionais entre sítios separados pela distância, seja através da formação de configurações territoriais concretas, com localização específica no espaço, ocupando certa extensão e apresentando um certo formato. Assim, trata-se de olhar não só para a organização e estruturação regional do turismo — as interações entre áreas geradoras, áreas de destino e espaços de deslocamento — mas também para as paisagens, reais, enunciadas e imaginadas, criadas e recriadas pelo turismo. O objetivo deste bloco consistirá, em suma, em perceber como o turismo, no decurso do seu desenvolvimento e para esse mesmo desenvolvimento, faz emergir novos modos de ordenação, utilização, controlo e apropriação do espaço, e como ao mesmo tempo cria, modifica e atualiza lugares e paisagens, num processo que envolve, simultânea e correlativamente, mudanças físicas (na materialidade do espaço), performativas (interações e formas de atuar no espaço), e no plano cognitivo e das significações.

Esta parte do programa começa com uma análise histórica em que se exploram os fatores e condições que permitiram e potenciaram a passagem do turismo de uma prática elitizada para uma forma de consumo de massa. Além de se analisarem as mudanças sociais envolvidas nessa evolução, será prestada especial atenção aos dispositivos infraestruturais que a possibilitaram e incitaram. Examinadas neste ponto serão ainda as interseções entre a globalização e o crescimento do turismo internacional das últimas décadas (a emergência do «turismo global»), assim como os seus efeitos na estruturação regional do turismo à escala planetária. Depois, um ponto seguinte será dedicado a analisar a concretização do turismo em lugares turísticos, a discutir a forma como estes se constituem e efetivam, e a examinar a sua evolução no tempo, explorando os conceitos de urbanização turística (*tourism urbanization*) — no sentido de urbanização pelo turismo — e de estância turística (o equivalente português para *station touristique*, que na literatura em língua inglesa aparece como *resort*). Um último módulo deste bloco do programa será dedicado a analisar não só a tendência de crescente especialização e diversificação do turismo, mas sobretudo as relações entre produtos turísticos e tipos de destino, e a examinar as configurações territoriais do turismo em vários contextos regionais sob uma perspetiva morfoperformativa, o que inclui perceber os efeitos do turismo na transformação material, sensorial e simbólica do espaço. A abordagem proposta é multiescalar, indo desde a escala global (os fluxos de turismo internacional) à escala local (a morfologia urbana das estâncias turísticas).

Depois de estudada a territorialização do turismo teremos um último bloco em que se introduz o tema da sustentabilidade na discussão (**3. Desafios da sustentabilidade e turismo**). Também sobre isto será conveniente dar algum enquadramento, uma vez que sustentabilidade se tornou um conceito dúbio, a respeito do qual se podem ter várias leituras. Essas ambiguidade e indecisão relevam em grande medida das interpretações de compromisso que o «modelo do tripé» acalenta ao apontar para um ponto de equilíbrio idealizado entre os interesses do económico, do social e do ambiental (Albrecht, Haid, Finkler, & Heimerl, 2021). Vozes reputadas na academia têm denunciado que o agravamento aparentemente imparável da crise ambiental nas últimas décadas é prova de que esta conceitualização de sustentabilidade faliu e necessita de ser revista (Saarinen, 2014; Higgins-Desbiolles, 2018; Hall, 2021). Talvez tenha chegado o momento de se assumir que é um silogismo a hipótese de harmonização dos interesses contraditórios do crescimento económico, da equidade social e da proteção do ambiente alvitada no «modelo do tripé». A negociação entre o económico, o social e o ambiental implica inevitavelmente que a opção penda em favor de um dos lados do tripé. Assim, alinhado com a perspetiva de que é imperioso e urgente evoluir para uma conceitualização de «sustentabilidade forte» que assuma a priorização do ecológico e dos limites planetários sobre o crescimento, e consciente de que o primeiro passo nesse sentido terá de ser inevitavelmente dado no e pelo sistema de ensino (Cotterell, Hales, Arcodia, & Ferreira, 2019; Arrobas, Ferreira, Brito-Henriques, & Fernandes, 2020; Prince, 2020), proponho que se assuma neste ponto do programa uma abordagem timonada por um «paradigma forte» de sustentabilidade.

Este terceiro bloco é a parte do programa onde a proximidade dos estudos de turismo críticos será mais patente. A intenção é fornecer uma visão genérica sobre os impactes do turismo em diferentes frentes, desde a economia e o emprego à cultura e ao ambiente. Dentro da perspetiva de que é benéfico dar a conhecer debates científicos em aberto e discutir tópicos candentes logo com estudantes de 1º Ciclo (ainda que, naturalmente, não os aprofundando), serão abordadas questões emergentes como o sobreturismo (*overtourism*) e as relações entre turismo e gentrificação. No último módulo do programa a discussão terá em vista abrir pistas de reflexão sobre o que poderão ser soluções

de resposta à crise ambiental e de harmonização do turismo com os limites do planeta, sem recuar trazer para o debate e dar a conhecer à turma perspetivas teóricas emergentes e mais heterodoxas em relação a estas matérias.

Finalmente, um último esclarecimento a respeito da organização do programa. O plano de estudos em que se enquadra o presente programa prevê 49 horas de contacto em sala, incluindo neste total o tempo previsto para avaliação. A prática no IGOT é distribuir a carga letiva por catorze semanas e organizar os horários em blocos de duas horas, o que no final vai dar que uma UC de opção de 1º Ciclo como esta terá tipicamente duas sessões por semana, cada qual com um tempo útil de aula de 105 minutos (ou três horas e meia por semana). Descontando uma sessão para a realização do teste escrito individual (vd. secção sobre Modelo de Avaliação neste programa), restam-nos 27 sessões e, portanto, será esse o tempo disponível para o desenvolvimento dos conteúdos acima sintetizados.



Referências citadas

- Albrecht, J. N., Haid, M., Finkler, W., & Heimerl, P. (2021). What's in a name? The meaning of sustainability to destination managers. *Journal of Sustainable Tourism*, 30(1), 32–51. <https://doi.org/10.1080/09669582.2020.1868483>
- Arrobas, F., Ferreira, J., Brito-Henriques, E., & Fernandes, A. (2020). Measuring tourism and environmental sciences students' attitudes towards sustainable tourism. *Journal of Hospitality, Leisure, Sport & Tourism Education*, 27, Article 100273. <https://doi.org/10.1016/j.jhlste.2020.100273>
- Cotterell, D., Hales, R., Arcodia, C., & Ferreira, J. A. (2019). Overcommitted to tourism and under committed to sustainability: the urgency of teaching “strong sustainability” in tourism courses. *Journal of Sustainable Tourism*, 27(7), 882–902. <https://doi.org/10.1080/09669582.2018.1545777>
- Hall, C. M. (2021). Tourism and the Capitalocene: from Green Growth to ecocide. *Tourism Planning & Development*, 19(1), 61–74. <https://doi.org/10.1080/21568316.2021.2021474>
- Higgins-Desbiolles, F. (2018). Sustainable tourism: sustaining tourism or something more? *Tourism Management Perspectives*, 25, 157–160. <https://doi.org/10.1016/j.tmp.2017.11.017>
- Prince, S. (2020). From sustainability to the Anthropocene: reflections on a pedagogy of tourism research for planetary attachment. *Journal of Teaching in Travel & Tourism*, 20(3), 173–189. <https://doi.org/10.1080/15313220.2020.1797608>
- Saarinen, J. (2014). Critical sustainability: setting the limits to growth and responsibility in tourism. *Sustainability*, 6(1), 1–17. <https://doi.org/10.3390/su6010001>
- Van der Duim, R. (2007). Tourismscapes: An actor–network perspective. *Annals of Tourism Research*, 34(4), 961–976. <https://doi.org/10.1016/j.annals.2007.05.008>

4.

Metodologia de ensino-aprendizagem

As aprendizagens ao nível das competências são adquiridas essencialmente através dos métodos de trabalho. É no praticar que habilidades como a capacidade de análise, a produção de juízos fundamentados, a autonomia, ou as competências comunicacionais se desenvolvem e exercitam.

O modelo de escola tradicional, de tipo expositivo, onde a pessoa que faz a docência é protagonista de toda a ação desenvolvida em sala de aula e a turma é reduzida a mera audiência, não é compatível com a realização deste género de aprendizagens. Estas requerem formas de ensino-aprendizagem mais ativas, participadas e enfocadas na agência das pessoas que estão a aprender. Assim, sem abandonar por completo algumas fórmulas pedagógicas mais convencionais de transmissão de conhecimentos, que a experiência de três décadas de ensino me diz que a maioria do grupo de estudantes continua a apreciar por transmitir segurança, proponho para esta UC uma metodologia de ensino-aprendizagem balanceada, com o funcionamento em aulas teórico-práticas. Neste modelo uma parte das sessões é dedicada à apresentação de conceitos, à exposição de teorias e à síntese de matérias pela pessoa que assegura a docência; estas aulas, ditas «teóricas», são sempre suportadas por materiais audiovisuais, designadamente coleções de *slides* com os destaques e resumos dos tópicos que estão a ser desenvolvidos, e dados e imagens (esquemas conceptuais, gráficos, mapas e fotografias, ou ilustrações) para comentar ou para eliciar discussão. Outra parte das sessões é protagonizada pela turma, através do envolvimento em dois tipos de atividades, a que correspondem também dois modelos distintos de funcionamento das aulas, a saber:

- **aulas-debate**, que consistem em seminários de discussão de textos, moderados por quem assegura a docência. Artigos ou capítulos de livros são indicados previamente para leitura e é fornecido à turma um guião de orientação para a referida leitura; a turma é convidada a ler antecipadamente os textos, fora da sala de aula, e depois, em pequenos grupos, a preparar uma discussão sobre o texto com base no guião fornecido; na aula, os vários grupos confrontam ideias, e a pessoa docente anima e orienta o debate; o objetivo é estimular a autoaprendizagem, a capacidade de identificar problemas, de ler e tirar conclusões da leitura de textos científicos avançados, de construir argumentos e de os fundamentar, e, ao mesmo tempo, exercitar as competências pessoais envolvidas no trabalho de grupo e a oralidade;
- e **aulas-oficina**, destinadas ao desenvolvimento de exercícios práticos, de trabalhos de pesquisa em grupo com supervisão docente, e à comunicação dos respetivos resultados. O objetivo nestas sessões é que o grupo de estudantes aprenda a resolver problemas, a escolher as fontes de informação e o tipo de dados adequados, a planear tarefas e gerir o tempo, a tirar conclusões das suas observações, e ainda a exercitar as competências pessoais necessárias para o trabalho de grupo.

Além das sessões acima descritas, decorridas em sala de aula, propõe-se a realização de uma visita de estudo. Além de cortarem a rotina das aulas, as visitas de estudo favorecem as competências de observação e o apreço pelos dados primários recolhidos no campo, ao mesmo tempo que estimulam a capacidade de registar e relacionar factos observados, de produzir sínteses a partir dessas observações, e de distinguir descrições de explicações.

Obviamente, mesmo nas aulas teóricas, em que o principal protagonista em sala é a pessoa encarregue da docência, será sempre reservado tempo para a turma reagir, colocando dúvidas ou juntando comentários. A interação e o diálogo docente-estudante e estudante-estudante devem ser fortemente estimulados. Ademais serão recomendadas, em todas as aulas teóricas, leituras para aprofundamento individualizado das matérias tratadas, também como forma de capacitar o grupo de estudantes para uma aprendizagem autónoma ao longo da vida.

5. Bibliografia de apoio

É comum em qualquer universidade que os programas das UC sejam publicitados com uma pequena lista de bibliografia geral. Normalmente compõem essa lista manuais e compêndios ou antologias com ambição de proporcionarem sínteses. Devem ser obras que forneçam conhecimentos de base e que, versando um amplo leque de temas, possam ser úteis para vários pontos do programa. A coordenação dos cursos de 1º Ciclo do IGOT tem recomendado que essa lista ronde a meia dúzia de títulos. Idealmente deverá incluir obras em língua portuguesa para evitar a exclusão de estudantes com um domínio mais fraco das línguas estrangeiras. Era costume no passado tentar-se algum equilíbrio entre obras em língua inglesa e em língua francesa para ir ao encontro de diferentes preferências, mas essa questão perdeu pertinência porque a proficiência no inglês entre a população jovem que chega à universidade melhorou bastante, enquanto, pelo contrário, a familiaridade com o francês se tornou uma raridade. Outra condição a observar é a acessibilidade às obras, devendo assegurar-se que os títulos recomendados se encontram presentes fisicamente nas bibliotecas universitárias ou que estão disponíveis nas coleções digitais por elas subscritas.

Assim, a bibliografia geral recomendada para a UC Geografia do Turismo é composta pela seguinte lista de títulos:

- Fletcher, J., Fyall, A., Gilbert, D., & Wanhill, S. (2018). *Tourism: Principles and practices* (6ª ed.). Pearson.
- Gravari-Barbas, M., & Jacquot, S. (2018). *Atlas mondial du tourisme et des loisirs. Du Grand Tour aux voyages low cost*. Autrement.
- Lew, A. A., Hall, C. M., & Williams, A. M. (Eds.). (2007). *Compêndio de turismo* (L. Couceiro Feio et al., Trad.). Instituto Piaget. (Obra original de 2004)
- Nelson, V. (2021). *An introduction to the geography of tourism* (3ª ed.). Rowman & Littlefield.
- Pearce, D. G. (2021). *Tourist destinations: Structure and synthesis*. CABI.
- Williams, S., & Lew, A. A. (2015). *Tourism geography: Critical understandings of place, space and experience* (3ª ed.). Routledge.
- Wilson, J. (Ed.). (2012). *The Routledge handbook of Tourism Geography*. Routledge.

Qualquer destas obras é insuspeita quanto à qualidade e ao rigor e, no seu conjunto, complementam-se bastante. Os manuais de Fletcher et al. (2018, inicialmente publicado em 1993) e de Williams e Lew (2015, com a primeira edição em 1998) são obras clássicas no ensino do turismo e da Geografia do Turismo em particular, objeto já de várias reedições, sempre revistas e atualizadas. São manuais muito completos e abrangentes, organizados de forma lógica, cujos capítulos se fazem acompanhar de úteis resumos, palavras-chave, destaques, e questões para aprofundamento, além de primarem pelas excelentes sínteses de teoria. O manual de Nelson (2021, com primeira

edição de 2013) é uma síntese especialmente clara e muito atenta às novidades da Geografia do Turismo, que se distingue por procurar integrar olhares da Geografia Física e da Geografia Humana. A antologia editada por Lew, Hall e Williams (2007) é a versão portuguesa do célebre *A companion to tourism* (2004), obra que, embora já não recente, reúne contributos de especialistas mundiais dos estudos turísticos, e que aqui aparece a pensar sobretudo em estudantes com maiores dificuldades no inglês (apesar da tradução não ser irrepreensível). Já a obra editada por Wilson (2012) é uma antologia de capítulos breves, objetivos e diretos, sustentados em literatura sólida e pertinente, onde se resumem os grandes temas da Geografia do Turismo (turismo de massa, turismo em regiões costeiras, turismo rural, turismo em cidades, etc.) e onde se apresentam, condensadas em sínteses eficazes, diferentes perspetivas teóricas e abordagens representativas da pluralidade dos olhares da disciplina (análise espacial, pós-estruturalismo, pós-colonialismo, perspetivas *queer*, fenomenologia, etc.). Por sua vez, o livro recomendado de Pearce (2021) é uma obra recente que oferece a mais completa síntese que conheço da estrutura espacial e morfologia dos destinos turísticos, numa abordagem multiescalar, ricamente ilustrada com estudos de caso de diversos pontos do mundo. Por fim, a obra de Gravari-Barbas e Jacquot (2018) é um atlas histórico-geográfico sobre a evolução do turismo e a variedade das práticas turísticas no mundo; embora antecipe que poucas pessoas no grupo de estudantes prefira o francês, e que a maioria tenha até dificuldades com a língua, o facto de ser uma obra fortemente visual torna o acesso aos conteúdos intuitivo e permite contornar a barreira linguística.

Esta bibliografia geral não dispensa a existência de outra bibliografia específica para cada ponto do programa. De facto, nem todos os tópicos do programa estão suficientemente cobertos nestas obras de síntese, sobretudo temas emergentes. Alguns assuntos de maior relevância ou complexidade podem precisar de desenvolvimento com mais bibliografia, enquanto para outros tópicos há por vezes literatura mais sucinta e eficaz. Assim, além da lista de bibliografia geral que é publicada no início do semestre, cada ponto do programa terá uma lista de bibliografia específica que vai sendo recomendada no decurso das aulas, bibliografia essa que se apresenta na segunda parte deste relatório com um comentário justificativo de enquadramento na estratégia de ensino-aprendizagem.

Para ajudar o grupo de estudantes a orientar as leituras, a bibliografia específica é repartida entre Leituras Principais e Leituras Complementares. O primeiro grupo abarca os títulos considerados básicos, fundamentais ou indispensáveis para apoiar as aprendizagens em cada ponto do programa e que são, portanto, de leitura mais necessária. Procurou-se incluir poucas referências neste conjunto de títulos para permitir que a sua leitura seja praticável. As Leituras Complementares, por sua vez, são títulos que se recomendam para quem pretenda consolidar, ter um enquadramento e explicação suplementar, ou aprofundar os conhecimentos sobre dado assunto. Estudantes que sintam mais dificuldades em certo ponto do programa sabem que podem encontrar material de apoio adicional para as suas aprendizagens nessa bibliografia; estudantes que tenham apreciado especialmente certa temática, ou desenvolvido um interesse particular por dado assunto, também poderão encontrar mais informação nessa lista de títulos acessórios. O objetivo é construir desta forma um modelo de ensino-aprendizagem flexível e personalizado, capaz de ir ao encontro (naturalmente, tanto quanto possível) das necessidades e dos interesses particulares de cada membro da turma.

6. Modelo de avaliação

O esquema de avaliação pensado para a UC Geografia do Turismo procura aferir as aprendizagens feitas quer ao nível dos conhecimentos quer das competências; por isso compreende elementos de vários tipos. Está pensado também em conformidade com o Regulamento Geral de Avaliação dos Cursos de 1º Ciclo do IGOT em vigor. Este consagra a obrigatoriedade da frequência das aulas e define a avaliação contínua como regra, com um mínimo de dois elementos de avaliação, um dos quais obrigatoriamente individual, escrito e presencial. Porém, estudantes para quem a lei preveja um regime especial de proteção no estudo, ou que participem em programas de voluntariado do IGOT, podem requerer um Regime de Avaliação Especial mais permissivo em relação à assiduidade, que isenta da obrigatoriedade de presença em três quartos das aulas. Em caso de reprovação na avaliação contínua, o Regulamento Geral de Avaliação prevê ainda que se possa aceder a uma Época de Recurso. Esta avaliação em Época de Recurso consiste tipicamente num exame escrito, não ponderando a nota nele obtida com os resultados da avaliação contínua.

A turma realizará ao longo do semestre várias atividades práticas nas aulas. Estão previstas neste programa cinco sessões de aula-debate. Além disso, mesmo nas sessões teóricas, é sempre reservado tempo para se colocarem dúvidas e o debate é estimulado, motivo por que o desempenho nas aulas é considerado significativamente na avaliação. Além disso, proponho a realização de quatro exercícios em grupo, dois dos quais poderão redundar em entregas escritas para avaliação (trabalhos a desenvolver nos módulos 2.1 e 2.2 do programa), e outros dois, mais simples e breves, que apenas terão apresentação e discussão oral dos resultados (correspondentes ao módulo 1.2 do programa). Naturalmente, são propostas que podem ser consideradas em alternativa, se a opção for dedicar mais tempo a uma delas. A ponderação do peso de cada elemento na avaliação final será acordada com a turma na primeira aula do semestre, dentro de intervalos propostos.

Assim, para as pessoas inscritas no Regime Geral de Avaliação, estão previstos como elementos de avaliação os seguintes elementos:

- 1 teste escrito individual, com a duração de 2 horas, a realizar no final do semestre; este teste escrito terá um peso na avaliação final que pode variar entre 50% e 55%;
- Um ou dois trabalhos de grupo com apresentação escrita, valendo no conjunto entre 25% e 35% da nota final; optando por realizar os dois, o primeiro com peso entre 10% a 15% (Módulo 2.1 do programa) e o segundo com 15% a 20% (Módulo 2.2);
- e, por último, a participação nas aulas, com particular atenção ao desempenho nas aulas-debate e nas aulas-oficina, que terá um peso na nota final entre 15% e 20%.

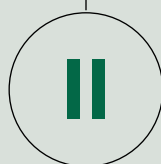
Por sua vez, para as pessoas elegíveis que optem por inscrição no Regime de Avaliação Especial aplicam-se as seguintes regras:

- 1 teste escrito individual, com a duração de 2 horas, a realizar no final do semestre, com um peso na avaliação final de 75%;
- 1 trabalho escrito individual sobre o Módulo 2.2 do programa (semelhante ao terceiro trabalho de grupo do Regime Geral de Avaliação), com discussão oral, com peso de 25%.

Propõe-se que o teste escrito individual seja composto por questões de desenvolvimento médio (quatro tópicos para comentar). A avaliação do teste, além de aferir se os resultados de aprendizagem definidos para a(s) unidade(s) do programa a que cada tópico reporta foram alcançados, deve considerar as aprendizagens ao nível de competências. Assim, serão critérios de avaliação a ter em conta a capacidade crítica de analisar e confrontar argumentos concorrentes para a explicação dos problemas e de decidir entre eles, a capacidade de formular juízos e argumentar de forma fundamentada, e as qualidades comunicacionais, o que significa avaliar não apenas se há um uso correto e qualificado da forma escrita da língua como também se o discurso está focado nos assuntos pertinentes e se as ideias são expostas de forma lógica.

Nos trabalhos escritos a realizar em grupo, as competências acima referidas serão igualmente critérios de avaliação. Além disso, serão tidas em conta a capacidade analítica de identificar problemas e estabelecer nexos entre observações e argumentos, competências sistémicas relacionadas com o planeamento e organização de tarefas e a autonomia na sua realização, a orientação para a qualidade e a exatidão, e as competências pessoais envolvidas no trabalho em grupo.

Por fim, as tarefas das aulas-debate serão especialmente indicadas para aferir as competências relacionadas com a capacidade de distinguir entre observações e explicações, de analisar e confrontar argumentos alternativos e de formular juízos devidamente fundados, além das competências comunicacionais orais.



Implementação do programa

1.

Aspetos estruturais do turismo

Este primeiro bloco do programa visa proporcionar o embasamento teórico de partida para quem está a dar os primeiros passos no estudo geográfico do turismo. O objetivo é fixar lexicologia básica, conceitos fundamentais e ainda sistematizar e sintetizar algumas das teorias essenciais ou mais comuns nos estudos turísticos.

Está previsto que se dediquem as primeiras nove aulas do semestre a este bloco. É uma opção que se toma tendo em conta o equilíbrio entre as necessidades de aprendizagens específicas das matérias previstas e o tempo total de que se dispõe para o desenvolvimento da UC. Haverá decerto quem considere que dedicar um terço do tempo letivo será demasiado para um bloco introdutório e de enquadramento, contudo é preciso recordar que não há na formação prévia do grupo de estudantes que se inscrevem nesta UC familiaridade com as temáticas do turismo. Também se pode apontar a crítica contrária e lamentar que não se reserve mais tempo a este capítulo atendendo à extensão e complexidade das matérias que serão exploradas. É o compromisso possível considerando que a UC poderá ocupar no máximo 27 sessões. Acresce que o facto de ser uma parte do programa em que se abordam sobretudo matérias gerais e de base significa que existe já sobre estes conteúdos um número generoso de boas sínteses publicadas. Tal facto facilitará as aprendizagens a partir de leituras fora da sala de aula, garantindo ao grupo de estudantes a possibilidade de alargar ou robustecer os conhecimentos através de leituras autónomas caso sinta necessidade; isto compensará que não sejam dedicadas mais horas de contacto a estas aprendizagens.

O quadro 1 resume a planificação das aulas deste bloco inicial. Como parte da primeira sessão será usada para apresentação do programa e esclarecimentos gerais sobre a UC, fica destinada a este bloco uma carga horária letiva total de cerca de 15 horas. Tendo em conta a finalidade e tipo de matérias a desenvolver, as aulas serão maioritariamente teóricas, todavia está planeada a realização de uma aula-debate em parte da Aula 3, e haverá uma tarefa de grupo lançada na Aula 6 e apresentada e concluída na aula seguinte. Explica-se melhor em que consistirão esses exercícios na densificação dos pontos do programa que se segue.

Quadro 1. Planificação das aulas do bloco programático «1. Aspetos estruturais do turismo»

	Conteúdo programático	Tipologia
Aula 1	0. Apresentação	T
Aula 2	1.1. Turistas, turismo e mobilidades turísticas	
Aula 3		
Aula 4	1.2. A oferta turística	T
Aula 5		
Aula 6		AO
Aula 7		
Aula 8	1.3. A procura turística	T
Aula 9		

T – Aula teórica; AD – Aula-debate; AO – Aula-oficina

Em termos de alinhamento e integração nos objetivos de aprendizagem específicos definidos para a UC, este bloco concorrerá especialmente para:

- discutir o turismo no contexto das mobilidades;
- identificar as redes de atores e actantes que ativam e operacionalizam o turismo, a diferentes escalas (do local ao global), e descrever o seu funcionamento;
- distinguir diferentes motivações turísticas, tipos de turistas e tipos de turismo;
- compreender a importância dos elementos biofísicos para o desenvolvimento do turismo e as interações socioambientais que nele se produzem;
- e descrever e explicar a evolução e os ritmos do turismo, em diferentes escalas temporais (interanual, sazonal, hebdomadário, etc.).

Por sua vez, em termos mais abrangentes, pensando nos objetivos de aprendizagem terminais para que a UC pretende concorrer, podemos considerar que este primeiro bloco do programa se relaciona especialmente com os desafios de:

- descrever e compreender processos que operam em diferentes escalas espaciais e temporais;
- reconhecer a presença e importância dos elementos biofísicos nas culturas humanas e os entrelaçamentos sociedade-natureza, da escala local à global;
- analisar e explicar o papel da distância, das barreiras, e das redes nas interações espaciais (entre lugares e regiões);
- e pensar em termos de sistemas de lugares e fluxos.

1.1. Turistas, turismo e mobilidades turísticas

Resultados de aprendizagem esperados

No final deste módulo do programa é esperado que o grupo de estudantes:

- saiba definir turismo;
 - use os conceitos relativos a viagens e turismo nos termos recomendados pelas organizações estatísticas internacionais;
 - compreenda a relação entre turismo e lazer;
 - descreva o sistema espacial de funcionamento do turismo;
 - discuta as mobilidades turísticas além do turismo *stricto sensu*, reconhecendo as suas relações com outras formas de mobilidades privilegiadas.
-

Resumo dos conteúdos

1. A origem do termo «turismo»

Etimologia e primeiras dicionarizações da palavra. A hipótese de Leiper (1983) sobre a origem do termo. O Grand Tour como momento fundador do turismo.

2. Turismo e lazer

Uso do tempo e lazer. O trabalho não-remunerado e o *continuum* trabalho-lazer. Conceito de liberdade percebida. A ambiguidade do lazer «sério» (*serious leisure*). Viagens em férias e turismo de lazer. Viagens turísticas em «zonas cinzentas» da liberdade percebida (turismo de saúde, turismo educacional, viagens para a realização de provas desportivas, etc.). Turismo por razões profissionais.

3. Definições técnicas relativas a viagens e turismo

As definições propostas pela Divisão de Estatísticas da ONU: viajante e visitante; turista e excursionista (*one-day visitor*); viagem turística e visita turística. O conceito de ambiente habitual e as dificuldades inerentes à sua definição.

4. O sistema espacial do turismo

O modelo de Leiper (1979) sobre o sistema espacial do turismo, com os seus três elementos: áreas geradoras de turistas (*tourist generating regions*), áreas de destino de turistas (*tourist destination regions*) e rotas de trânsito (*transit routes*). Conceitos de destino principal e destino secundário. O conceito ampliado de espaços de deslocamento: zonas de atravessamento (rotas de trânsito) e espaços infraestruturais (fixos condutores). O modelo de Nelson (2013): o turismo como *continuum* antes, durante e após a viagem e as suas várias geografias, reais e imagéticas.

5. O âmbito geográfico das viagens turísticas

Mobilidades de lazer numa perspetiva espaciotemporal. O âmbito geográfico do turismo na perspetiva das contas nacionais: turismo doméstico, turismo emissor ou emissivo (*outbound tourism*) e turismo recetor ou recetivo (*inbound tourism*); turismo interno, turismo nacional e turismo internacional.

6. Residências secundárias, mobilidades privilegiadas e habitar multilocal

O paradigma das novas mobilidades, estilos de vida móveis, e os entrelaçamentos de migração-turismo-habitar. Mobilidades privilegiadas nas fronteiras do turismo: migrações para beneficiar de amenidades (*amenities migration*), mobilidades por estilo de vida (*lifestyle mobilities*), migrações sazonais de pessoas reformadas (*snowbird retirees*), estudantes Erasmus, nómadas digitais, etc. Do turismo de residência secundária ao habitar multilocal.

Atividades propostas

Reportando-se a perspectivas teóricas emergentes, eventualmente mais controversas, o tópico 6 deste módulo será aprofundado numa aula-debate dedicada à discussão de três textos. São eles:

- Cohen, S. A., Duncan, T., & Thulemark, M. (2015). Lifestyle mobilities: the crossroads of travel, leisure and migration. *Mobilities*, 10(1), 155-172. <https://doi.org/10.1080/17450101.2013.826481>
- Sheller, M., & Urry, J. (2006). The new mobilities paradigm. *Environment and Planning A: Economy and Space*, 38(2), 207-226. <https://doi.org/10.1068/a37268>
- Schier, M., Hilti, N., Schad, H., Toppel, C., Dittrich-Wesbuer, A., & Monz, A. (2015). Residential multi-locality studies – The added value for research on families and second homes. *Tijdschrift voor Economische en Sociale Geografie*, 106(4), 439-452. <https://doi.org/10.1111/tesg.12155>

A discussão deve iniciar-se com Scheller e Urry (2006) para introduzir a ideia da hipermobilidade (pós-)moderna e das «novas mobilidades», em que se interseccionam e misturam diferentes motivações e temporalidades no viajar e permanecer nos lugares. O texto de Cohen, Duncan e Thulemark (2015) permitirá explorar o conceito de mobilidades por estilo de vida e o esbatimento das fronteiras conceptuais entre migração, turismo e habitar. Finalmente, Schier et al. (2015) será a base para polemizar o conceito de residência secundária em face do habitar multilocal.

Como metodologia, sugere-se dividir a turma em três grupos, cada qual responsável pela leitura, apresentação e discussão de um dos textos. Os textos são distribuídos previamente para preparação em casa com a recomendação de que a leitura seja orientada para a identificação da problemática em análise, tese(s) proposta(s) no artigo, e identificação dos principais conceitos. O debate ocupará parte da Aula 3 (cerca de uma hora).

Bibliografia específica

Leituras principais

- Leiper, N. (1979). The framework of tourism. Towards a definition of tourism, tourist and the touristic industry. *Annals of Tourism Research*, 6(4), 390-407. [https://doi.org/10.1016/0160-7383\(79\)90003-3](https://doi.org/10.1016/0160-7383(79)90003-3)
É uma obra fundamental da teoria do turismo, onde se discutem e põem em confronto abordagens técnicas e heurísticas aos conceitos de turismo e turista, e onde Neil Leiper apresenta

o seu modelo sistémico de funcionamento espacial do turismo, organizado a partir de áreas geradoras de turistas, rotas de trânsito, e áreas de destino de turistas, interconectadas pelas «indústrias» do turismo.

- **UN Statistics Division. (2010). *International recommendations for tourism statistics 2008* (ST/ESA/STAT/SER.M/83/Rev.1). United Nations Publication.**
<https://unstats.un.org/unsd/trade/IRTS/IRTS%202008%20unedited.pdf>

Neste documento podem encontrar-se as definições técnicas relativas a viagens e turismo usadas para harmonização das estatísticas internacionais. Recomenda-se para este módulo do programa a leitura do Cap.2 («The demand perspective: basic concepts and definitions», pp. 9-22), onde se explanam as definições a que aludem em especial os tópicos 3 e 5.

- **Williams, S., & Lew, A. A. (2015). *Tourism geography: Critical understandings of place, space and experience* (3ª ed.). Routledge.**

Deve ler-se o Cap.1 («Tourism, geography and geographies of tourism», pp. 27-50), que faz uma síntese das dificuldades relacionadas com a definição de turismo, discute as relações entre turismo e lazer, além de proporcionar uma abordagem das mobilidades turísticas a partir de uma perspetiva integrada espaciotemporal (*time geography*).

Leituras complementares

- **Barros, J. A. (2020). Fixos e fluxos: revisitando um par conceitual. *Cuadernos de Geografía: Revista Colombiana de Geografía*, 29(2), 493-504.** <https://doi.org/10.15446/rcdg.v29n2.81618>

Relevante para o tópico 4 deste módulo do programa. O artigo debate os conceitos de fluxo e fixo em Milton Santos, a cujo par conceitual junta o conceito de fixo condutor para descrever as infra-estruturas de mobilidade. É a base para a proposta de evolução do conceito de rota de trânsito de Leiper (1979) para a noção de espaços de trânsito.

- **Cohen, S. A., Duncan, T., & Thulemark, M. (2015). Lifestyle mobilities: the crossroads of travel, leisure and migration. *Mobilities*, 10(1), 155-172.** <https://doi.org/10.1080/17450101.2013.826481>

É uma das leituras propostas para a atividade da aula-debate.

- **Croucher, S. (2012). Privileged mobility in an Age of Globality. *Societies*, 2(1), 1-13.** <https://doi.org/10.3390/soc2010001>

Para consolidar o tópico 6. Trata-se de um dos primeiros trabalhos a usar o conceito de mobilidade privilegiada, que define e discute.

- **Fletcher, J., Fyall, A., Gilbert, D., & Wanhill, S. (2018). *Tourism: Principles and practices* (6ª ed.). Pearson.** Sugere-se a leitura do Cap. 1 («An introduction to tourism», pp. 1-19), útil tanto para o ponto 1.1 como para o ponto 1.2 do programa. Complementa a leitura de UN Statistics Division (2010) e ajuda a interpretar as definições técnicas relativas a viagens e turismo.

- **Garrod, B. (2012). Serious leisure. In P. Robinson (Ed.), *Tourism: The key concepts* (pp. 179-183). Routledge.** Uma nota breve, na forma de entrada em enciclopédia, apenas para esclarecer e enquadrar o conceito de lazer «sério». Para o tópico 2.

- Hall, C. M., Williams, A. M., & Lew, A. A. (2007). Turismo: conceitos, instituições e temas. In A. A. Lew, C. M. Hall, & A. M. Williams (Eds.), *Compêndio de turismo* (L. Couceiro Feio et al., Trad., pp. 23–41). Instituto Piaget. (Obra original de 2004)
Este texto pode ser uma alternativa ao capítulo de Fletcher et al. (2018) acima citado para quem se sinta menos confortável com bibliografia em língua inglesa.
- Leiper, N. (1983). An etymology of “tourism”. *Annals of Tourism Research*, 10(2), 277–280. [https://doi.org/10.1016/0160-7383\(83\)90033-6](https://doi.org/10.1016/0160-7383(83)90033-6)
Recomendado como leitura de aprofundamento para o tópico 1, nomeadamente para conhecer a hipótese de Neil Leiper sobre a origem etimológica dupla do termo turismo.
- Müller, D. (2007). Mobilidade, turismo e segunda habitação. In A. A. Lew, C. M. Hall & A. M. Williams (Eds.), *Compêndio de turismo* (L. Couceiro Feio et al., Trad., pp. 433–445). Instituto Piaget. (Obra original de 2004)
Este é um texto de síntese onde se discute o conceito de residência secundária e o habitar transitório dos lugares, se problematiza o seu encaixe na categoria teórica de turismo, e se apresenta uma tipologia das situações enquadráveis como residências secundárias. (A tradução adota a expressão «segunda habitação» em vez de «residência secundária»). Para o tópico 6.
- Nelson, V. (2021). *An introduction to the geography of tourism* (3ª ed.). Rowman & Littlefield.
Recomenda-se a leitura do Cap. 2 («Basic concepts in tourism», pp. 27–50), que aliás é de utilidade para os três pontos deste primeiro bloco do programa (1.1, 1.2 e 1.3). Aspetos relacionados quer com a formação da procura turística quer com a organização da oferta são apresentados em termos simples e diretos, assim como conceitos básicos da terminologia turística. No entanto, é sobretudo aconselhado para se conhecer a teoria da autora sobre o turismo como um fluxo que percorre sucessivas geografias reais e imaginárias desdobradas ao longo de quatro fases: «pré-viagem», «movimento», «experiência» e «pós-viagem» (tópico 4 deste módulo do programa).
- Schier, M., Hilti, N., Schad, H., Toppel, C., Dittrich-Wesbuer, A., & Monz, A. (2015). Residential multi-locality studies – The added value for research on families and second homes. *Tijdschrift voor Economische en Sociale Geografie*, 106(4), 439–452. <https://doi.org/10.1111/tesg.12155>
É uma das leituras propostas para a atividade da aula-debate, para discutir o habitar multilocal.
- Sheller, M., & Urry, J. (2006). The new mobilities paradigm. *Environment and Planning A: Economy and Space*, 38(2), 207–226. <https://doi.org/10.1068/a37268>
Trata-se de uma obra-marco na «viragem das mobilidades», onde se discute a natureza móvel da contemporaneidade, a crescente interseccionalidade das mobilidades, e as relações entre fluxos e infraestruturas de mobilidade como expressão da tensão entre forças de desterritorialização e reterritorialização. É uma das leituras propostas para a atividade da aula-debate.
- Smith, S. L. J. (1990). *Dictionary of concepts in recreation and leisure studies*. Greenwood Press.
Estamos em face de um livro organizado segundo o modelo de uma enciclopédia, onde, em poucas páginas, se explanam conceitos e se faz uma síntese da teoria essencial. Recomendam-se especialmente duas entradas (para o tópico 2): «Leisure» (pp. 179–187), onde se faz uma discussão sucinta e clara sobre o lazer a partir de diferentes perspetivas filosóficas e onde se confrontam

abordagens da filosofia, psicologia e sociologia; e «Perceived freedom» (pp. 235-238), que se aconselha para uma sistematização do conceito de liberdade percebida.

- **Towner, J. (1985).** *The Grand Tour: A key phase in the history of tourism.* *Annals of Tourism Research*, 12(3), 297-333. [https://doi.org/10.1016/0160-7383\(85\)90002-7](https://doi.org/10.1016/0160-7383(85)90002-7)

Um artigo útil para se perceber, em poucas páginas, o que foi o Grand Tour e o que representou na história cultural ocidental moderna.

- **Umbelino, J. (1999).** *Lazer e território. Contributo geográfico para a análise do uso do tempo.* Centro de Estudos de Geografia e Planeamento Regional.

Recomenda-se a leitura do Cap.3 («A percepção e o estudo do lazer — síntese bibliográfica», pp. 45-80). O capítulo proposto providencia uma revisão integrativa do pensamento de autores «clássicos» que, a partir de disciplinas como a sociologia, economia e filosofia, procuraram definir e descrever o lazer e explicar a sua função. Útil para o tópico 2.

1.2. A oferta turística

Resultados de aprendizagem esperados

No final deste módulo do programa é esperado que o grupo de estudantes:

- compreenda a organização sistémica do turismo e o seu funcionamento;
 - compreenda os aspetos básicos da acumulação de capital no turismo e discuta o papel do Estado nesse processo;
 - descreva a cadeia de abastecimento do turismo;
 - identifique recursos turísticos e compreenda como se produz o poder de atração de elementos localizados nos destinos;
 - relacione atrações, eventos e as temporalidades do turismo;
 - descreva a diversidade das infraestruturas turísticas, nomeadamente de hospedagem;
 - compreenda e aplique adequadamente o conceito de produto turístico;
 - compreenda a finalidade da Conta Satélite do Turismo e identifique as Atividades Características de Turismo (ACT).
-

Resumo dos conteúdos

1. O sistema turístico e o subsistema da oferta

Noção de sistema. O turismo como sistema. O subsistema da oferta segundo Gunn e Var (2002): (i) atrações, (ii) serviços, (iii) transportes; (iv) informação e (v) promoção. O papel dos governos e agências governamentais (poderes centrais e descentralizados) no subsistema da oferta. A imagem de destino e o *marketing* dos destinos. Das Destination Marketing Organizations (DMO.1.0) às Destination Management Organizations (DMO.2.0). O «sistema de produção do turismo» segundo Britton (1991).

2. Atrações e eventos

Recursos turísticos. A comodificação da natureza e da cultura e o desenvolvimento de atrações. Os sistemas de atração de turistas segundo Leiper (1990): turistas, *nucleus* e *markers*. Ambiguidades no conceito de atração: atrações *lato sensu*, atrações *strictu sensu* e eventos. Tipologias de atrações: (i) segundo a natureza do recurso; (ii) em função da permanência; (iii) segundo o tipo de propriedade e gestão; (iv) em resposta a diferentes «famílias» de necessidades. Tipos de eventos. A hierarquização das atrações em função do magnetismo/alcance: atrações primárias, secundárias e terciárias.

3. A cadeia de abastecimento no turismo

Noções de indústria e setor e dificuldades de aplicação ao turismo. A fragmentação da oferta e o conceito de cadeia de abastecimento (*supply chain*) no turismo. O conceito de economia da visitação (*visitor economy*).

4. Hospitalidade e hospedagem

O setor da hospitalidade: HORECA e «indústria» de eventos. Meios de hospedagem: (i) formas

hoteleiras; (ii) arrendamentos de férias/curta duração (*holiday/short-term rentals*) e formas residenciais comerciais (*commercial homes*); (iii) formas de alojamento móveis. «Capitalismo de plataforma» e meios de hospedagem: o caso da Airbnb. Os meios de hospedagem no ordenamento jurídico português: o regime jurídico dos empreendimentos turísticos e o regime jurídico do alojamento local.

5. As atividades características de turismo

Limitações dos sistemas de contas nacionais para a medição económica do turismo. A conta satélite do turismo (CST). Noções de produto característico de turismo (PCT) e produto turístico. As atividades características de turismo (ACT).

Atividades propostas

Para o desenvolvimento deste ponto do programa são propostas duas atividades práticas que implicam a realização de aulas-oficina. A primeira tem em vista expandir e aprofundar o conhecimento da variedade de infraestruturas e serviços de hospedagem, familiarizando o grupo de estudantes com a respetiva legislação de enquadramento e, indiretamente, com a estrutura do ordenamento jurídico português e a hierarquia dos seus dispositivos normativos. A turma será convidada a recorrer aos regimes jurídicos dos empreendimentos turísticos e do alojamento local, bem como à sua legislação de desenvolvimento, para definir e caracterizar diferentes tipos de ofertas, e depois identificar os critérios e parâmetros que diferenciam as várias categorias de estabelecimentos hoteleiros. O segundo exercício consistirá em identificar as ACT na Classificação Portuguesa das Atividades Económicas (CAE-Rev.3), ao nível de subclasse (cinco dígitos), transpondo a lista elencada no Anexo 4 da UN Statistics Division (2010), a qual está organizada segundo a nomenclatura da International Standard Industrial Classification of All Economic Activities (ISIC Rev. 4). Pretende-se que a partir da resolução deste problema, manuseando a informação, a turma amplie e aprofunde o conhecimento das ACT, contacte e ganhe familiaridade com a CAE e os sistemas estatísticos internacionais de classificação económica, e que ganhe consciência das dificuldades de operacionalização e limitações da CST.

As atividades serão realizadas em pequenos grupos. Na última parte da Aula 6 apresentam-se as tarefas a realizar, são indicadas as fontes a usar, e explicam-se os procedimentos. Na Aula 7 os grupos apresentam oralmente os resultados do trabalho e partilham as dificuldades sentidas. Serão convidados a realçarem as limitações que identificaram na CST; com base nestas limitações, é esperado que façam ainda um comentário crítico aos resultados da CST divulgados pelo Instituto Nacional de Estatística (INE).

O desenvolvimento destas atividades implica a utilização dos seguintes recursos:

- Decreto-Lei n.º 80/2017, de 30 de Junho.
- Portaria n.º 309/2015, de 25 de setembro (com a Declaração de Retificação n.º 49/2015, de 2 de novembro).
- Portaria n.º 937/2008, de 20 de agosto (com a Declaração de Retificação n.º 63-A/2008, de 17 de outubro).
- Portaria n.º 1320/2008, de 17 novembro.
- Lei n.º 62/2018, de 22 de agosto.

- Portaria n.º 262/2020, de 6 de novembro.
- Instituto Nacional de Estatística. (2007). *Classificação Portuguesa das Atividades Económicas Rev. 3*. https://www.ine.pt/ine_novidades/semin/cae/CAE_REV_3.pdf
- Instituto Nacional de Estatística. (2021). *Contas Satélites* [Base de dados]. Portal do INE. https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_cnacionais2010b2016&contexto=cs&selTab=tab3&perfil=392023991&INST=391970297
- UN Statistics Division. (2010). *International recommendations for tourism statistics 2008* (Annex 4, pp. 121-134) (ST/ESA/STAT/SER.M/83/Rev.1). United Nations Publication. <https://unstats.un.org/unsd/trade/IRTS/IRTS%202008%20unedited.pdf>

Bibliografia específica

Leituras principais

- Britton, S. (1991). *Tourism, capital, and place: towards a critical geography of tourism*. *Environment and Planning D: Society and Space*, 9(4), 451-478. <https://doi.org/10.1068/d090451>
Esta é uma obra de referência na abordagem crítica de base marxista ao turismo. O turismo é analisado e discutido no contexto da cultura de consumo. Desenvolve-se neste artigo a noção de sistema de produção do turismo e explora-se o conceito de comodificação (*commodification*) aplicado ao turismo, nomeadamente na criação de atrações e como base do consumo de lugares.
- Gunn, C. A., & Var, T. (2002). *Tourism planning: Basics, concepts, cases* (4ª ed.). Routledge.
É recomendado para leitura o Cap.2 («Tourism as a system», pp. 33-73), onde se proporciona uma visão sistémica do turismo com um enfoque no subsistema da oferta.
- McKercher, B., & Prideaux, B. (2020). *Tourism theories, concepts and models*. Goodfellow Publishers.
Propõe-se que se leia o Cap.4 («Attractions», pp. 66-88), pois faz uma revisão integrativa de síntese da teoria sobre as atrações turísticas, relações com o mercado e tipo de destinos, e sobre a sua hierarquização e taxionomia (atrações primárias, secundárias e terciárias; tipos de atrações segundo a natureza do recurso, segundo a «família» de motivações, etc.).
- UN Statistics Division. (2010). *International recommendations for tourism statistics 2008* (ST/ESA/STAT/SER.M/83/Rev.1). United Nations Publication <https://unstats.un.org/unsd/trade/IRTS/IRTS%202008%20unedited.pdf>
São recomendados para leitura dois capítulos deste relatório, um que desenvolve os conceitos de PCT e de ACT (Cap.5, «Classifications of products and productive activities for tourism», pp. 39-47), e outro que descreve o negócio dos estabelecimentos das ACT (Cap.6, «The supply perspective», pp. 49-59). A distinção entre PCT (conceito para fins estatísticos e de contabilidade nacional) e produto turístico (em termos holísticos, usado como conceito de *marketing*) é explorada na pág. 26, onde este é descrito como uma combinação de sítios, meios de hospedagem, serviços e atividades em torno de um «centro de interesse» específico (praia, vida rural, gastronomia, arqueologia, passeios na natureza, etc.).

Leituras complementares

- Adamiak, C. (2019). *Current state and development of Airbnb accommodation offer in 167 countries. Current Issues in Tourism*. <https://doi.org/10.1080/13683500.2019.1696758>

O artigo analisa a distribuição dos alojamentos listados na Airbnb à escala mundial, procurando identificar diferenças no tipo e quantidade da oferta por regiões e perscrutando as razões que podem explicar esses padrões. O estudo mostra os efeitos do «capitalismo de plataforma» na transformação da «indústria» de hospedagem, proporcionando não só uma imagem atualizada da relevância dos arrendamentos de curta duração no mundo como também da diversidade de formas que assumem (quartos isolados, vários quartos, habitações inteiras, «*multi-homes*», etc.). Será interessante retomar as conclusões deste estudo no ponto 2.1 do programa, onde se examina a estruturação regional do turismo mundial. Útil para aprofundar o tópico 4.

- Cocola-Gant, A., Jover, J., Carvalho, L., & Chamusca, P. (2021). *Corporate hosts: the rise of professional management in the short-term rental industry. Tourism Management Perspectives*, 40(4), Article 100879. <https://doi.org/10.1016/j.tmp.2021.100879>

Este artigo analisa a profissionalização dos serviços de hospedagem no arrendamento de curta duração por efeito do «capitalismo de plataforma», identificando diferentes tipos de atores envolvidos (proprietários isolados que asseguram a gestão; proprietários «*multi-listings*»; «*co-hosts*» correspondentes a diferentes graus de empresariação; etc.). Útil para conhecer a crescente variedade de atores a operarem na «indústria» de hospedagem. O artigo demonstra a inadequação da noção de economia de partilha para descrever as modalidades de hospedagem baseadas no arrendamento de curta duração. Recomendado para quem pretender aprofundar o tópico 4.

- Croy, G. (2012). *Destination image*. In P. Robinson (Ed.), *Tourism: The key concepts* (pp. 49–52). Routledge.

Recomendado para aprofundamento do tópico 1, em especial para sistematizar conhecimentos sobre o conceito de imagem de destino e para se ter uma história breve da sua evolução nos estudos de turismo. O texto explica em que consistem as componentes cognitiva, afetiva e conativa da imagem de destino, como operam e como se formam. Fontes orgânicas («*word-of-mouth*»), induzidas (meios oficiais e comerciais de promoção) e reais (experiência própria) de formação das imagens de destino são também identificadas.

- Fletcher, J., Fyall, A., Gilbert, D., & Wanhill, S. (2018). *Tourism: Principles and practices* (6ª ed.). Pearson. São sugeridos para leitura dois capítulos desta obra: um é o capítulo de abertura, já recomendado no módulo anterior (Cap.1, «An introduction to tourism», pp. 1-19), que se repete por fazer um enquadramento da conta satélite do turismo; o outro é o capítulo dedicado às atrações turísticas (Cap.13, «Attractions», pp. 308-343), onde há uma descrição mais minuciosa da sua variedade do que em McKercher e Prideaux (2020), e onde se discute o processo de desenvolvimento das atrações e os problemas da sua gestão por entidades públicas e privadas. Para os tópicos 2 e 5.

- Hujibens, E. H. (2012). *Tourism system*. In P. Robinson (Ed.), *Tourism: The key concepts* (pp. 254–256). Routledge.

Uma reflexão rápida, mas informativa, sobre o conceito de sistema e a sua aplicação ao turismo, tema introduzido no tópico 1. A nota parte do modelo sistémico de funcionamento espacial do

turismo de Leiper (1979), discute a influência desse modelo em várias teorizações do turismo, e passa rapidamente em revista outras aplicações da noção de sistema nos estudos de turismo.

- **Leask, A. (2016).** *Visitor attraction management: A critical review of research 2009–2014.* *Tourism Management*, 57, 334–361. <https://doi.org/10.1016/j.tourman.2016.06.015>
Para aprofundamento do tópico 2. São apresentadas e confrontadas diferentes definições de atração turística. Será útil para quem pretender conhecer mais sobre o debate teórico em torno deste conceito e ainda em relação ao seu efeito na competitividade dos destinos. A autora usa uma noção *stricto sensu* de atração que não considera os eventos.
- **Leiper, N. (1990).** *Tourist attraction systems.* *Annals of Tourism Research*, 17(3), 367–384. [https://doi.org/10.1016/0160-7383\(90\)90004-B](https://doi.org/10.1016/0160-7383(90)90004-B)
Recomendado para quem quiser consultar diretamente na fonte original a teoria dos «sistemas de atração de turistas», abordada no tópico 2, nomeadamente com os seus conceitos de *nucleus* (o facto ou característica do sítio que pode ser experienciado/visitado) e *marker* (o elemento enunciativo ou revestimento semiótico).
- **Lynch, P. A., McIntosh, A. J., & Tucker, H. (2009).** *Introduction.* In P. A. Lynch, A. J. McIntosh, & H. Tucker (Eds.), *Commercial homes in tourism: An international perspective* (pp. 1–21). Routledge.
Uma leitura recomendada para aprofundamento do tópico 4, em particular para saber mais sobre a hospedagem residencial comercial (*commercial homes*). O texto define e contextualiza a hospedagem residencial comercial como forma de alojamento turístico alternativo às modalidades hoteleiras. Além de discutir o conceito e a sua evolução, tipifica a variedade de formas que recobre.
- **Mason, P. (2021).** *Tourism impacts, planning and management* (4ª ed.). Routledge.
Com vista a dissipar alguma dúvida sobre o papel do Estado no subsistema da oferta (abordado no tópico 1), a relação entre políticas, planeamento e gestão, e para perceber o papel e a relação entre os vários atores com intervenção na gestão e operacionalização do turismo — turistas, comunidades locais ou anfitriãs, «indústria», e agências governamentais — pode ser proveitoso consultar os Cap.7 («Tourism planning and management: concepts and issues», pp. 85–104) e Cap.8 («The key players in tourism planning and management», pp. 105–123).
- **McKercher, B. (2017).** *Do attractions attract tourists? A framework to assess the importance of attractions in driving demand.* *International Journal of Tourism Research*, 19(1), 120–125. <https://doi.org/https://doi.org/10.1002/jtr.2091>
Para aprofundar o tópico 2, em particular para quem quiser explorar as relações entre atrações e o seu efeito na procura. Desenvolve-se o argumento de que a eficácia das atrações depende das motivações dos visitantes: uma atração será tão mais decisiva na escolha de um destino quanto mais específica for a motivação do visitante.
- **Nelson, V. (2021).** *An introduction to the geography of tourism* (3ª ed.). Rowman & Littlefield.
Sugere-se para este módulo do programa a leitura de dois capítulos desta obra. Um dos capítulos foi já proposto no módulo anterior (Cap.2, «Basic concepts in tourism», pp. 27–50). Uma qualidade desta obra é proporcionar explicações simples e objetivas dos conceitos, de modo que se propõe novamente aqui a sua consulta para uma sistematização e clarificação dos con-

ceitos relativos à oferta, sobretudo indicada para quem estiver menos confortável nestas aprendizagens. O outro capítulo recomendado é o Cap.6 («The physical geography of tourism», pp. 127-153) para uma discussão do conceito de recurso turístico, das técnicas de inventariação e auditoria de recursos turísticos, e uma revisão de vários tipos de recursos biofísicos (assunto explorado no tópico 2).

- **Page, S. J. (2019). *Tourism management* (6ª ed.). Routledge.**

Sugerem-se para leitura dois capítulos desta obra e ainda parte de um outro capítulo. O Cap.6 («Accommodation and hospitality services», pp. 205-244) oferece uma sistematização detalhada da variedade de formas de alojamento hoteleiro e dos seus modelos de organização empresarial, além de dedicar atenção aos alojamentos móveis, aspeto pouco tratado na demais bibliografia; pode encontrar-se ainda neste capítulo uma introdução ao conceito de economia da visitação (*visitor economy*) como alternativa a setor do turismo. Este será, portanto, um texto útil para consolidar as aprendizagens dos tópicos 3 e 4. O Cap.8 («Visitor attractions and events», pp. 293-330) é sobretudo útil para explorar o conceito de evento e a sua relação com o turismo, nele se apresentando uma taxionomia dos eventos e uma discussão dos problemas e desafios da sua organização e gestão (assunto tratado no tópico 2). Recomenda-se ainda a leitura da secção final do primeiro capítulo da obra (pp. 36-46), onde se apresenta e discute o conceito de cadeia de abastecimento (*supply chain*) aplicado ao turismo e se problematiza o papel das TIC e da Internet na integração e gestão do turismo (tópico 3).

- **Pike, S. (2004). *Destination marketing organisations*. Elsevier.**

Esta leitura ajuda a consolidar as matérias do tópico 1. A obra é no seu conjunto significativa para se compreender o papel das DMO no sistema turístico, os processos e mecanismos do *marketing* dos destinos, e a governança do turismo em geral. Porém, recomenda-se sobretudo o Cap.3 («DMO roles and structure», pp. 39-68), o qual permite uma primeira abordagem e visão geral da missão das DMO, da sua organização e forma de funcionamento, e do papel que nelas desempenha o Estado (entendido genericamente e não de forma exata, i.e. agências governamentais e governos locais) e os outros *stakeholders*.

- **Smith, S. L. J. (1994). The tourism product. *Annals of Tourism Research*, 21(3), 582-595.**

[https://doi.org/10.1016/0160-7383\(94\)90121-X](https://doi.org/10.1016/0160-7383(94)90121-X)

Importante para o tópico 5, pois é uma referência clássica na conceituação de produto turístico. Este é descrito como uma experiência holística que resulta da combinação de consumos tangíveis, espaços, serviços, a qualidade e o estilo com que os serviços são fornecidos, e ainda da atitude e performatividades das próprias pessoas que estão a fazer turismo e das interações que se produzem entre estas.

- **Smith, S. L. J. (2007). A dimensão do turismo global: velhos debates, novos consensos e desafios contínuos. In A. A. Lew, C. M. Hall & A. M. Williams (Eds.), *Compêndio de turismo* (L. Couceiro Feio et al., Trad., pp. 45-55). Instituto Piaget. (Obra original de 2004)**

Esta leitura é sugerida para consolidar os assuntos discutidos nos tópicos 3 e 5 deste módulo do programa, sobretudo para quem se sentir menos confortável com a bibliografia em língua inglesa.

- Wiscombe, C. A. (2012). Hospitality. In P. Robinson (Ed.), *Tourism: The key concepts* (pp. 99–103). Routledge.

O texto discute de forma rápida o conceito de hospitalidade, pondo em destaque a pluralidade de aceções que comporta. O texto começa por evidenciar a clivagem entre um conceito de hospitalidade como «indústria», reportando-se ao conjunto das atividades que providenciam bens e serviços a visitantes com intuito de assegurarem a sua receção e acolhimento, e outro de hospitalidade como atitude e cultura, sem deixar, no entanto, de reconhecer e evidenciar que os dois se entrecruzam. Depois, mostra que, mesmo quando limitado apenas à primeira aceção, pode haver interpretações mais ou menos abrangentes de hospitalidade (circunscrito ao conjunto HORECA ou alargado à «indústria» de eventos e animação). Recomenda-se, portanto, para enriquecer as aprendizagens do tópico 4.

1.3. A procura turística

Resultados de aprendizagem esperados

No final deste módulo do programa é esperado que o grupo de estudantes:

- use adequadamente conceitos relacionados com procura turística e mercados;
 - consiga explicar por que razões as pessoas fazem turismo;
 - compreenda os motivos por que nem todas as pessoas têm acesso semelhante ao turismo;
 - compreenda aspetos básicos da tomada de decisão na escolha de produtos turísticos e destinos, identificando fatores intervenientes;
 - conheça algumas tipologias psicográficas de turista e estabeleça conexões entre as suas características, tipos de turismo e diferentes destinos.
-

Resumo dos conteúdos

1. Noções económicas básicas e sua aplicação ao turismo

Conceito de procura em economia de mercado. Elasticidade da procura. Bens essenciais vs. bens de luxo e relação com o consumo de turismo. Os conceitos de procura potencial, procura reprimida e procura diferida de turismo.

2. Formação da procura turística

Motivações e determinantes da procura. Determinantes pessoais e determinantes externas. «Energizadores» (*energisers*) e «efetores» (*effectors*). *Push factors* e *pull factors*. Categorias de motivações: as tipologias de McIntosh, Goeldner e Ritchie (1995) e de Horner e Swarbrooke (2016). Relação entre motivações e produtos turísticos. O «olhar de turista» (ou «olhar turístico») (*tourist gaze*). Imagem do destino e efeito na procura. Teorias de síntese sobre a tomada de decisão dos consumidores em turismo: o exemplo do modelo de Moscardo et al. (1996).

3. Segmentações da procura e mercados turísticos

Segmentações sociodemográficas do mercado: classe; idade e ciclo de vida familiar; género e sexualidade; contexto cultural e nacionalidade. Segmentações psicográficas: os tipos de turistas segundo Cohen (1972) e Plog (2001). Relação entre tipos de turista, tipos de turismo e destinos.

Bibliografia específica

Leituras principais

- Fletcher, J., Fyall, A., Gilbert, D., & Wanhill, S. (2018). *Tourism: Principles and practices* (6ª ed.). Pearson. Recomendam-se dois capítulos desta obra geral como leitura de base para o presente módulo. O Cap.2 («The nature of tourism demand», pp. 25-39) descreve e explica os conceitos económicos básicos relativos à procura de turismo (tópico 1), discutindo a relação entre procura e preço e a noção de elasticidade. O Cap.3 («Tourism consumer behaviour», pp. 40-66) explora os mecanismos de formação da procura turística, os fatores e principais eixos de segmentação do mercado, e a tomada de decisão dos consumidores de turismo, nele se passando em revista vários modelos (tópicos 2 e 3). Explica-se a diferença entre «energizadores» e «efetores».

Leituras complementares

- Carneiro, M. J., Costa, C., & Crompton, J. (2014). Imagem de destinos: o processo de avaliação do posicionamento de destinos turísticos. In C. Costa, F. Brandão, R. Costa & Z. Breda (Eds.), *Produtos e competitividade do turismo na Lusofonia* (Vol. II, pp. 111-124). Escolar Editora. Para quem queira conhecer mais sobre o papel da imagem do destino na procura de turismo. O texto analisa a sua interferência na tomada de decisão das pessoas turistas, introduzindo no debate a noção de posicionamento entre destinos concorrentes (tópico 2).
- Cohen, E. (1972). Towards a sociology of international tourism. *Social Research*, 39(1), 164-182. <http://www.jstor.org/stable/40970087> Recomendado para aprofundar o tópico 3, nomeadamente para quem pretender consultar na fonte originária os tipos psicográficos de turistas identificados e descritos por Erik Cohen: turista de massa organizado, turista de massa individual, explorador e vagabundo.
- Horner, S., & Swarbrooke, J. (2016). *Consumer behaviour in tourism* (3ª ed.). Routledge. Sugerem-se três capítulos como leituras de aprofundamento. O primeiro (Cap.4, «Motivators», pp. 75-93), permite conhecer em primeira mão a categorização das motivações proposta por estes autores; relações entre motivações e segmentações sociodemográficas do mercado são também abordadas (assuntos tratados no tópico 3). O segundo capítulo (Cap.5, «Determinants», pp. 94-107) aprofunda o tema das determinantes pessoais e externas da procura e discute o efeito das empresas da cadeia de abastecimento do turismo sobre a procura através da comunicação e do *marketing* (tópico 2). O terceiro capítulo recomendado (Cap.7, «Typologies of tourist behaviour and segmentation of the tourism market», pp. 129-156) destina-se a quem quiser aprofundar os aspetos relacionados com a segmentação dos mercados e as limitações deste tipo de abordagem, questões abordadas no tópico 3.
- Iso-Ahola, S. (1982). Toward a social psychological theory of tourism motivation: a rejoinder. *Annals of Tourism Research*, 9(2), pp. 256-262. [https://doi.org/10.1016/0160-7383\(82\)90049-4](https://doi.org/10.1016/0160-7383(82)90049-4) Nesta obra de referência da teoria da motivação turística contesta-se a dicotomia *push factors* vs. *pull factors* e advoga-se a natureza dialética e iterativa de forças centrípetas e centrífugas (*seeking-escaping*) na motivação. Uma leitura sugerida a quem quiser enriquecer a discussão do tópico 2.

- Moscardo, G., Morrison, A., Pearce, P. L., Lang, C., & O’Leary, J. (1996). Understanding vacation destination choice through travel motivation and activities. *Journal of Vacation Marketing*, 2(2), 109-122. <https://doi.org/10.1177/135676679600200202>
Apresenta um dos modelos mais referenciados sobre a tomada de decisão do consumidor em turismo (tópico 2), que põe em relevo a importância das atividades na escolha do destino. Recomendado para quem quiser ir além do resumo que dele é feito em Fletcher et al. (2018).
- Page, S. J. (2019). *Tourism management* (6ª ed.). Routledge.
Recomenda-se a leitura do Cap.3 («Demand: Why do people engage in tourism?», pp. 79-116), que condensa a teoria essencial deste módulo do programa. Para quem sinta necessidade de bibliografia adicional e queira evitar dispersar-se na consulta de várias fontes específicas.
- Prentice, R. (2007). Motivação do turista e tipologias. In A. A. Lew, C. M. Hall & A. M. Williams (Eds.), *Compendio de turismo* (L. Couceiro Feio et al., Trad., pp. 297-315). Instituto Piaget. (Obra original de 2004)
Identifica os grandes paradigmas e faz uma síntese das principais teorias e categorizações da motivação turística. A discussão, mesmo se não é tão clara como a que se encontra nas outras referências de síntese recomendadas na presente lista (nomeadamente Fletcher et al., 2018; ou Page, 2019), tem a vantagem de estar em português.
- Plog, S. C. (2001). Why destination areas rise and fall in popularity: an update of a Cornell Quarterly classic. *Cornell Hospitality Quarterly*, 42(3), 13-24. <https://doi.org/10.1177/001088047401400409>
É a última versão que Stanley Plog publicou da sua conhecida tipologia de perfis psicográficos de turistas, baseada no *continuum* entre as personalidades-tipo extremas de, num polo, turistas confiáveis/previsíveis (*dependables*, inicialmente psicocêntricos) e, no outro polo, turistas aventureiros (*adventurers*, primeiramente aloocêntricos); o autor elabora ainda sobre a relação destes perfis psicográficos com os tipos de turismo praticados e os destinos.
- Urry, J. (2002). *The tourist gaze* (2ª ed.). Sage.
Sugere-se a leitura do Cap.1 («The tourist gaze», pp. 1-15). Este capítulo introdutório, que resume a tese desenvolvida ao longo do livro e aborda questões pertinentes para outros pontos do programa, releva para este módulo por discutir a *raison d’être* do turismo; defende-se que é a busca do diferente e do extraordinário que modela o «olhar de turista». Esta tese é apresentada por contraponto à tese da busca de autenticidade de Dean MacCannell.

2.

Desenvolvimento turístico, espaço e lugares

Neste segundo bloco do programa avançaremos para a análise da territorialização do turismo numa perspectiva multiescalar. Uma vez consolidados os conceitos fundamentais da abordagem sistémica do turismo e compreendidos os factos básicos do seu funcionamento, considera-se que a turma estará agora em condições de passar para um estudo mais focado nos aspetos espaciais do desenvolvimento do turismo e dos seus efeitos na criação e transformação de lugares e paisagens.

Duas orientações maiores vão conduzir o desenrolar das matérias ao longo deste bloco do programa: uma perspectiva geográfica relacional e uma abordagem morfoperformativa. Por perspectiva geográfica relacional pretende-se exprimir o que Cresswell (2013) considerou um pensamento filtrado por conceitos provenientes das teorias mais-do-que-representacionais e do materialismo relacional, onde metáforas de metamorfoses e *assemblages* e ideias de instabilidade e devir predominam na conceitualização do espaço, colocando em realce a «relacionalidade de lugar (e identidade)» (ibid., p. 221). Nesta «relacionalidade» incluem-se interações através do espaço e inter-relações entre níveis ou dimensões da espacialidade — o espaço materializado e sensível; o espaço das socialidades e do agir; e o espaço enunciado e das significações. Por abordagem morfoperformativa, por sua vez, entende-se um modo de olhar atento às formas físicas das paisagens, à sua adaptabilidade e evolução no tempo, e que além disso procura perceber como a estrutura espacial opera e se relaciona com funções e ações (Xie & Gu, 2019), dedicando particular destaque ao que acontece nessas formas físicas, visto que é em última análise a presença de turistas e as performatividades que realizam que realmente fazem ou efetivam os lugares turísticos (Bærenholdt, Haldrup, Larsen, & Urry, 2004).

Este será o bloco mais extenso do programa, o que não surpreenderá se considerarmos que é também aquele em que se exploram temas e problemas mais próprios e exclusivos da Geografia do Turismo. Propõe-se que no total lhe sejam dedicadas doze sessões (Quadro 2). Pelo tipo de temáticas tratadas, é um bloco que conflui de modo particularmente manifesto para os grandes objetivos terminais da formação em Geografia, em especial as aprendizagens relacionadas com a capacidade de:

- situar fenómenos no espaço e explicar a sua distribuição e localização;
- analisar e explicar o papel da distância, das barreiras, e das redes nas interações espaciais (entre lugares e regiões);
- pensar em termos de sistemas de lugares e fluxos;
- e ler e interpretar a paisagem e as suas mudanças.

Quadro 2. Planificação das aulas do bloco programático «2. Desenvolvimento turístico, espaço e lugares»

	Conteúdo programático	Tipologia
Aula 10	2.1. Modernidade, globalização e turismo	T
Aula 11		
Aula 12		AO
Aula 13		
Aula 14	2.2. Lugares turísticos e urbanização turística	T
Aula 15		AD
Aula 16		T
Aula 17	2.3. A variedade das configurações territoriais e paisagens do turismo	T
Aula 18		AO
Aula 19		T
Aula 20		AO
Aula 21		

T – Aula teórica; AD – Aula-debate; AO – Aula-oficina

Esta última questão em específico terá um especial destaque neste bloco. Afinal é a capacidade de ler e interpretar a paisagem e as suas mudanças que estará subjacente quer à discussão sobre a formação de lugares turísticos e a urbanização turística (ou urbanização pelo turismo) quer ao estudo em concreto das configurações territoriais do turismo, que se propõe estudar enfocadas em três contextos geográficos em particular: regiões costeiras, de montanha, e espaços urbanos.

Talvez um esclarecimento adicional breve sobre os princípios teóricos que embasam este bloco do programa seja devido, sobretudo a respeito do desenvolvimento do seu segundo módulo, onde a grande questão que estará em debate é perceber como se forma um lugar turístico. Isto pressupõe alguma conceitualização prévia sobre o que será um lugar turístico. Assumindo que lugar se refere a uma configuração territorial localizada no espaço com carácter particular e revestida

de significados, formada por uma *assemblage* de ecologias, pessoas, construções, tecnologias e semióticas, podemos considerar que um lugar turístico será então um lugar cujo caráter e sentido se encontram fortemente modelados pelo turismo. Relph (1976, p. 61) explicou que um lugar é definido pela combinação de «aspetos físicos ou aparência, atividades observáveis ou funções, e significados ou símbolos»; sentido de lugar, por seu turno, respeita aos referentes cognitivos, emoções e atitudes que se desenvolvem em relação a um certo lugar, portanto algo que «não é intrínseco ao sítio físico em si, mas [que] reside nas interpretações humanas sobre esse local, as quais são construídas através da experiência» (Stedman, 2003, p. 672). A formação de um lugar turístico terá que ver, portanto, com mudanças que ocorrem e se exprimem ao mesmo tempo na materialidade do lugar, nas ações que nele decorrem, e na forma como tudo isso é percebido, interpretado e sentido. Finalmente, deve ter-se presente que o lugar turístico não se refere a uma identidade que se imponha necessariamente de forma totalizante e em exclusivo num sítio; o lugar turístico pode ser uma entre várias facetas reconhecíveis de um mesmo lugar, pois «é possível um único espaço conter múltiplos “lugares”, refletindo [...as] variações das experiências pessoais da paisagem» (Stedman, 2003, p. 673).

Na literatura da Geografia do Turismo o processo de surgimento de lugares turísticos tem sido frequentemente descrito em termos de «produção» ou de «invenção». A semântica não é irrelevante. O termo «produção» vem da teoria lefebvriana (Lefebvre, 1974) e sugere uma abordagem a partir da economia política. Quem adota «invenção», na esteira de Knafou (1991, 2018), está a afirmar que o surgimento de um lugar turístico não é uma «descoberta» e a pôr antes a ênfase no aspeto imaginativo, identificando como ponto de partida desse processo uma mudança de perspectiva sobre um lugar existente que permite abrir caminho a uma utilização nova que vai subverter e ampliar a realidade inicial. Ambas as perspectivas reconhecem transformações que operam simultaneamente nos planos material e imaterial, objetivo e subjetivo, e social e físico. Porém, ambas têm também implícitas ideias de intencionalidade e autoria que uma perspectiva performativa de lugar tenderá a contestar por ver o espaço mais fluidamente num permanente «tornar-se» (*becoming*), por entender a agência de forma essencialmente distributiva, e por considerar o atuar (incluindo o atuar mecânico e irreflexivo do *habitus*) mais importante na realização e transformação do mundo do que a ideação. À luz desta perspectiva, palavras como «formação», «fazer» e «refazer», «efetivação» ou «efetivação», que indicam um agir mais performativo e mais indeterminado (quer em respeito à intencionalidade de partida quer aos seus atores e actantes), mais espontâneo e menos planeado, e também um agir ainda «em ação», poderão constituir uma semântica mais adequada.

No que concerne às metodologias de trabalho, a proposta é que esta segunda parte do programa combine aulas teóricas (seis sessões completas mais duas partes de aulas, totalizando cerca de 730 minutos), aulas-oficina (quatro aulas e meia) e tempo de aula-debate (c. 50 minutos). As aulas-oficina ocorrerão em vários momentos ao longo do bloco e serão destinadas ao acompanhamento de dois trabalhos práticos de grupo. Faz-se uma descrição mais circunstanciada desses trabalhos na densificação dos pontos do programa que se segue, contudo um será desenvolvido a propósito do primeiro ponto desta parte do programa e o outro, do último. As Aulas 12 e 13 serão para acompanhamento do primeiro trabalho. Em termos pedagógicos, visa introduzir o grupo de estudantes no contacto com fontes estatísticas internacionais de dados sobre turismo e propiciar a aprendizagem do uso e interpretação de indicadores estatísticos de análise regional mais comuns em Geografia do Turismo. O outro trabalho prático será lançado na Aula 18 e terá as Aulas 20 e

21 para o seu acompanhamento. Este segundo trabalho é complementar do primeiro em termos de fontes (bases de dados oficiais nacionais e plataformas de navegação baseadas em dados geográficos voluntários), tipo de dados (informação geográfica) e escala de análise (local). A aula-debate decorrerá no âmbito do segundo módulo deste bloco do programa.

Pelo tipo de contextos de aprendizagem e metodologias de ensino que se propõe usar, este segundo módulo do programa contribuirá fortemente para as aprendizagens ao nível das competências, como trabalhar autonomamente, escolher e usar fontes de informação adequadas, estabelecer metas, definir procedimentos, determinar prioridades, e planear e gerir o tempo, além de exercitar as competências interpessoais e de trabalho em grupo assim como o sentido de responsabilidade e a preocupação com a qualidade, a exatidão e a precisão, que serão critérios críticos na avaliação dos resultados dos trabalhos.

Em termos de participação nos objetivos de aprendizagem específicos da UC, este bloco concorrerá especialmente para:

- descrever e explicar a evolução e os ritmos do turismo, em diferentes escalas temporais (interanual, sazonal, hebdomadário, etc.);
- identificar os fatores e explicar os processos de massificação e globalização do turismo;
- analisar e interpretar os padrões espaciais de movimentos e a organização regional do turismo internacional;
- discutir o papel do turismo na circulação de capital assim como no desenvolvimento económico, a diferentes escalas;
- compreender a importância dos elementos biofísicos para o desenvolvimento do turismo e as interações socioambientais que este gera;
- relacionar produtos turísticos com regiões de destino;
- e descrever e interpretar diferentes lugares turísticos e a evolução das suas paisagens no tempo.



Referências citadas

- Bærenholdt, J., Haldrup, M., Larsen, J., & Urry, J. (2004). *Performing tourist places*. Routledge.
- Cresswell, T. (2013). *Geographic thought: A critical introduction*. Wiley-Blackwell.
- Knafou, R. (1991). L'invention du lieu touristique: la passation d'un contrat et le surgissement simultané d'un nouveau territoire. *Revue de Géographie Alpine*, 79(4), 11-19.
- Knafou, R. (2018). L'invention du lieu touristique. *Via*, 13, Article 2511. <https://doi.org/10.4000/viatourism.2511>
- Lefebvre, H. (1974). *La production de l'espace*. Éditions Anthropos.
- Relph, E. (1976). *Place and placelessness*. Pion.
- Stedman, R. C. (2003). Is it really just a social construction? The contribution of the physical environment to sense of place. *Society & Natural Resources*, 16(8), 671-685. <https://doi.org/10.1080/08941920309189>
- Xie, P. F., & Gu, K. (2019). *The morphology of tourism: Planning for impact in tourist destinations*. Routledge.

2.1. Modernidade, globalização e turismo

Resultados de aprendizagem esperados

No final deste módulo do programa é esperado que o grupo de estudantes:

- relacione o desenvolvimento do turismo com a sociedade capitalista, o modernismo e a globalização;
 - caracterize o turismo de massa e compreenda as condições da sua emergência;
 - descreva e interprete a curva de evolução do turismo internacional no mundo;
 - identifique as principais áreas geradoras de turismo e áreas de destino à escala planetária, e suas complementaridades;
 - use os conceitos de decaimento com a distância (*distance decay*), acesso ao mercado (*market access*) e de barreira para interpretar interações entre áreas geradoras e de destino de turistas, nomeadamente à escala internacional;
 - conheça e saiba aplicar indicadores e métricas de análise turística.
-

Resumo dos conteúdos

1. Do capitalismo industrial ao turismo de massa

Industrialismo, cultura burguesa e «classe de lazer». Estado-nação e turismo. Energias fósseis, encolhimento das distâncias e transporte coletivo de massa. As primeiras excursões organizadas. Movimentos operários e direito a férias. O turismo social nos anos 1920 e 30. Mobilidade automóvel e mudanças no turismo. A cronologia do turismo de massa por Boyer (2003).

2. Globalização e desenvolvimento do turismo internacional

O *boom* do turismo internacional no Pós-II Guerra Mundial. Principais crises. O efeito das tecnologias. O papel das empresas transnacionais e o desenvolvimento da «indústria» de viagens. Progresso económico e mudanças sociais. Fatores políticos.

3. Estruturação regional do turismo mundial

Áreas geradoras de turismo: os maiores mercados de turismo emissor (em termos de turistas e despesas). Áreas de destino de turismo: os principais beneficiários de turismo recetor (em termos de turistas e receitas). Variações internacionais nos saldos das balanças turísticas: países predominantemente emissores e predominantemente recetores. Desigualdades entre países nos níveis de participação no turismo e efeitos no turismo emissor e doméstico. O modelo centro-periferia de Miossec (1977): focos emissores (*foyers émetteurs*) e cinturas turísticas (*ceintures touristiques*) (ou «periferias de prazer»). A organização multipolar do turismo mundial: as três grandes bacias turísticas planetárias. O efeito da fricção da distância e a curva de decaimento com a distância (*distance decay*). Distorções no efeito de fricção da distância pelo acesso ao mercado (*market access*). Exemplos de barreiras e distorções nas interações entre lugares.

Atividades propostas

O desenvolvimento do tópico 3 deste ponto do programa contempla a realização de um trabalho em grupo. O objetivo é que os membros da turma aprofundem o conhecimento sobre a estruturação regional do turismo à escala internacional de forma prática, através da resolução de um problema. Como tal, o exercício implicará recolha de dados, seleção e cálculo de indicadores, cartografia e, por fim, análise e interpretação dos resultados. Além de contactarem com fontes estatísticas, descobrindo onde poderão encontrar informação caso necessitem no futuro, os membros da turma treinarão as competências instrumentais envolvidas no uso e interpretação de indicadores.

O trabalho que se propõe consiste numa caracterização da estrutura regional do turismo na Europa, com identificação dos países predominantemente emissores e recetores, e uma análise das variações e gradientes entre países em termos da sua dependência do turismo. A turma é convidada a explorar as bases de dados estatísticos da Organização Mundial de Turismo (UNWTO), da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico (OECD) e do Eurostat para a recolha de dados, aprendendo a complementar e conciliar informação de diferentes fontes. Será fornecido um glossário de indicadores que se espera que os grupos demonstrem mestria a aplicar, sabendo escolher os adequados em função da finalidade a que se destinam e das disponibilidades de dados de base, como calculá-los, perceber o que medem (especialização, carga ou intensidade da presença do turismo, dependência, eficiência, etc.) e como interpretá-los. Nesses indicadores constam:

- Índice de Função Turística (camas em alojamentos turísticos por 100 habitantes);
- Densidade Turística (dormidas em alojamentos turísticos por unidade de superfície, normalmente km²);
- Índice de Intensidade Turística (dormidas em alojamentos turísticos por 100 habitantes);
- contributo do turismo para o PIB, expresso em percentagem;
- contributo do turismo para o emprego, expresso em percentagem;
- contributo das receitas do turismo internacional nas exportações totais, expresso em percentagem;
- Taxa de Ocupação Turística (dormidas em alojamentos turísticos no período t ponderado pelo produto do somatório das camas disponíveis e o número de dias do período t);
- receitas do turismo internacional por turista (normalmente, tomando por referência as chegadas de turistas às fronteiras);
- RevPAR (receitas de venda de quartos nos estabelecimentos turísticos num período t por quarto disponível nesse período t);
- Taxa de Sazonalidade (somatório do número de turistas nos três meses mais concorridos em percentagem do total de turistas do ano, medido ou pelo movimento de fronteiras ou pelos registos nos estabelecimentos hoteleiros);
- e Taxa de Participação no Turismo (pessoas que realizaram pelo menos uma viagem com dormida fora da residência habitual em percentagem da população).

Como fontes de informação, serão usados os seguintes recursos:

- Eurostat. (vários anos disponíveis; atualizações anuais). *Tourism statistics*.
<https://ec.europa.eu/eurostat/web/tourism/database>
- OECD. (vários anos disponíveis; atualizações anuais). *OECD Tourism statistics*.
https://www.oecd-ilibrary.org/industry-and-services/data/oecd-tourism-statistics_2b45a380-en
- UNWTO. (vários anos disponíveis; atualizações anuais). *Tourism dashboard*.
<https://www.unwto.org/tourism-data/unwto-tourism-dashboard>

Bibliografia específica

Leituras principais

- Page, S. J. (2019). *Tourism management* (6ª ed.). Routledge.

Para este módulo é importante o Cap.2 («Tourism: its origins, growth and future», pp. 47-78). O texto proporciona uma síntese da evolução histórica do turismo, relacionando-a com mudanças sociais, alterações nos padrões de consumo, e inovações nos transportes e na organização da cadeia de abastecimento do turismo. Na parte final há uma secção dedicada especificamente a discutir o papel da China como novo mercado emissor global e a crescente afirmação da região Ásia-Pacífico como motor do turismo mundial.

- Williams, S., & Lew, A. A. (2015). *Tourism geography: Critical understandings of place, space and experience* (3ª ed.). Routledge.

O Cap.3 («International patterns of travel and tourism», pp. 51-76) é especialmente útil para os tópicos 2 e 3 deste modulo do programa. Este texto ajuda a interpretar o crescimento do turismo internacional após a II Guerra Mundial e a sua estruturação regional à escala planetária em correlação com a globalização.

Leituras complementares

- Adamiak, C., & Szyda, B. (2021). Combining conventional statistics and big data to map global tourism destinations before COVID-19. *Journal of Travel Research*, Article OO472875211051418. <https://doi.org/10.1177/OO472875211051418>

Este estudo aconselha-se por duas razões: pelo seu carácter inovador em termos metodológicos (as fontes que usa e os métodos de compatibilização e integração de dados); e por providenciar uma imagem atualizada da regionalização do turismo à escala planetária, com desagregação de dados de procura (visitas domésticas e turismo recetor) e de receitas ao nível subnacional (através da ventilação dos dados num sistema de *grid cells* hexagonais). Além da identificação dos *hotspots* e *coldspots* do turismo global, o artigo ensaia cálculos da densidade turística, intensidade turística e de peso económico do turismo. É útil para o tópico 2.

- Boyer, M. (2003). *História do turismo de massa* (V. Ribeiro, Trad.). EDUSC. (Obra original de 1999)

Trata-se de uma referência relevante para o tópico 1. Não se dispondo de tempo para a leitura integral da obra, recomenda-se a leitura do Cap.2 («A invenção de distinção e a difusão pela imitação», pp. 31-47), onde se exploram as relações do turismo de massa com a cultura de consumo e o papel das elites e da imitação social no seu desenvolvimento; do Cap.4 («Os meios da viagem», pp. 65-83), que põe em diálogo a emergência do turismo de massa com as inovações tecnológicas e a evolução das condições infraestruturais do turismo em geral (hotelaria, etc.); e do Cap.5 («Direito às folgas, direito às férias», pp. 89-113), sobre o papel dos movimentos operários e da luta de classes na reivindicação de tempo livre e no desenvolvimento de formas proletárias de turismo que também ajudaram à sua massificação. Referências que enquadram o conceito de «classe de lazer» de Thorstein Veblen e a personagem do *flâneur* podem ser encontradas no Cap.2. A obra condensa em nove páginas uma cronologia com os principais marcos da genealogia do turismo de massa (pp. 21-29).

- Breda, Z., Panyick, E., & Costa, C. (2020). *Internationalization of the hotel industry: evidence from Portugal*. *Public Policy Portuguese Journal*, 5(2), 81–96.

<https://www.umpp.uevora.pt/publicacoes/Public-Policy-Portuguese-Journal>

Uma leitura sugerida para aprofundar o tópico 2 deste ponto do programa. É um artigo sobre a relação globalização-turismo e as estratégias de internacionalização das empresas hoteleiras, com um estudo de caso sobre os grupos hoteleiros portugueses. A parte de revisão da literatura inclui uma síntese que pode ser de grande utilidade sobre as relações entre globalização, «indústria» de viagens, e investimento direto estrangeiro na hotelaria, onde os fatores condutores da internacionalização das empresas hoteleiras são apresentados e discutidos. É uma leitura que apresenta ainda a vantagem de permitir conhecer mais sobre a realidade da «indústria» hoteleira portuguesa, as suas estratégias de internacionalização, e o sucesso dos seus maiores grupos, o que se recomenda.

- Brito-Henriques, E., & Lousada, M. A. (2010). *Férias em Portugal no primeiro quartel do século XX. A arte de ser turista*. In M. A. Lousada & A. P. Pires (Eds.), *Viajar. Viajantes e turistas à descoberta de Portugal no tempo da I República* (pp. 105–118). Comissão Nacional para as Comemorações do Centenário da República.

Um texto de geografia histórica do turismo que descreve e analisa as práticas e os espaços de turismo em Portugal no primeiro quartel do século XX. A sua leitura pode ajudar a dar substância e a ilustrar o tópico 1 deste ponto do programa.

- Dewailly, J.-M., & Flament, E. (1993). *Géographie du tourisme et des loisirs*. SEDES.

Embora os dados que usa estejam muito desatualizados e a análise não capte as transformações ocorridas no turismo mundial com a afirmação da China como mercado emissor de primeira ordem nas últimas décadas, o Cap.2 («Massivité et omniprésence du tourisme et des loisirs», pp. 29-77) continua a oferecer uma descrição e explicação eficazes das tendências gerais de regionalização do turismo à escala planetária (tópico 3 deste módulo) baseada num modelo centro-periferia e no efeito friccional da distância. A ideia de uma regionalização multipolar do turismo mundial estruturada em três grandes bacias turísticas de orientação meridiana, cada qual com os seus centros próprios (ou focos emissores, correspondentes ao conceito de áreas geradoras de turismo no modelo de Neil Leiper) e as suas «periferias de prazer» — a Bacia Americana (convergente no Golfo do México), Bacia Euroafricana (convergente no Mediterrâneo) e Bacia da Ásia-Oceânia (orientada para o arco Sudeste Asiático-Polinésia) —, está muito bem sintetizada neste texto.

- Franklin, A. (2003). *Tourism: An introduction*. Sage.

Para quem pretender aprofundar a relação entre estado-nação e origem do turismo (abordada no tópico 1) a leitura do Cap.3 deste livro é crucial («The foundations and traces of modern tourism», pp. 38-62). Além de explorar esse argumento, explica-se porque se pode dizer que o turismo é ao mesmo tempo um produto do modernismo e um modelador das culturas modernas. Já o Cap.4 («Elaborations of tourism», pp. 63-94) é recomendável para quem pretender aprofundar as mútuas interpenetrações turismo-globalização (tópico 2), as diferenças no turismo antes e após a II Guerra Mundial, mas também a crescente contaminação do quotidiano por uma forma turística de viver e de experienciar os lugares modelada pelo consumo e por critérios estéticos e hedonistas.

- **Gravari-Barbas, M., & Jacquot, S. (2018).** *Atlas mondial du tourisme et des loisirs. Du Grand Tour aux voyages low cost. Autrement*

Sugere-se que se analisem os mapas e os correspondentes textos de comentário do segundo capítulo desta obra (Cap.2, «Le tourisme, phénomène mondial», pp. 23-39), que dão um panorama geral da geografia turística mundial a partir da cartografia das chegadas de turistas internacionais aos vários países, movimento dos aeroportos, realização de congressos, implantação de cadeias hoteleiras transnacionais de referência, itinerários de cruzeiros, entre outras. Esta leitura proporciona aprendizagens transversais aos tópicos 2 e 3.

- **McKercher, B., & Lew, A. A. (2007).** *Correntes turísticas e distribuição espacial de turistas.* In A. A. Lew, C. M. Hall, & A. M. Williams (Eds.), *Compêndio de turismo* (L. Couceiro Feio et al., Trad., pp. 57-70). Instituto Piaget. (Obra original de 2004)

Este texto discute as determinantes dos fluxos de turismo em termos teórico-conceituais. Útil para quem sinta necessidade de mais explicações sobre a curva de decaimento com a distância (*distance decay*, que no texto aparece traduzido por «decrécimo da distância») e o conceito de acesso ao mercado (*market access*), bem como sobre os seus efeitos nos fluxos de turistas e interação entre áreas geradoras e de destino.

- **McKercher, B., & Mak, B. (2019).** *The impact of distance on international tourism demand.* *Tourism Management Perspectives*, 31, 340-347. <https://doi.org/10.1016/j.tmp.2019.07.004>

A partir de dados para 92 mercados emissores e 4700 pares de origem-destino, confirma-se que, não obstante a maior facilidade de viajar, o efeito de fricção da distância não se anulou e que a curva de decaimento com a distância permanece visível nos fluxos da generalidade dos mercados emissores. O artigo explora ainda o efeito inibidor e de isolamento exercido por «zonas de exclusão de turismo» (*effective tourism exclusion zones*), tais como oceanos, desertos, «estados párias» e vizinhança de estados inimigos na deformação da curva de decaimento com a distância. As conclusões deste estudo são referidas no desenvolvimento do tópico 3, de modo que é uma leitura recomendada para aprofundar e consolidar este assunto.

- **Miossec, J.-M. (1977).** *Un modèle de l'espace touristique.* *L'Espace Géographique*, 6(1), 41-48. <https://doi.org/10.3406/spgeo.1977.1690>

Um texto clássico da Geografia do Turismo para ser lido por quem pretenda ir além do resumo dele feito na aula. Útil para compreender a ideia de complementaridade entre focos emissores e cinturões turísticos, o efeito de fricção da distância no turismo, e a deformação introduzida por vários tipos de barreiras na interação turística entre lugares (tópico 2 deste módulo).

- **Østby, P. (2013).** *Car mobility and camping tourism in Norway, 1950-1970.* *Journal of Tourism History*, 5(3), 287-304. <https://doi.org/10.1080/1755182X.2014.938777>

O caso analisado neste artigo é eloquentemente ilustrativo da importância que as mobilidades automobilísticas tiveram na transformação das práticas turísticas e na criação de novos destinos de turismo após a II Guerra Mundial. Interessante também como testemunho da capacidade agencial das tecnologias na reconfiguração do turismo e das suas especialidades. Este exemplo é apresentado a título ilustrativo nas aulas (tópico 1), pelo que a leitura do texto se recomenda a quem pretenda confirmar alguma informação ou explorar o caso mais a fundo.

- Yang, Y., Liu, H., & Li, X. (2019). The World is flatter? Examining the relationship between cultural distance and international tourist flows. *Journal of Travel Research*, 58(2), 224–240. <https://doi.org/10.1177/0047287517748780>

Um artigo que esclarece sobre o efeito das barreiras culturais nos fluxos de turismo, discutindo o conceito de distância cultural e formas de o medir. A partir de dados do World Values Survey (WVS) de vários anos e usando modelos gravíticos, o artigo demonstra que há um efeito significativo negativo da distância cultural sobre os fluxos turísticos. O artigo conclui também que o efeito inibidor da distância cultural sobre o turismo tem vindo a atenuar-se desde 2003, o que os autores relacionam com a globalização económica e cultural. Trata-se de uma leitura pertinente para enriquecer a reflexão sobre barreiras e outras distorções do efeito friccional da distância nas interações entre lugares (tópico 3).

2.2. Lugares turísticos e urbanização turística

Resultados de aprendizagem esperados

No final deste módulo do programa é esperado que o grupo de estudantes:

- compreenda o papel do turismo no (re) fazer de lugares, identificando efeitos nos planos material, performativo, afetivo e das significações;
 - aplique adequadamente os conceitos de lugar turístico e região turística;
 - use a teoria da «dupla revolução urbana do turismo» para discutir a relação do turismo com o urbano;
 - discuta o conceito de urbanização turística (*tourism urbanization*) na sua relação com o capitalismo tardio;
 - distinga diferentes gerações de estâncias turísticas;
 - conheça alguns modelos hipotéticos de evolução dos destinos de turismo.
-

Resumo dos conteúdos

1. A formação de lugares turísticos e regiões turísticas

Lugar e sentido de lugar. Conceito de lugar turístico. A «invenção» dos lugares turísticos segundo Knafou (1991). O papel do *marketing*, a circulação de discursos e a cultura visual. A performatividade no fazer dos lugares turísticos. A experiência multissensorial dos lugares turísticos. A estruturação de regiões turísticas através da associação de lugares e itinerários.

2. O turismo e o urbano

A cidade e o urbano. A «dupla revolução urbana do turismo» segundo Stock e Lucas (2012). O turismo como motor histórico de urbanização do mundo. A urbanização turística (ou urbanização por turismo) (*tourism urbanization*) como forma urbana pós-fordista e pós-moderna segundo Mullins (1991).

3. A evolução dos lugares de turismo

A primeira geração de estâncias turísticas. Lugares do turismo de massa. Pós-modernismo e ambientes «tematizados». A teoria do Ciclo de Vida do Destino Turístico (TALC, de *Tourism Area Life Cycle*) de Butler (1980). Aplicações e limitações do modelo TALC. A teoria do Espectro de Desenvolvimento das Estâncias Turísticas (RDS, de *Resort Development Spectrum*) segundo Prideaux (2004).

Atividades propostas

Para auxiliar nas aprendizagens atinentes ao papel do *marketing* e da promoção turística na produção de discursos que revestem de significados os lugares turísticos, assim como das performatividades no fazer destes (tópico 1), propõe-se a realização de uma aula-debate dedicada à discussão de dois textos, a saber:

- Freytag, T., & Bauder, M. (2018). Bottom-up touristification and urban transformations in Paris. *Tourism Geographies*, 20(3), 443-460. <https://doi.org/10.1080/14616688.2018.1454504>
- Minca, C., & Borghi, R. (2016). Morocco: restaging colonialism for the masses. In P. O. Pons, M. Crang, & P. Travlou (Eds.), *Cultures of mass tourism: Doing the Mediterranean in the age of banal mobilities* (2ª ed., pp. 21-52). Routledge.

Como metodologia sugere-se dividir a turma em dois grupos, cabendo a cada um a leitura, apresentação e discussão de um dos textos. Os textos são distribuídos previamente com a recomendação de que se identifiquem as problemáticas em discussão, tese(s) propostas, evidências, e ainda que sejam enquadradas nas matérias desenvolvidas neste ponto do programa. O debate ocupará a primeira parte da Aula 15 (cerca de 50 minutos).

A leitura e o comentário destes dois textos devem ser ocasião para introduzir o conceito de turistificação assim como para abrir o debate sobre o turismo numa perspetiva crítica pós-colonial.

Bibliografia específica

Leituras principais

- Prideaux, B. (2009). *Resort destination: Evolution, management and development*. Elsevier.
Deve ler-se o Cap.2 («Modelling destination development», pp. 15-49), onde se apresentam várias teorias sobre a evolução dos destinos turísticos, designadamente os modelos TALC (Ciclo de Vida do Destino Turístico) e RDS (Espectro de Desenvolvimento das Estâncias Turísticas).
- Stock, M., & Lucas, L. (2012). La double révolution urbaine du tourisme. *Espaces et Sociétés*, 151(3), 15-30. <https://doi.org/10.3917/esp.151.0015>
Defende-se neste artigo que o turismo foi, desde o século XIX, a par da industrialização, um dos fatores principais de urbanização planetária, gerando lugares com uma urbanidade específica: as estâncias turísticas. A esta modalidade de produção de espaço urbano, que se estende até ao presente, sob formas cada vez mais massificadas, os autores chamam a «primeira revolução urbana do turismo». A «segunda revolução urbana do turismo» corresponde à reestruturação urbana do capitalismo tardio, que transformou as cidades de centros de produção em centros de consumo (cidade pós-industrial), fazendo emergir novas centralidades turísticas nas cidades.
- Williams, S., & Lew, A. A. (2015). *Tourism geography: Critical understandings of place, space and experience* (3ª ed.). Routledge.
Propõe-se a leitura do Cap.7 («Cultural constructions and invented places», pp. 149-172), pois praticamente recobre toda a discussão sobre a criação de lugares turísticos, analisando, com vários exemplos, a interação de ideologia, discursos (incluindo do *marketing* de destinos, mas não só), performatividades e transformação física do espaço. A tematização pós-moderna dos ambientes com a criação de lugares específicos para o consumo de experiências é um assunto explorado na parte final do capítulo.

Leituras complementares

- Butler, R. W. (1980). The concept of a tourist area cycle of evolution – Implications for management of resources. *The Canadian Geographer-Le Géographe Canadien*, 24(1), 5-12. <https://doi.org/10.1111/j.1541-0064.1980.tb00970.x>

Para quem pretender conhecer o modelo hipotético do Ciclo de Vida do Destino Turístico (TALC) em primeira mão, com descrição das sucessivas fases de exploração, envolvimento, desenvolvimento, consolidação e estagnação, a que podem suceder várias possibilidades entre o declínio e a regeneração (tópico 3).

- Cavaco, C. (2008). Turismo de saúde e bem-estar: reinvenção das práticas, renovação dos lugares. In C. Cavaco (Ed.), *Turismo, inovação e desenvolvimento* (pp. 19-64). Centro de Estudos Geográficos, Universidade de Lisboa.

Trata-se de um texto de síntese em que várias gerações de estâncias turísticas balneares, termais e de montanha associadas a práticas de cura são sumariamente descritas. Útil para ilustrar os tópicos 2 e 3 deste ponto do programa, com a vantagem de estar escrito em português.

- Edensor, T., & Falconer, E. (2012). Sensuous geographies of tourism. In J. Wilson (Ed.), *The Routledge handbook of tourism geographies* (pp. 74-81). Routledge.

O texto explora a dimensão multissensorial dos lugares turísticos. Útil para abrir perspetivas fenomenológicas e mais-do-que-representacionais sobre as paisagens do turismo e consolidar o que sobre isto será explicado nas aulas (tópico 1).

- Freytag, T., & Bauder, M. (2018). Bottom-up touristification and urban transformations in Paris. *Tourism Geographies*, 20(3), 443-460. <https://doi.org/10.1080/14616688.2018.1454504>

É um dos textos que será objeto de discussão na aula-debate. O artigo realça a importância das performatividades na efetivação dos lugares turísticos, mostrando como a presença, o modo de estar e as ações desenvolvidas por turistas (o que inclui consumos, mas não só) desencadeiam processos de mudança urbana ao remodelarem a atmosfera dos lugares, as funções do espaço e ao induzirem o aparecimento de novas estruturas materiais para lhes dar resposta.

- Gay, J.-C., & Decroly, J.-M. (2018). The logics of tourism expansion throughout the world: A geohistorical approach. *L'Espace Géographique*, 47(2), 102-120. <https://doi.org/10.3917/eg.472.0102>

O estudo faz uma análise da difusão espacial dos lugares de turismo no mundo desde o final do século XVIII, incluindo a criação de estâncias turísticas (replicação global de modelos burgueses europeus) e a invenção de lugares turísticos em pontos com interesse do ponto de vista do património natural e cultural, neste caso norteada por retóricas orientalizantes e de exotismo e/ou pelo «cenotropismo» (fascínio pelo selvagem, o «vazio», intocado, prístino, etc.). São enfatizadas as relações deste processo com a colonização e o imperialismo. Recomendado para consolidar e expandir as aprendizagens sobre o tópico 2 deste módulo.

- Gravari-Barbas, M., & Jacquot, S. (2018). *Atlas mondial du tourisme et des loisirs. Du Grand Tour aux voyages low cost*. Autrement

O Cap.1 («Les premiers temps du tourisme», pp. 9-21) ilustra em vários mapas a primeira geração de estâncias turísticas balneares e de montanha na Europa e na América do Norte. Ajuda a consolidar conhecimentos sobre o tópico 2.

- Knafou, R. (1991). *L'invention du lieu touristique: la passation d'un contrat et le surgissement simultané d'un nouveau territoire*. *Revue de Géographie Alpine*, 79(4), 11–19.

https://www.persee.fr/doc/rga_0035-1121_1991_num_79_4_3624

Uma leitura recomendada para se conhecer a teoria da invenção do lugar turístico de Rémi Knafou (tópico 1). A formação dos lugares turísticos é apresentada neste trabalho como o produto de uma «invenção» por visitantes pioneiros que criam a respeito de certo espaço um novo referencial de significações. Esse processo de transformação, que inicialmente se coloca ao nível das atitudes e no plano semiológico, implica aceitação e colaboração das comunidades locais, que em função disso alteram os seus modos de vida e de relacionamento com o lugar.

- Knudsen, D. C., Rickly-Boyd, J. M., & Metro-Roland, M. M. (2012). *Landscape perspectives on tourism landscapes*. In J. Wilson (Ed.), *The Routledge handbook of tourism geographies* (pp. 201–206). Routledge.

Para se ter uma ideia de como a paisagem pode ser abordada pela Geografia do Turismo a partir de diferentes perspectivas teóricas. O texto dá especial realce, primeiro, à construção social das paisagens turísticas e das suas representações, mostrando como esses processos estão relacionados com afirmações de ideologia e estratégias de poder, e, depois, às abordagens mais-do-que-representacionais, onde os aspetos performativos na efetivação das paisagens e os aspetos multissensoriais envolvidos na sua experiência são enfatizados. Uma leitura recomendada para aprofundar as aprendizagens do tópico 1.

- Larsen, J. (2012). *Performance, space and tourism*. In J. Wilson (Ed.), *The Routledge handbook of tourism geographies* (pp. 67–73). Routledge.

Um texto de síntese que sistematiza a reflexão sobre o papel das performatividades turísticas na transformação espacial e modelação das ambiências dos lugares, assunto que é explorado no tópico 1.

- Minca, C., & Borghi, R. (2016). *Morocco: re-staging colonialism for the masses*. In P. O. Pons, M. Crang, & P. Travlou (Eds.), *Cultures of mass tourism: Doing the Mediterranean in the age of banal mobilities* (2ª ed., pp. 21–52). Routledge.

É um dos textos que será objeto de discussão na aula-debate. Os autores analisam criticamente a formação discursiva de Marrocos como destino turístico através da literatura, cultura visual e da promoção turística — pública (oficial) e privada (agentes económicos, nomeadamente investidores hoteleiros e operadores turísticos) — sob uma retórica marcadamente orientalista, explorando a relação disso com a transformação de Marraquexe num lugar de turismo de massa.

- Mullins, P. (1991). *Tourism urbanization*. *International Journal of Urban and Regional Research*, 15(3), 326–342. <https://doi.org/10.1111/j.1468-2427.1991.tb00642.x>

Este foi o artigo em que Patrick Mullins explicou e discutiu inicialmente o conceito de urbanização turística (também eventualmente traduzível por urbanização por turismo), definida como a forma urbana quintessencial do pós-fordismo (a cidade pós-moderna, em contraponto à cidade moderna do capitalismo industrial) assente no consumo de massa de prazer e divertimento. Gold Coast e Sunshine Coast, em Queensland, Austrália, são apresentadas como os exemplos paradigmáticos desta forma urbana. Notar que a expressão «urbanização turística» se refere a um processo e não a um tipo de configuração territorial (não se trata de sinonímia de *resort*).

- Nelson, V. (2021). *An introduction to the geography of tourism* (3ª ed.). Rowman & Littlefield.

Os capítulos finais desta obra abordam de forma muito clara e acessível as questões relacionadas com o papel dos discursos na criação de lugares turísticos, explorando e discutindo os conceitos de representação e *branding* de lugares e as estratégias de promoção turística, primeiro, em termos gerais, nos *media* de massa, em publicações especializadas de viagens e pelo subsetor da oferta (Cap.12, «Tourism and representations of place», pp. 279-299), e depois, de modo mais focado, nas redes sociais (Cap.13, «Tourism, representations of place, and social media», pp. 301-322). O último capítulo trata dos conceitos de sentido de lugar e da experiência e consumo dos lugares no turismo (Cap.14, «Experiences of place in tourism», pp. 323-345). Para consolidar aspetos tratados no tópico 1.

- Piriou, J. (2019). *The tourist region. A co-construction of tourism stakeholders*. ISTE e John Wiley & Sons.

É recomendada a leitura do Cap.2 («The tourist region, a localized area and localizer», pp. 23-40) para uma explicação mais aprofundada do conceito de região turística (tópico 1). O capítulo começa por discutir o conceito de região em Geografia para chegar à definição de região turística como um espaço regional funcionalmente integrado e com uma homogeneidade de ambiente, composto pela associação de vários lugares turísticos, onde o turismo funciona como um elemento maior de organização espacial e de identidade territorial, sendo percebido e vivido subjetivamente por residentes e visitantes como uma unidade coerente. O texto aparece solidamente sustentado na tradição da Geografia do Turismo francófona (referências a Georges Cazes, Pierre Lozato-Giotart, Jean-Michel Dewailly, Émile Flament, etc.). A parte final do capítulo discute como se formam este tipo de configurações territoriais, destacando o papel das políticas.

- Prideaux, B. (2000). *The resort development spectrum – a new approach to modeling resort development*. *Tourism Management*, 21(3), 225–240. [https://doi.org/10.1016/S0261-5177\(99\)00055-2](https://doi.org/10.1016/S0261-5177(99)00055-2)

Para quem pretender conhecer a teoria do Espectro de Desenvolvimento das Estâncias Turísticas na fonte original (tópico 3). Este modelo hipotético de evolução dos lugares turísticos, alternativo ao de Butler (1980), valoriza como motor de mudança o lado da oferta (investimento público, hospitalidade e imobiliário) em vez da procura. Identificam-se quatro estádios evolutivos que correspondem a diferentes graus de inserção dos destinos nos fluxos globais de turismo (definidos pela origem do capital, imagem do destino e origem das pessoas turistas): turismo local, turismo regional, turismo nacional e turismo internacional. Uma possível quinta fase de declínio, estagnação ou rejuvenescimento também é postulada.

2.3. A variedade das configurações territoriais e paisagens do turismo

Resultados de aprendizagem esperados

No final deste módulo do programa é esperado que o grupo de estudantes:

- associe produtos turísticos a contextos geográficos ou tipos de regiões de destino;
 - descreva várias formas espaciais e de organização das áreas de destino, explicando os fatores que as modelaram;
 - distinga diferentes tipos de nodalidade face aos fluxos de turistas e compreenda os seus efeitos na estruturação de regiões turísticas;
 - use adequadamente conceitos de morfologia do turismo, como RBD (*recreational business district*), recinto de turismo (*tourism precinct*), enclave turístico (*tourist enclave*) ou conurbação turística (*touristic conurbation*);
 - identifique e caracterize vários exemplos de configurações territoriais do turismo em áreas costeiras;
 - identifique e caracterize vários exemplos de configurações territoriais do turismo em áreas de montanha;
 - distinga e interprete diferentes tipos de destinos urbanos de turismo, descrevendo a sua morfologia e estrutura organizacional.
-

Resumo dos conteúdos

1. Produtos turísticos e tipos de regiões de destino associadas

Turismo de massa vs. turismo alternativo e de nicho. Formas espaciais do turismo de massa. Produtos turísticos desenvolvidos (i) em torno de recursos naturais, (ii) em torno de recursos culturais, (iii) e em torno de infraestruturas e serviços turísticos. Turismos de nicho e seus contextos geográficos. Formas espaciais do turismo alternativo.

2. Fatores modeladores e condicionantes das formas espaciais do desenvolvimento turístico

Constrangimentos físicos. Diferentes formas espaciais de desenvolvimento turístico em função do tipo de atrações: (i) atrações pontuais (museus, monumentos, termas, cidades, etc.); (ii) atrações lineares (linhas de costa, margens de lagos, rios, vias cénicas, etc.); (iii) e atrações zonais (reservas e parques naturais, áreas rurais, paisagens cénicas, etc.). O papel do capital (fontes de investimento e tipos de investidores), da estrutura da propriedade e do sistema de planeamento nas formas espaciais de desenvolvimento turístico. A influência da procura (quantidade e tipo de turistas e práticas de turismo) na morfologia dos destinos.

3. Configurações territoriais do turismo em áreas costeiras

Produtos turísticos associados a áreas costeiras. Processos de estruturação e evolução morfológica de destinos balneares. A variedade de formas dos destinos balneares. Enclaves turísticos. O modelo de organização espacial e uso do solo nas estâncias balneares segundo Williams e Lew (2015). O *recreational business district* (RBD). Conurbações turísticas.

4. Configurações territoriais do turismo em áreas de montanha

Produtos turísticos associados a áreas de montanha. Formas espaciais associadas ao *trekking*. Mudanças na paisagem de montanha induzidas pelo turismo. A variedade morfológica das estâncias de esqui.

5. Destinos de turismo urbanos

As cidades como nós funcionais nas tramas de fluxos turísticos. Tipologia da nodalidade turística urbana: cidades-destino, *gateways* («portas de entrada»), *hubs* («eixos de raios») e *stopovers* (escalas). Os três tipos de territorializações urbanas do turismo segundo Fainstein e Judd (1999): cidades-*resort*, cidades histórico-turísticas (*tourist-historic cities*) e cidades «convertidas» (*converted cities*). «Distritos» turísticos e recintos de turismo (*tourism precincts*). A organização espacial da cidade histórico-turística segundo Ashworth e Tunbridge (1990, 2000). As cidades de turismo mundiais. As «novas culturas do turismo urbano» e os seus efeitos na territorialização do turismo nas cidades.

Atividades propostas

O desenvolvimento deste ponto do programa inclui a realização de um trabalho em grupo para estudar a morfologia de um lugar turístico. O objetivo é descrever e discutir a forma urbana e organização espacial de uma estância turística, confrontando essa situação real com os modelos teóricos apresentados na bibliografia, nomeadamente os esquemas de organização espacial e uso do solo sugeridos em Williams e Lew (2015), Shaw e Williams (2004), Smith (1991) e Meyer-Arendt (1990). Em termos práticos, pretende-se que a turma aprenda a usar de modo combinado dados geográficos a partir de várias fontes, como as bases oficiais do Turismo de Portugal (Registo Nacional de Turismo, SIGTUR, e Plataforma de Dados Abertos Georreferenciados do Turismo de Portugal), Instituto Nacional de Estatística (BGRI), Património Cultural (geoportais Atlas), assim como de plataformas de navegação e de viagens baseadas em dados geográficos voluntários (sobretudo Google Maps, Tripadvisor, Booking.com, Airbnb).

Propõe-se que o estudo seja aplicado em Cascais, de modo a permitir que deslocações ao local para confirmação de dados e complementação de informação com observações de campo sejam facilmente realizáveis (Ericeira ou Sesimbra podem ser alternativas). O exercício assentará essencialmente na gestão de informação alfanumérica e geográfica recolhida pelos grupos, e na sua análise após tratamento gráfico e cartográfico. Cada grupo começará por definir as variáveis a recolher, identificando as que possam ser de interesse para o turismo. Estes devem incluir meios de hospedagem (empreendimentos turísticos e alojamento local) e outras infraestruturas de turismo (restaurantes e bares; postos de turismo; centros de congressos; marinas; etc.), além de atrações (praias, museus, sítios arqueológicos, miradouros, jardins e parques, etc.) e dados de caracterização do espaço edificado e espaço público (e.g. ruas pedonais, ciclovias) pertinentes para uma análise morfológica. Para tal serão convidados a explorar a informação das plataformas de navegação ba-

seadas em dados voluntários acima referidas, além das seguintes bases de dados oficiais:

- INE. (2022). *Censos 2021—Resultados provisórios ao nível da subsecção estatística (BGRI)*. Portal do INE. <http://mapas.ine.pt/download/index2021.phtml>
- Património Cultural. (atualização permanente). *Atlas do património classificado e em vias de classificação*. <https://www.patrimoniocultural.gov.pt/salvaguarda/consultar/>
- Turismo de Portugal. (atualização permanente). *Registo Nacional de Turismo*. <https://rnt.turismodeportugal.pt/RNT/>
- Turismo de Portugal. (atualização permanente). *SIGTUR—Sistema de Informação Geográfica do Turismo*. <https://sigtur.turismodeportugal.pt>
- Turismo de Portugal. (atualização permanente). *TravelBI Open Data—Plataforma de Dados Abertos Georreferenciados do Turismo de Portugal*. <https://dadosabertos.turismodeportugal.pt>

Em termos de competências, pretende-se que com este exercício o grupo de estudantes desenvolva as capacidades analíticas, retirando conclusões das observações e estabelecendo nexos entre dados empíricos e argumentos, além de aperfeiçoar capacidades para trabalhar autonomamente, aprendendo a escolher e usar fontes de informação, a escalonar e organizar tarefas, e a gerir o fluxo de trabalho.

Bibliografia específica

Leituras principais

- Cavaco, C., & Simões, J. M. (2009). *Turismos de nicho: uma introdução*. In J. M. Simões & C. C. Ferreira (Eds.), *Turismos de nicho: Motivações, produtos, territórios* (pp. 15–39). Centro de Estudos Geográficos, Universidade de Lisboa.

Este texto conceitualiza turismo de nicho, apresentando-o em contraposição a turismo de massa, discute o seu desenvolvimento no quadro de uma crescente segmentação pós-fordista dos mercados e de busca de diferenciação, e explora as relações entre produtos turísticos e diferentes tipos de regiões de destino e contextos geográficos.

- Pearce, D. G. (2021). *Tourist destinations: Structure and synthesis*. CABI.

Três capítulos desta obra são especialmente indicados para suportar este ponto do programa. O Cap.8 («Structure of coastal resorts», pp. 163–179) complementa Williams & Lew (2015) em relação ao tópico 3; várias formas urbanas e modelos de organização de estâncias turísticas são postas em evidência (estâncias estruturadas *ex nihilo* a partir da exploração do recurso praia, quer de forma orgânica quer planeada; estâncias desenvolvidas a partir de portos e aldeias piscatórias pré-existentes; estâncias combinando praia e marina; etc.). O Cap.9 («Structure of ski resorts and rural and natural area destinations», pp. 180–200) suporta o tópico 4: nele se examina a variedade de formas espaciais associadas ao turismo em montanha, pondo em contraste as morfologias espaciais associadas aos turismos ativos e de natureza (e.g. *trekking*), ao turismo

rural, e ao turismo de neve, com um *zoom* sobre diversas formas urbanas e ambiências de estâncias de esqui a partir de exemplos franceses, norte-americanos e japoneses. O Cap.7 («Structure of urban destinations», pp. 132-162), por seu turno, proporciona uma síntese da morfologia e estrutura espacial dos destinos urbanos, com a descrição e explicação dos padrões de localização de atrações e infraestruturas turísticas e dos comportamentos de visitação no espaço urbano. Os conceitos de «distrito» turístico e recinto de turismo são descritos sumariamente nesse capítulo. Por outro lado, uma apresentação de vários tipos de nodalidade do espaço urbano — distinguindo destinos finais, *gateways* («portas de entrada»), *hubs* («eixos de raios») e *stopovers* (escalas) — pode ser encontrada entre as págs. 19 e 24.

- Williams, S., & Lew, A. A. (2015). *Tourism geography: Critical understandings of place, space and experience* (3ª ed.). Routledge.

A primeira parte do Cap.4 («Costs and benefits: the local economic landscape of tourism», pp. 79-103), nomeadamente até à pág. 93, fornece uma excelente síntese dos fatores e condicionantes que modelam as formas espaciais do turismo (tópico 2), assim como da evolução morfológica das estâncias turísticas e sua organização espacial, e ainda dos conceitos de enclave turístico e zona turística litoral, que aqui aparece como sinónimo de conurbação turística (tópico 3).

Leituras complementares

- Andriotis, K. (2006). Hosts, guests and politics: coastal resorts morphological change. *Annals of Tourism Research*, 33(4), 1079-1098. <https://doi.org/10.1016/j.annals.2006.04.003>

A partir da análise da formação e trajetória de evolução das estâncias balneares na ilha de Creta (Grécia), o artigo propõe um modelo evolutivo de síntese das mudanças morfológicas dos destinos de turismo costeiros que procura articular o modelo TALC, a tipificação psicográfica de turistas de Cohen (1972), e o modelo Irridex de Doxey (1975). O enfoque é colocado na transformação paisagística e funcional do espaço, olhando para as mudanças que com o desenvolvimento do turismo vão ocorrendo ao nível: da faixa de praia; do solo agrícola; da rede viária; das tensões entre habitação permanente e residências secundárias; da presença de hotéis e outros meios de hospedagem; do comércio e serviços (com tendência para uma crescente especialização na oferta de produtos característicos de turismo); em termos da configuração da área urbanizada (tendência para o desenvolvimento urbano em faixa ou banda, com uma nebulosa de dispersão urbana em retaguarda); e na arquitetura (substituição das formas vernaculares por um estilo moderno internacional). A evolução morfológica dos destinos balneares descrito neste artigo será sumariado nas aulas. A leitura recomenda-se para quem quiser aprofundar o tópico 3, mas também para consolidar o conhecimento dos processos analisados no tópico 2 deste ponto do programa.

- Ashworth, G. J., & Tunbridge, J. E. (2000). *The tourist-historic city: Retrospect and prospect of managing the heritage city*. Pergamon.

Esta é uma leitura para quem, não querendo ficar pelo resumo que dele é feito em Pearce (2021), pretender conhecer diretamente na fonte o modelo de organização da cidade histórico-turística que Greg J. Ashworth e John E. Tunbridge desenvolveram tendo sobretudo em mente cidades médias multifuncionais com passado histórico. Opta-se por recomendar não a versão inicial publicada em 1990, mas esta versão revista do livro em que os autores, embora sem alterarem os traços essenciais do modelo original, o melhoraram, introduzindo variantes. Todo o livro é de grande interesse

para o estudo da geografia urbana do turismo, porém recomendam-se de modo especial os capítulos em que os padrões de utilização do espaço urbano por turistas são analisados e em que o modelo morfológico da cidade histórico-turística é descrito e explicado (Cap.3, «The tourist city», pp. 52-82; e Cap.4, «Modelling the tourist-historic city», pp. 83-104).

- Cavaco, C. (2005). O turismo e as novas dinâmicas territoriais. In C. A. Medeiros (Ed.), *Geografia de Portugal* (Vol. 3, 367-427). Círculo de Leitores.

Este será provavelmente o estudo até à data publicado que proporciona uma imagem de síntese mais completa e abrangente da geografia do turismo em Portugal. Apesar dos dados se encontrarem desatualizados e o estudo não retratar o crescimento e as transformações que o turismo teve em Portugal na última década, a sua consulta continua a ser de grande valia para se conhecerem as «tendências pesadas» da distribuição e organização regional do turismo em Portugal. A recomendação aqui justifica-se sobretudo por causa da relação que estabelece entre produtos turísticos e regiões de destino em Portugal (assunto especialmente desenvolvido nas págs. 385-392), assim como para conhecer alguma da variedade de configurações territoriais do turismo em Portugal e dos seus processos formativos e evolução morfológica (a partir da pág. 408). Pode ser útil, portanto, de forma transversal, para vários tópicos deste módulo.

- Fainstein, S. S., & Judd, D. R. (1999). *Cities as places to play*. In D. R. Judd & S. Fainstein (Eds.), *The tourist city* (pp. 261-272). Yale University Press.

Recomendado para aprofundar o tópico 5. Trata-se de uma referência célebre nos estudos de turismo urbano. Susan S. Fainstein e Dennis R. Judd vinculam a cidade pós-moderna ao consumo lúdico, ao turismo e à prevalência de novos estilos de vida hedonistas, e tipificam os destinos urbanos de turismo em três categorias: a cidade-*resort* (cidades expressamente desenvolvidas para o turismo), a cidade histórico-turística (cidades multifuncionais, com passado, onde a cultura urbana se tornou um objeto de consumo e o turismo foi absorvido como ingrediente estruturante da vida da cidade), e a cidade «convertida» (*converted city*), i.e. cidades antes sem interesse turístico onde espaços obsoletos com passado industrial foram «regenerados» (*redeveloped*) e transformados em recintos de turismo, mantendo-se relativamente insulados no tecido urbano e sem relação com a vida comum do resto da cidade — e por isso caracterizados também como «bolhas para turistas» (*tourist bubbles*).

- Gravari-Barbas, M., & Jacquot, S. (2018). *Atlas mondial du tourisme et des loisirs. Du Grand Tour aux voyages low cost*. Autrement.

O Cap.6 («Des structurations régionales du tourisme?»), pp. 73-89) explora as relações entre produtos turísticos e diferentes contextos geográficos, com mapas temáticos de tipo infográfico que propõem «zonamentos» dos vários tipos de turismo em diversas regiões do mundo. Para consolidar as aprendizagens do tópico 1.

- Gravari-Barbas, M., Jacquot, S., & Cominelli, F. (2019). New cultures of urban tourism. *International Journal of Tourism Cities*, 5(3), 301-306. <https://doi.org/10.1108/IJTC-09-2019-160>

O artigo retoma a tese dos «novos turistas urbanos» desenvolvida por Robert Maitland e explora a ideia de que se assiste a uma crescente tendência para turistas e residentes intercambiarem papéis na cidade, com as pessoas turistas a procurarem viver como locais e residentes a adotarem nas suas práticas de consumo ordinárias hábitos de turistas e a moldarem os seus estilos de vida

por uma cultura de turismo. As consequências desta nova cultura de turismo urbano nas espacialidades e infraestruturas da vida quotidiana das cidades, com riscos de agravamento da gentrificação e turistificação, são igualmente discutidas. Este aspeto é abordado no tópico 5.

- Hayllar, B., Griffin, T., & Edwards, D. (2008). *Urban tourism precincts: engaging with the field*. In B. Hayllar, T. Griffin, & D. Edwards (Eds.), *City spaces – tourist places: Urban tourism precincts* (pp. 3–18). Butterworth–Heinemann.

Uma leitura para conhecer mais sobre o conceito de recinto de turismo (tópico 5). Trata-se do capítulo introdutório de uma obra coletiva inteiramente dedicada a explorar este aspeto da morfologia urbana do turismo.

- Maitland, R. (2022). *New urban tourists: in search of the life more ordinary*. In A. Condevaux, M. Gravari-Barbas, & S. Guinand (Eds.), *Tourism dynamics in everyday places: Before and after tourism* (pp. 1–7). Routledge.

Para quem pretender explorar e conhecer mais sobre a tese dos «novos turistas urbanos» (assunto abordado no tópico 5).

- Maitland, R., & Newman, P. (2009). *Developing world tourism cities*. In R. Maitland & P. Newman (Eds.), *World tourism cities: Developing tourism off the beaten track*. (pp. 1–21). London: Routledge.

Trata-se da referência de base do conceito de cidades de turismo mundiais. Defende-se que grandes cidades multifuncionais, capazes de captarem contingentes volumosos de visitantes internacionais com múltiplas motivações, desenvolvem formas de territorialização do turismo mais policêntricas, multiformes, e também mais fluidas e volúveis, designadamente por haver mais turistas a quererem «sair do trilha batido» (*off the beaten track*). Isto traduz-se numa maior disseminação e «embebiamento» do turismo no tecido urbano e mistura na vida ordinária da cidade.

- Meyer–Arendt, K. J. (1990). *Recreational Business Districts in Gulf of Mexico seaside resorts*. *Journal of Cultural Geography*, 11(1), 39–55. <https://doi.org/10.1080/08873639009478436>

Para quem pretenda aprofundar o conceito de RBD (tópico 3). O artigo proporciona além disso descrições do processo de estruturação de várias estâncias turísticas no Golfo do México e uma síntese do seu modelo «típico» de organização espacial interna.

- Meyer–Arendt, K. J., Sambrook, R. A., & Kermath, B. M. (1992). *Seaside resorts in the Dominican Republic: a typology*. *Journal of Geography*, 91(5), 219–225. <https://doi.org/10.1080/OO221349208979846>

Embora estando decerto desatualizado já que não considera as evoluções ocorridas na morfologia desses lugares nas últimas décadas, é um estudo sintético que exprime em poucas páginas a variedade de configurações territoriais que as estâncias balneares em países da «periferia de prazer» podem assumir (tópico 3). Com base em observações realizadas na República Dominicana, cinco tipos básicos de sítios de turismo balnear são identificados, correspondentes a diferentes graus de especialização, massificação e «enclavização», desde o simples *balneario* na frente de praia de cidades multifuncionais, passando por aglomerados urbanos que se tornaram cidades turísticas com maior ou menor especialização balnear e onde procura locais/nacionais e internacionais coexistem em diferentes graus, até ao *resort* fechado, autocontido e voltado inteiramente para turistas estrangeiros.

- Nelson, V. (2021). *An introduction to the geography of tourism* (3ª ed.). Rowman & Littlefield.

O Cap.3 desta obra («Overview of tourism products», pp. 51-76), que começa por definir produto turístico, identifica e explora cerca de duas dezenas de produtos turísticos — turismo de sol e mar, *dark tourism*, turismo de aventura, turismo MICE (sigla de *meetings, incentive travels, conferences and exhibitions*), VFR (*visiting friends and relatives*), turismo de raízes (*root tourism*), turismo rural, turismo sexual e de romance, etc. —, abordando aspetos relacionados com a procura, o tipo de infraestruturas e serviços de que fazem uso, e o tipo de contextos geográficos ou destinos em que ocorrem. Muito útil para consolidar e aprofundar o tópico 1 deste ponto do programa e aprender a relacionar produtos turísticos com diferentes tipos de regiões de destino.

- Nepal, S. (2005). *Tourism and remote mountain settlements: spatial and temporal development of tourist infrastructure in the Mt. Everest region, Nepal*. *Tourism Geographies*, 7(2), 205-227. <https://doi.org/10.1080/14616680500072471>

Um estudo de caso que ilustra os efeitos do turismo na transformação das paisagens de montanha, mesmo em regiões remotas, neste caso através do efeito do *trekking* na forma dos povoados ao longo dos trilhos, no espaço construído (arquitetura) e nas suas funcionalidades. Este artigo é usado nas aulas (tópico 4), de modo que a sua leitura se recomenda a quem precise de confirmar ou queira aprofundar as aprendizagens que a isto dizem respeito.

- Piriou, J. (2019). *The tourist region. A co-construction of tourism stakeholders*. ISTE e John Wiley & Sons.

Para o presente módulo do programa sugere-se como leitura complementar o primeiro capítulo desta obra (Cap.1, «Tourist places, with their foundations in the tourist region», pp. 5-21). O capítulo procura fazer uma sistematização da variedade de lugares turísticos, usando sobretudo categorias conceituais desenvolvidas na tradição da Geografia francófona. Essas categorias incluem o sítio turístico (local meramente de visitação e passagem, correspondendo a uma atração e infraestruturas de apoio mínimas), o *resort* hoteleiro (equivalente ao que na bibliografia aparece comumente descrito como um enclave turístico), a estância turística (apenas se consideram nesta categorização os lugares criados *ex nihilo* para a sedentarização temporária de turistas e que têm no turismo a sua *raison d'être*), aldeias e pequenas cidades turistificadas (lugares notabilizados pelo seu caráter pitoresco e atrações culturais, com uma pré-existência não turística, cuja economia passou a ser dominada pelo turismo), cidades turísticas (cidades multifuncionais que integram uma função turística, podendo ser grandes cidades multipolares em termos de atrações e polinucleares em termos de localização da atividade turística, cidades médias ou pequenas, mononucleares e unipolares, e ainda *stopovers*, ou cidades de escala), e, finalmente, as conurbações turísticas (espaços regionais densamente construídos, normalmente ao longo do litoral, com alguma continuidade física mas também certa fragmentação, que agregam vários dos tipos de lugares anteriores), equivalentes às zonas turísticas de Williams e Lew (2015). Este texto proporciona conhecimentos úteis transversais a vários tópicos deste módulo do programa.

- Ramón Ojeda, A. A., & López Rivero, S. (2019). *El espacio turístico de nieve en España. Perspectiva territorial y revisión tipológica*. *Pirineos*, 174, Article e046. <https://doi.org/10.3989/pirineos.2019.174006>
- Uma leitura útil para conhecer mais sobre a variedade morfológica das estâncias de neve (tópico 4). O artigo analisa 33 estâncias de desportos de inverno em Espanha e faz uma tipologia deste género de lugares turísticos.

- Saارينen, J. (2017). Enclavic tourism spaces: territorialization and bordering in tourism destination development and planning. *Tourism Geographies*, 19(3), 425–437.

<https://doi.org/10.1080/14616688.2016.1258433>

Indicado para quem pretender explorar o conceito de enclave turístico (tópico 3). O autor justifica o uso do termo «enclave» sublinhando as analogias ao nível da territorialidade e da extravasão e dependência económica e cultural entre este tipo de espaços de turismo planeados e estritamente segregados e o enclave geopolítico.

- Shaw, G., & Williams, A. M. (2004). *Tourism and tourism spaces*. Sage.

Embora seja uma obra de síntese importante na Geografia do Turismo, este livro não tem sido referido como sugestão de leitura (outras obras mais recentes ou que beneficiaram de reedições revistas têm sido preferidas). Contudo, para se compreenderem as forças modeladoras das configurações territoriais do turismo em regiões costeiras (sobretudo na relação entre capital e planeamento) e para se aprofundar o conhecimento da variedade de formas dos destinos balneares (tópicos 2 e 3), o Cap.9 («Established tourism spaces in transition: changes in coastal resorts», pp. 216–241) continua a ser de grande valia. O capítulo está muito bem substanciado por exemplos de estâncias britânicas e norte-americanas e do desenvolvimento turístico costeiro em Espanha e no México.

- Smith, R. A. (1991). Beach resorts: a model of development evolution. *Landscape and Urban Planning*, 27(3), 189–210. [https://doi.org/10.1016/0169-2046\(91\)90018-H](https://doi.org/10.1016/0169-2046(91)90018-H)

Trata-se de um estudo muito citado nos trabalhos de morfologia do turismo a respeito da formação e evolução morfológica das estâncias balneares, onde é proposto um modelo de síntese construído a partir de evidências recolhidas na Ásia-Pacífico (Malásia, Tailândia e Austrália). Um resumo dos vários estádios de desenvolvimento identificados neste estudo será apresentado sumariamente nas aulas (tópico 3), de modo que a leitura se recomenda para quem precisar de consolidar ou quiser aprofundar este conteúdo.

- Weaver, D. (2006). *Sustainable tourism: Theory and practice*. Elsevier Butterworth–Heinemann.

Para esclarecimento do conceito de turismo alternativo, diferenças na organização dos negócios e cadeias de abastecimento relativamente ao turismo de massa, assim como das formas espaciais associadas (tópico 1), aconselha-se a consulta do Cap.3 («Alternative tourism», pp. 38–57).

- Xie, P. F., & Gu, K. (2019). *The morphology of tourism: Planning for impact in tourist destinations*. Routledge.

Embora toda a obra seja pertinente para este módulo do programa, é especialmente recomendado o Cap.2 («A conceptual framework for the morphology of tourism», pp. 42–68) por proporcionar uma síntese da teoria sobre a morfologia do turismo, passando em revista a história dos estudos desenvolvidos sob esta perspetiva e os principais conceitos com eles relacionados. O conceito de RBD é explorado, explicando-se como as economias de aglomeração e o «orçamento de tempo» limitado (*time budget*) das pessoas turistas contribuem para a «clusterização» de atrações, infraestruturas turísticas e do espaço visitado, tendendo a formar «distritos» turísticos. Também as relações entre a forma das atrações (pontuais, lineares e zonais) e a configuração dos espaços de destino (concêntricos, em faixa, polinucleados e difusos) são postas em destaque neste texto, assim como os cuidados que essas diversas formações obrigam a ter em termos de planeamento. É de utilidade sobretudo para o tópico 2.

3.

Desafios da sustentabilidade e turismo

Neste último bloco do programa o grupo de estudantes será instado a refletir sobre os impactos socioeconômicos, culturais e ambientais do turismo, assim como a discutir o seu desenvolvimento a partir da lente da sustentabilidade. É evidente que estas questões terão sido já afloradas em pontos anteriores do programa — é impossível abordar a globalização do turismo sem refletir sobre as desigualdades Norte-Sul e um certo tipo de relacionamento neocolonial que o turismo global reedita e reproduz, por exemplo repetindo lógicas de poder sobre pessoas racializadas através das relações de emprego e promovendo a sua objetificação como atrativos turísticos; ou falar de alguns turismos de nicho, como o turismo romântico e sexual, ou o *dark tourism*, sem equacionar questões éticas, sociais e políticas relacionadas com género e memória; ou ainda estudar a massificação e o ciclo de vida dos destinos turísticos sem questionar as consequências socioeconômicas e ambientais do desenvolvimento do turismo. Todavia, propõe-se proceder agora a uma discussão mais atenta e metódica dos impactos e implicações do turismo nesses vários planos. Acredita-se que a turma, após ter explorado no bloco anterior do programa, sob um prisma analítico, o fazer e refazer dos lugares pelo turismo e o papel deste na transformação das paisagens, se encontrará em condições de evoluir para um debate de carácter mais reflexivo e crítico.

Ao referir que vamos discutir o desenvolvimento do turismo pela lente da sustentabilidade pretende-se exprimir que o ângulo será o da primazia do respeito e benefício do ambiente e das regiões e localidades de destino. O termo «sustentabilidade» tornou-se infelizmente uma *buzzword* de que muitas narrativas, até contraditórias, se apropriaram. Ouve-se por vezes falar de «sustentabilidade económica» para designar viabilidade, competitividade ou rendibilidade, por exemplo. Contudo, como se explicou já anteriormente (vd. Parte I, 3. Organização do programa e conteúdos), alinha-se neste programa com as posições que pugnam por uma (re)credibilização do conceito através de uma aceção mais purista, de modo que é a partir de um paradigma de «sustentabilidade forte», ecocêntrico e orientado para a priorização do benefício das comunidades e redes socionaturais dos lugares de destino que a discussão será tida. Assim, pode considerar-se que a missão desta última parte do programa será fomentar a conscientização do grupo de estudantes para os benefícios e problemas que o desenvolvimento do turismo acarreta, na perspectiva das comunidades locais e do ambiente. Cruzando isto com os objetivos de aprendizagem terminais da UC, significa que este bloco concorrerá especialmente para consolidar o reconhecimento da importância dos elementos biofísicos nas culturas humanas e dos entrelaçamentos sociedade-natureza, da escala local à global. Em termos de objetivos de aprendizagem imediatos, é um bloco que permitirá ajudar em especial a:

- compreender a importância dos elementos biofísicos para o desenvolvimento do turismo e as interações socioambientais que este gera;

- discutir o papel do turismo na circulação de capital assim como no desenvolvimento económico, a diferentes escalas;
- debater as relações socioculturais visitantes-comunidades locais e as mudanças induzidas pelo turismo nas culturas;
- discutir e usar noções relacionadas com limites toleráveis no âmbito do desenvolvimento do turismo;
- e debater futuros sustentáveis para o turismo.

Como se apresenta no Quadro 3, estão reservadas cerca de 11 horas de contacto para o desenvolvimento desde bloco do programa, designadamente seis sessões nas últimas semanas letivas do semestre. Evidentemente, seria vantajoso que se pudesse dedicar mais tempo aos assuntos em discussão. Não há dúvida de que a extensão que este bloco ocupa no conjunto do programa não faz jus à importância e pertinência dos assuntos em debate. No entanto, é possível justificar esta opção pensando numa lógica de complementaridade e de relação de continuidade com as aprendizagens que poderão ter lugar no nível de pós-graduação. O género de questões que irão estar em debate neste conjunto final de aulas são tipicamente os problemas que mais se exploram e investigam na formação pós-graduada. Como tal, devemos assumir que se tratará aqui tão-somente de levantar questões e de abrir perspetivas sobre problemáticas que poderão merecer maior aprofundamento mais tarde, preferencialmente ao nível do mestrado, mas até eventualmente, pensando num estágio de aprofundamento intermédio, no trabalho de Seminário/Projeto do último semestre da licenciatura.

A natureza dos conteúdos e os objetivos de aprendizagem que norteiam esta parte final do programa justificam plenamente que outras formas de ensino-aprendizagem alternativas às tradicionais aulas teóricas tenham proeminência. Três momentos de aula-debate estão por isso previstos, como se sintetiza no Quadro 3 onde a planificação das aulas deste bloco está esquematizada. Além disso, prevê-se a realização de uma visita de estudo para examinar *in situ* um processo de turistificação e refletir sobre esta questão, enriquecendo com observação própria o conhecimento obtido pela leitura e discussão da literatura.

Quadro 3. Planificação das aulas do bloco programático «3. Desafios da sustentabilidade e turismo»

	Conteúdo programático	Tipologia
Aula 22	3.1. Impactes do turismo nas comunidades e no ambiente	T
Aula 23		
Aula 24		
Aula 25		VE
Aula 26	3.2. Futuros sustentáveis para o turismo	AD
Aula 27		T
		AD

T – Aula teórica; AD – Aula-debate; VE – Visita de estudo

3.1. Impactes do turismo nas comunidades e no ambiente

Resultados de aprendizagem esperados

No final deste módulo do programa é esperado que o grupo de estudantes:

- compreenda que o turismo produz impactes que podem ser considerados positivos ou negativos, demonstrando saber avaliar uns e outros;
 - identifique fatores que podem influenciar a grandeza dos impactes e porquê;
 - discuta as consequências do turismo para as economias das áreas de destino e o ambiente, a várias escalas (local/regional, nacional e global);
 - identifique aspetos socioculturais particularmente suscetíveis ao desenvolvimento do turismo e caracterize mudanças críticas que podem ocorrer nestes domínios;
 - use os conceitos de capacidade de carga, limites de mudança aceitável e sobreturismo (*overtourism*), e compreenda as dificuldades na sua operacionalização;
 - conheça exemplos de soluções de planeamento e medidas de política para a gestão de visitantes nas áreas de destino.
-

Resumo dos conteúdos

1. Efeitos do turismo nas economias dos destinos

Efeitos no rendimento, empreendedorismo e alívio da pobreza. Contributos para as contas públicas. Efeitos no emprego. O conceito de multiplicador. Benefícios primários e secundários: efeitos económicos diretos, indiretos e induzidos do turismo. Riscos inflacionistas. Custos de oportunidade e dependência excessiva do turismo. Efeitos agregados no desenvolvimento.

2. Efeitos do turismo no ambiente

Consequências na biodiversidade e conservação da vida selvagem. Turismo, mudanças no uso e ocupação do solo e destruição de *habitats*. Poluição pelo turismo. O contributo do turismo na emissão de gases de efeito de estufa (GEE). Turismo e consumo de recursos.

3. Impactes sociais e culturais do turismo

Valorização da diversidade cultural e conservação do património. Autoestima, efeito de demonstração e aculturação. Efeitos do turismo nas estruturas sociais e empoderamento de grupos vulneráveis e marginalizados. Erosão cultural e mudanças morais e nos valores sociais induzidas pelo turismo. A autenticidade encenada. A «museificação» de lugares turísticos. Níveis de desenvolvimento do turismo e resposta das comunidades locais segundo o modelo Irridex de Dorrey (1975). Impactes socioculturais do turismo em função da distância cultural entre turistas e comunidades locais. Turismo, gentrificação e turistificação.

4. Limites para o desenvolvimento do turismo e gestão de visitantes

Conceito de capacidade de carga. Limites de mudança aceitável e aplicações deste modelo de planeamento. Dificuldades na determinação de limites para o turismo. Sobreturismo (*overtourism*). Soluções políticas e medidas técnicas para a gestão de visitantes/regulação da visitação.

Atividades propostas

A estratégia de ensino-aprendizagem proposta para este módulo do programa contempla duas atividades com articulação entre si. A primeira é uma aula-debate com o objetivo de discutir a relação entre turismo, turistificação e gentrificação. Excetuando um texto que tem um âmbito mais teórico e que servirá para esclarecimento dos conceitos (Sequera & Nofre, 2018), as leituras para debate foram selecionadas por forma a retratarem ou incidirem no caso de Lisboa, a saber:

- Costa, C., Stevic, I., Veríssimo, M., & Silva, M. F. (2019). Short-term accommodation and overtourism in Portuguese urban centres. In C. Milano, J. M. Cheer, & M. Novelli (Eds.), *Overtourism: Excesses, discontents and measures in travel and tourism* (pp. 167-189). CABI.
- Guimarães, P. (2022). Unfolding authenticity within retail gentrification in Mouraria, Lisbon. *Journal of Tourism and Cultural Change*, 20(1-2), 221-240. <https://doi.org/10.1080/14766825.2021.1876079>
- Paiva, D., & Sánchez-Fuarros, I. (2021). The territoriality of atmosphere: rethinking affective urbanism through the collateral atmospheres of Lisbon's tourism. *Transactions of the Institute of British Geographers*, 46(2), 392-405. <https://doi.org/10.1111/tran.12425>
- Sequera, J., & Nofre, J. (2018). Shaken, not stirred: new debates on touristification and the limits of gentrification. *City*, 22(5), 843-855. <https://doi.org/10.1080/13604813.2018.1548819>

Como metodologia para a aula-debate sugere-se um procedimento similar ao que foi implementado nas anteriores sessões da mesma modalidade: dividir a turma em quatro grupos, cabendo a cada grupo a leitura, apresentação e discussão de um dos textos. Os textos são fornecidos antecipadamente com a orientação de que se identifiquem os objetivos do estudo e questões de investigação (quando aplicável), os conceitos abordados e sua definição, e as conclusões a que chegam. O debate ocupará a última parte da aula 24 (cerca de uma hora).

A segunda atividade proposta consiste numa visita de estudo com o objetivo de detetar *in situ* sinais da turistificação, enriquecendo com observações próprias o debate sobre este assunto proporcionado pela literatura. Trata-se, portanto, de uma atividade projetada para prolongar e desenvolver o debate iniciado em sala de aula, devendo decorrer no tempo de contacto correspondente à sessão seguinte. A proposta é que a visita decorra na freguesia da Misericórdia, Lisboa, incidindo particularmente entre o Cais do Sodré e o Largo do Conde Barão, área que foi estudada sob esta perspetiva no âmbito do Projeto SMARTDEST (financiamento EU Horizon 2020, Ref. 870753) e sob a qual há, por isso, informação que pode ser mobilizada para enriquecer a visita.

Durante o trabalho de campo o grupo de estudantes deve ser estimulado a orientar a sua atenção para as mudanças na forma e funcionalidade do espaço. A pessoa que conduz a visita assinalará e

ajudará a identificar sinais como a substituição de habitação permanente por meios de hospedagem turística, a hegemonização da estrutura comercial por serviços de refeições e bebidas, a apropriação do espaço público pelo consumo com a dilatação dos restaurantes e cafés em esplanadas, e o aparecimento de novos negócios orientados para a procura dos habitantes temporários da cidade tais como lavandarias *self-service* e estabelecimentos de aluguer de cacifos, ambos observáveis na área em estudo. Também as performatividades e a atmosfera urbana deverão ser registadas, com atenção às atitudes dos transeuntes nas esplanadas e espaço público, ao movimento e colorido do «ballet urbano», às sonoridades, aos *tuk tuks* e trotinetas elétricas de aluguer, etc. A turma deverá ser desperta para a sobreposição e mistura de diferentes formas de mobilidades turísticas (turistas, estudantes internacionais, nómadas digitais), aprendendo a descortinar sinais dessas presenças na variedade de oferta de restaurantes, e na mistura de comércio gentrificado/«hipsterificado», cafés de especialidade, espaços de *coworking*, etc., devendo o roteiro da visita prever uma passagem pela unidade da rede Selina existente na área em estudo (um grupo transnacional de meios de hospedagem dedicados a nómadas digitais e residentes temporários, em cujas unidades é oferecido um leque de hipóteses de alojamento para diferentes orçamentos, possibilidades de *self-catering*, serviço de refeições, espaços de sociabilidade e lazer, uma agenda própria de animação e eventos, e espaços de *coworking*, com elevado foco no bem-estar e no estilo). A possibilidade de parte da visita ser feita com representantes de associações locais ativistas contra a turistificação e pelo direito à cidade (e.g. Associação Aqui Mora Gente), para que a turma possa ouvir de viva-voz os seus pontos de vista, deve ser equacionada.

Bibliografia específica

Leituras principais

- Milano, C., Cheer, J. M., & Novelli, M. (2019). *Overtourism: an evolving phenomenon*. In C. Milano, J. M. Cheer, & M. Novelli (Eds.), *Overtourism: Excesses, discontents and measures in travel and tourism* (pp. 1-17). CABI.

Recomenda-se o capítulo de abertura desta obra coletiva dedicada ao problema do sobreturismo (*overtourism*) como leitura de base pelo seu carácter introdutório. Isto permite uma apresentação sintética do conceito (onde se descarta qualquer possível confusão com a ideia de «sobrelotação», i.e. *overcrowding*) complementada depois por um debate em que o crescimento e dependência excessivos do turismo são postos em contraposição com as suas consequências em termos percetuais e subjetivas (qualidade de vida), sociais (reação e atitude das comunidades locais), e políticas (movimentos sociais e respostas dos mecanismos de governança e de planeamento). O texto também introduz a relação do sobreturismo com a turistificação.

- Page, S. J. (2019). *Tourism management* (6ª ed.). Routledge.

Esta obra proporciona no seu Cap.11 («Managing the visitor and their impacts», pp. 409-454) uma boa síntese de apoio às aprendizagens deste módulo, sendo a sua leitura sobretudo indicada para suportar as aprendizagens relacionadas com a necessidade de estabelecer limites ao crescimento do turismo e medidas políticas e técnicas de monitorização e gestão de visitantes nas áreas de destino (tópico 4). Impactes económicos, ambientais e socioculturais do turismo nas áreas de destino são analisados de forma articulada. Os conceitos de capacidade de carga e limites de mudança aceitável são sucintamente expostos e discutidas as dificuldades na sua determinação e operacionalização. São apresentados

vários modelos de gestão de visitantes (e.g. *Recreation Opportunity Spectrum* — ROS; *Visitor Activity Management Programme* — VAMP; *Visitor Impact Management Model* — VIMM; *Tourism Optimization Management Model* — TOMM) e medidas comuns de controlo e regulação da visitação nos destinos. O modelo Irridex de Doxey (baseado nos resultados do Índice de Irritação Turística desenvolvido por Gerald V. Doxey em 1975) é brevemente explicado neste capítulo, com críticas à simplificação excessiva que faz das atitudes das comunidades locais ao resumi-las a quatro categorias — euforia, apatia, aborrecimento e antagonismo — e dúvidas quanto à sua replicabilidade ou validade como teoria geral.

- Williams, S., & Lew, A. A. (2015). *Tourism geography: Critical understandings of place, space and experience* (3ª ed.). Routledge.

Os Cap.5 («Tourism, sustainability and environmental change», pp. 104-124) e Cap.6 («Socio-cultural relations and experiences in tourism», pp. 125-146) proporcionam uma boa leitura de base para as matérias desenvolvidas nos tópicos 2 e 3. A parte final do Cap.4 («Costs and benefits: the local economic landscape of tourism», pp. 79-103), já indicado como leitura no ponto 2.3 do programa, é pertinente para a análise dos impactes económicos. Os impactes são sobretudo perspetivados e discutidos neste texto à escala local/regional.

Leituras complementares

- Brida, J. G., Gomez, D. M., & Segarra, V. (2020). On the empirical relationship between tourism and economic growth. *Tourism Management*, 81, 4131-4131. <https://doi.org/10.1016/j.tourman.2020.104131>

Para refletir sobre os efeitos agregados do turismo na economia (tópico 1). O artigo procura averiguar se é possível estabelecer um nexo entre o desenvolvimento do turismo e o crescimento económico, ao nível nacional, a médio-longo prazo. Para isso analisa a relação entre a evolução do turismo recetivo e o crescimento económico num conjunto de 80 países entre 1995 e 2016, a partir de uma abordagem não-linear e não-paramétrica. O artigo verifica que há comportamentos heterogéneos e que só um pequeno conjunto de países registou performance elevada e consistente nos dois indicadores, o que contesta a hipótese do crescimento económico conduzido pelo turismo em termos gerais. As conclusões deste estudo devem ser consideradas para ajuizar sobre a validade da retórica do produtivismo no turismo.

- Chattopadhyay, M., Kumar, A., Ali, S., & Mitra, S. K. (2022). Human development and tourism growth's relationship across countries: a panel threshold analysis. *Journal of Sustainable Tourism*, 30(6), 1384-1402. <https://doi.org/10.1080/09669582.2021.1949017>

Para refletir sobre os efeitos agregados do turismo no desenvolvimento (tópico 1). O estudo explora a relação entre o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) e o desenvolvimento turístico medido pelas receitas do turismo internacional em 133 países ao longo de 24 anos, com base numa análise multifactorial envolvendo regressões não-lineares. O artigo conclui que não existe um nexo convincente entre as duas variáveis, sendo o efeito do desenvolvimento turístico no IDH insignificante em termos gerais. Nos países de rendimento mais baixo, não se detetam efeitos do crescimento do turismo no IDH. Depreende-se que o desenvolvimento turístico não é condição *per se* para produzir melhorias no desenvolvimento social.

- Costa, C., Stevic, I., Veríssimo, M., & Silva, M. F. (2019). Short-term accommodation and overtourism in Portuguese urban centres. In C. Milano, J. M. Cheer, & M. Novelli (Eds.), *Overtourism: Excesses, discontents and measures in travel and tourism* (pp. 167-189). CABI.

É um dos textos que será objeto de discussão na aula-debate prevista para este módulo. Os autores analisam a difusão dos alojamentos locais em Lisboa, Porto e Aveiro e ponderam sobre os resultados deste crescimento em termos de efeitos na economia nacional, na reabilitação do edificado e no sobreturismo.

- **Dodds, R., & Butler, R. W. (2019).** *The enablers of overtourism*. In R. Dodds & R. W. Butler (Eds.), *Overtourism: Issues, realities and solutions* (pp. 6–21). De Gruyter.

O texto discute as causas ou fatores que potenciam o sobreturismo. São identificados fatores do lado da procura (acesso de mais pessoas e novos grupos ao turismo), da oferta (e.g. viagens mais baratas, Internet, foco no curto-prazo e lucro rápido), da governação (falta de controlo sobre as visitas, fragmentação dos *stakeholders* e dificuldade de comunicação e em consensualizar opiniões, grandes assimetrias de poder entre «indústria» e comunidades locais) e transversais, ao nível das mentalidades (um *mindset* obstinado nos benefícios do crescimento). Conveniente para quem quiser explorar mais as causas do sobreturismo e refletir sobre possíveis soluções.

- **Fletcher, J., Fyall, A., Gilbert, D., & Wanhill, S. (2018).** *Tourism: Principles and practices* (6ª ed.). Pearson.

A leitura do Cap.7 («The economic impact of tourism», pp. 145–173) é aconselhada a quem quiser complementar a leitura de Williams e Lew (2015) com mais informação em relação aos métodos de avaliação dos impactes económicos do turismo e ao conceito de multiplicador.

- **Gössling, S., & Peeters, P. (2015).** *Assessing tourism's global environmental impact 1900–2050*. *Journal of Sustainable Tourism*, 23(5), 639–659. <https://doi.org/10.1080/09669582.2015.1008500>

Trata-se seguramente da mais completa tentativa de avaliação de impacto do turismo no consumo/depleção de recursos ao nível global já publicada, com uma abordagem ao mesmo tempo retrospectiva e prospetiva. O crescimento das viagens aéreas e o turismo de cruzeiros são identificados como aspetos particularmente críticos no respeitante à sustentabilidade (sobretudo pela emissão de GEE, a evoluírem em contracorrente com o resto da economia). As mudanças de uso e ocupação do solo (com conseqüente perda de ecossistemas e artificialização do solo), o consumo de energia e a emissão de GEE pelo turismo são identificados como os impactes com maior potencial de agravamento nas próximas décadas. Achados deste estudo devem ser mobilizados para complementar e densificar a reflexão sobre os impactes ambientais do turismo à escala global. Este texto é uma das bases de reflexão do tópico 2.

- **Gravari-Barbas, M., & Guinand, S. (2017).** *Introduction: Addressing tourism–gentrification processes in contemporary metropolises*. In M. Gravari-Barbas & S. Guinand (Eds.), *Tourism and gentrification in contemporary metropolises: International perspectives* (pp. 1–22). Routledge.

Uma leitura recomendada para quem quiser explorar um pouco mais extensamente as relações entre turismo e gentrificação, ilustrada com referência a exemplos geograficamente diversos e sustentada em literatura variada (tópico 3).

- **Guimarães, P. (2022).** *Unfolding authenticity within retail gentrification in Mouraria, Lisbon*. *Journal of Tourism and Cultural Change*, 20(1–2), 221–240. <https://doi.org/10.1080/14766825.2021.1876079>

É outro dos artigos que será objeto de discussão na aula-debate prevista neste módulo. O debate foca-se nas relações entre turismo, gentrificação comercial e autenticidade.

- **Hall, C. M. (2015).** *Tourism and biological exchange and invasions: A missing dimension in sustainable tourism? *Tourism Recreation Research*, 40(1), 81-94.* <https://doi.org/10.1080/O2508281.2015.1005943>
Quando se trata de avaliar e discutir os impactos ambientais do turismo, as atenções recaem normalmente no contributo do subsector das viagens para as emissões de GEE e no efeito das infraestruturas de turismo na transformação dos sistemas de uso do solo, com destruição de *habitats* pela artificialização. Este artigo chama a atenção para um aspeto menos estudado das consequências negativas do turismo sobre a biodiversidade: a difusão de espécies invasoras e a homogeneização biótica. Apropriado para se perceber a densidade e complexidade dos nexos e inter-relações socioambientais do turismo exploradas no tópico 2.
- **Ishii, K. (2012).** *The impact of ethnic tourism on hill tribes in Thailand. *Annals of Tourism Research*, 39(1), 290-310.* <https://doi.org/10.1016/j.annals.2011.05.004>
O artigo analisa e discute os efeitos do turismo étnico nas estruturas sociais do povo Akha em Chiang Mai, Tailândia. O estudo conclui que o turismo, ao criar oportunidades de emprego e estimular o empreendedorismo, criou fontes de rendimento que privilegiaram os membros mais jovens e as mulheres em detrimento dos anciãos, impactando nas estruturas sociais e relações de poder tribais. Útil para refletir sobre os impactos socioculturais do turismo a partir de uma perspetiva de desigualdades de idade e género (tópico 3).
- **Jimura, T. (2019).** *World Heritage sites: Tourism, local communities and conservation activities.* CABI.
Toda a obra é de grande valor caso se pretenda fazer uma reflexão sobre as relações entre o turismo, a conservação do património (natural e cultural) e os pontos de vista e participação das comunidades locais nesses processos. Para as aprendizagens deste módulo do programa (tópico 3) têm interesse e utilidade os Cap.5 («Local communities in and around World Heritage sites», pp. 65-80) e Cap.7 («The sociocultural impacts of World Heritage site designation on local communities», pp. 96-113), onde se examinam e discutem os efeitos socioculturais — positivos e negativos — do desenvolvimento turístico que frequentemente sucede à patrimonialização de sítios ou que com esta está correlacionado. A leitura ajuda além disso a compreender a profunda imbricação (senão até quase indissociabilidade) de patrimonialização, *marketing* e turismo, e a refletir sobre as complexas e ambíguas relações disso com a autenticidade. O Cap.5 começa por esclarecer e discutir o conceito de comunidade local, expressão frequentemente usada nos estudos turísticos embora raramente precisada, definindo-a como «um grupo de pessoas que podem ter certo grau de diferenças nas suas características, interesses ou aspirações a um nível individual, mas que partilham uma área geográfica para viverem e um sentido de lugar, e que estão conectadas com as outras através de interações sociais quotidianas» (p. 66).
- **Lorenzen, M. (2021).** *Rural gentrification, touristification, and displacement: analysing evidence from Mexico. *Journal of Rural Studies*, 86, 62-75.* <https://doi.org/10.1016/j.jrurstud.2021.05.015>
Uma leitura sugerida para descentrar o debate sobre as relações turismo-gentrificação do contexto urbano e do Norte Global. Neste estudo incidente em comunidades rurais do estado de Morales, México, mostra-se como o turismo e as residências secundárias contribuem para a gentrificação rural, transformando social e materialmente as aldeias. O estudo tem ainda a originalidade de abordar a gentrificação de uma perspetiva mais-do-que-humana, ao identificar uma gentrificação vegetal associada ao desenvolvimento do turismo residencial, com a expulsão/

deslocamento (*displacement*) de plantas nativas/indígenas e a sua substituição por plantas ornamentais exóticas (tópicos 2 e 3).

- **MacCannell, D. (1973). Staged Authenticity: arrangements of social space in tourist settings. *American Journal of Sociology*, 79(3), 589–603. <https://doi.org/10.1086/225585>**

Para quem tiver interesse em explorar na fonte originária mais sobre o conceito de autenticidade encenada e dos jogos de ilusão entre *front regions* e *back regions* dos lugares de turismo (abordado no tópico 3), indo além da alusão que se lhe faz em Williams e Lew (2015).

- **Mason, P. (2021). *Tourism impacts, planning and management* (4ª ed.). Routledge.**

Trata-se de uma obra de grande relevância para o estudo dos impactes do turismo e da gestão dos destinos, da qual vários capítulos seriam pertinentes para as aprendizagens neste módulo do programa (desde logo, toda a parte de discussão dos impactes económicos, socioculturais e ambientais do turismo — Caps. 3 a 6, entre as págs. 31 a 82). Não havendo tempo para uma leitura mais extensa da obra, recomendam-se especialmente dois capítulos, um focado na gestão de visitantes (Cap.9, «Visitor management», pp. 124–139), que nesta obra é entendida e apresentada como parte indispensável do planeamento do turismo, e outro sobre a relação de planeamento turístico e sustentabilidade (Cap.18, «Tourism planning and management and sustainability», pp. 247–263) onde são postas em confronto filosofias e soluções desenhadas sob perspetivas de «sustentabilidade fraca» e «sustentabilidade forte». Especialmente recomendado para aprofundar as matérias do tópico 4.

- **McCool, S. (2013). Limits of Acceptable Change and tourism. In A. Holden & D. Fennell (Eds.), *Routledge handbook of tourism and the environment* (pp. 285–299). Routledge.**

Recomendado para quem pretender aprofundar o modelo de planeamento baseado no conceito de limites de mudança aceitável e a sua implementação, abordado no tópico 4. O texto analisa-o em confronto com o conceito de capacidade de carga, discutindo as limitações e dificuldades na implementação de ambos.

- **Nelson, V. (2021). *An introduction to the geography of tourism* (3ª ed.). Rowman & Littlefield.**

Três capítulos da presente obra podem ser convenientes para complementar ou consolidar as Leituras Principais, nomeadamente a leitura de Williams e Lew (2015): um que analisa os impactes económicos do turismo (Cap.8, «The economic geography of tourism», pp. 183–204), fazendo-o numa ótica de desenvolvimento e analisando as consequências no emprego, investimento e rendimento, além das conexões intersectoriais do turismo (tópico 1); outro em que se sondam os impactes socioculturais do turismo (Cap.9, «The social geography of tourism», pp. 205–227), colocando em realce os benefícios para o desenvolvimento social, a autoestima e preservação das culturas locais, contra os custos decorrentes do «choque» de culturas e perda na qualidade de vida das comunidades locais (tópico 3); e, finalmente, um terceiro que trata dos impactes ambientais (Cap.10, «The environmental geography of tourism», pp. 229–251) (tópico2). Os impactes são ponderados colocando em confronto benefícios e custos, o que pode ser útil para aprender a discriminar impactes positivos e negativos. O conceito de «museificação» — aqui referido como *museumization*, embora em outros trabalhos apareça como *museumification*; em português, também se encontra por vezes na forma de «museificação» (não deve ser confundido com a musealização de bens culturais através das práticas de conservação museológica) — é tratado no Cap.9.

- Paiva, D., & Sánchez-Fuarros, I. (2021). The territoriality of atmosphere: rethinking affective urbanism through the collateral atmospheres of Lisbon's tourism. *Transactions of the Institute of British Geographers*, 46(2), 392–405. <https://doi.org/10.1111/tran.12425>

É um dos textos que será objeto de discussão na aula-debate a ter lugar neste módulo. O artigo introduz a abordagem mais-do-que-representacional no debate sobre a turistificação, analisando e discutindo o papel do turismo na produção de atmosferas afetivas urbanas de sinal contraditório.

- Qu, C., Timothy, D. J., & Zhang, C. Z. (2019). Does tourism erode or prosper culture? Evidence from the Tibetan ethnic area of Sichuan Province, China. *Journal of Tourism and Cultural Change*, 17(4), 526–543. <https://doi.org/10.1080/14766825.2019.1600867>

Embora constituindo um estudo de caso muito específico, este artigo é sugerido como leitura por demonstrar a variabilidade dos efeitos que o turismo pode ter sobre as culturas locais. A comparação dos efeitos da abertura ao turismo na preservação da identidade e cultura indígena em diferentes comunidades locais de minoria tibetana de Sichuan mostrou resultados variados, com situações em que a identidade e cultura tibetanas foram revivificadas e outras em que se esbateram, consoante as condições específicas de cada comunidade e o modelo de turismo que prosseguiram. Constatar isto deve ajudar a evitar juízos apriorísticos e deterministas em relação aos impactos socioculturais do turismo (tópico 3).

- Sequera, J., & Nofre, J. (2018). Shaken, not stirred: new debates on touristification and the limits of gentrification. *City*, 22(5–6), 843–855. <https://doi.org/10.1080/13604813.2018.1548819>

É outro dos textos que será discutido na aula-debate prevista neste módulo do programa. O artigo contesta o uso do conceito de gentrificação turística e propõe uma diferenciação conceptual entre turistificação e gentrificação, adiantando uma definição para turistificação.

- Shirt, G. (2012). Carrying capacity. In P. Robinson (Ed.), *Tourism: The key concepts* (pp. 22–26). Routledge.

A forma típica de entrada em enciclopédia faz desta referência uma leitura conveniente para uma exploração breve ou revisão rápida do conceito de capacidade de carga (tópico 4). O texto põe em evidência o seu caráter multicritério — definível em termos físicos, ambientais, socioculturais, económicos, infraestruturais e percetuais — e multiperspetiva — variável em função do ponto de vista das comunidades locais, dos ecossistemas e da própria população de turistas.

- Zhang, J. J., Wong, P. P. Y., & Lai, P. C. (2018). A geographic analysis of hosts' irritation levels towards mainland Chinese cross-border day-trippers. *Tourism Management*, 68, 367–374. <https://doi.org/10.1016/j.tourman.2018.03.011>

Uma leitura de aprofundamento para o tópico 3. Trata-se de um estudo relativamente recente de aplicação/adaptação do modelo Irridex de Doxey em ambiente SIG para avaliar a «irritação» de comerciantes de Hong Kong em relação à presença e atitude dos excursionistas chineses continentais. Recomendado pelo resumo que faz do modelo, da revisão das suas utilizações em trabalhos anteriores, e também para se conhecer um exemplo de aplicação geográfica (escalas de medida usadas no instrumento de observação, integração dos resultados em ambiente SIG, etc.).

3.2. Futuros sustentáveis para o turismo

Resultados de aprendizagem esperados

No final deste módulo do programa é esperado que o grupo de estudantes:

- reconheça a necessidade de repensar o modelo de desenvolvimento do turismo em face do cenário de crise ambiental;
 - relacione turismo e alterações climáticas, identificando algumas das suas mútuas afetações e consequências para o sistema turístico;
 - sustente e debata hipóteses de harmonização do turismo com os limites do planeta, a valorização das culturas e ecologias e o bem-estar das comunidades locais;
 - repense o futuro do turismo em termos mais «socializados» e regenerativos.
-

Resumo dos conteúdos

1. Crise ambiental e turismo

Antropocénico e turismo. O paradoxo do turismo de última oportunidade (*last chance tourism*). A dependência do transporte aéreo: o nó górdio da mobilidade? Turismo num espaço operacional planetário seguro. Vulnerabilidades e medidas de adaptação do turismo às alterações climáticas.

2. Repensar a sustentabilidade no turismo

Conceitualizações tecnocêntricas vs. ecocêntricas de sustentabilidade. O desafio de «socializar» o turismo. Pós-desenvolvimento e crítica ao culto do crescimento. Decrescimento e turismo. O *de-marketing* de destinos. O turismo lento (*slow tourism*). A «viragem local» (*local turn*) e abordagens *place-based* no turismo. O turismo como força regenerativa.

3. Implicações/aplicações urbana

Atividades propostas

Este é o módulo do programa de carácter mais meditativo e especulativo, no qual o grupo de estudantes é convidado a refletir sobre futuros sustentáveis para o turismo a partir do estado da arte, e onde será posto em contacto com pontos de vista e posições menos *mainstream*. Fomentar tempos de diálogo e interação para troca de ideias é por isso crucial, de modo que as atividades em aula-debate terão forte destaque neste módulo. Estão programadas duas sessões deste tipo. A primeira é uma aula-debate com o objetivo de discutir a relação entre turismo, crise ambiental e alterações climáticas. A ideia é que a tomada de consciência sobre a urgência de se repensar o modelo de desenvolvimento do turismo em maior harmonia socioecológica parta do reconhecimento da situação ambiental crítica em que o planeta se encontra e das interfaces disso com o turismo. Esperando-se que a turma faça uso de aprendizagens realizadas em outras UC sobre mudanças globais e alterações climáticas, assim como que mobilize as efetuadas no ponto anterior do programa sobre os impactes ambientais do

turismo, este módulo do programa iniciar-se-á com um debate sobre esta problemática suportado em literatura. Os textos indicados para discussão incluem uma referência de enquadramento geral classificada como Leitura Principal, que deverá ser lida por todas as pessoas que vão participar na aula-debate (Eijgelaar, Amelung & Peeters, 2016), e ainda outras duas referências que analisam as vulnerabilidades do turismo às alterações climáticas e discutem prováveis necessidades futuras de adaptação a escalas diferentes, uma ao nível global e outra a uma escala nacional/regional e para um produto em específico; estas duas últimas referências serão repartidas antecipadamente de forma a que dois grupos diferentes de estudantes se encarreguem da leitura, apresentação e comentário de cada uma. São elas:

- Eijgelaar, E., Amelung, B., & Peeters, P. (2016). Keeping tourism's future within a climatically safe operating space. In M. Gren & E. H. Huijbens (Eds.), *Tourism and the Anthropocene* (pp. 17–33). Routledge.
- Scott, D., & Lemieux, C. (2013). The vulnerability of tourism to climate change. In A. Holden & D. Fennell (Eds.), *The Routledge handbook of tourism and the environment* (pp. 241–257). Routledge.
- Steiger, R., Damm, A., Prettenthaler, F., & Pröbstl-Haider, U. (2021). Climate change and winter outdoor activities in Austria. *Journal of Outdoor Recreation and Tourism*, 34, 100330. <https://doi.org/10.1016/j.jort.2020.100330>

A segunda aula-debate a ter lugar será uma sessão final de síntese na qual a turma será convidada a discutir os seguintes textos:

- Ateljevic, I. (2020). Transforming the (tourism) world for good and (re)generating the potential 'new normal'. *Tourism Geographies*, 22(3), 467–475. <https://doi.org/10.1080/14616688.2020.1759134>
- Higgins-Desbiolles, F. (2020). Socialising tourism for social and ecological justice after COVID-19. *Tourism Geographies*, 22(3), 610–623. <https://doi.org/10.1080/14616688.2020.1757748>
- Higgins-Desbiolles, F., & Bigby, B. C. (2022). A local turn in tourism studies. *Annals of Tourism Research*, 92, 103291. <https://doi.org/10.1016/j.annals.2021.103291>

A metodologia nesta aula-debate será similar à seguida nas outras sessões da mesma modalidade, com a turma dividida em três grupos, cada qual encarregue da discussão de um dos textos.

Bibliografia específica

Leituras principais

- Eijgelaar, E., Amelung, B., & Peeters, P. (2016). Keeping tourism's future within a climatically safe operating space. In M. Gren & E. H. Huijbens (Eds.), *Tourism and the Anthropocene* (pp. 17–33). Routledge. Um texto de síntese essencial para situar e integrar o turismo no debate sobre o Antropocénico e a crise ambiental e para pensar o futuro do turismo em harmonia com os limites planetários. Os conceitos de Grande Aceleração, limites planetários (*planetary boundaries*) e espaço operacional seguro (*safe operating space*) são brevemente apresentados no texto. De seguida mostram-se as interconexões do desenvolvimento do turismo global com a Grande Aceleração e discute-se a compatibilidade do turis-

mo com os limites planetários. O capítulo termina traçando cenários de longo termo para o futuro do turismo e apresentando medidas de mitigação que devem ser tomadas para garantir a viabilidade do turismo num espaço operacional planetário seguro, especialmente do ponto de vista climático. É um dos textos que será discutido na primeira aula-debate a ter lugar neste módulo do programa.

- Fletcher, R., Blanco-Romero, A., Blázquez-Salom, M., Cañada, E., Murray Mas, I., & Sekulova, F. (2021). *Caminos hacia un turismo post-capitalista*. Alba Sud.

Vários dos argumentos que serão explorados nos tópicos 2 e 3 deste ponto do programa, mormente a proposta de um turismo dissociado do produtivismo e do imperativo do crescimento, mais «socializado» e mais orientado para a valorização dos lugares e das suas «socioaturezas» estão presentes nesta obra. A recomendação desta referência entre as Leituras Principais deve-se ao facto de propiciar uma explanação sucinta destes argumentos, ademais em castelhano. Recomenda-se em particular o Cap.2 («El potencial del turismo post-capitalista», pp. 9-18). Porém, um aprofundamento e enriquecimento com base em algumas das Leituras Complementares será dificilmente dispensável dada a novidade e complexidade das problemáticas.

- Higgins-Desbiolles, F., Carnicelli, S., Krolkowski, C., Wijesinghe, G., & Boluk, K. (2019). Degrowing tourism: rethinking tourism. *Journal of Sustainable Tourism*, 27(12), 1926-1944. <https://doi.org/10.1080/O9669582.2019.1601732>

Um texto fundamental para enquadrar a reflexão sobre o que poderá ser um turismo futuro mais sustentável onde se faz a defesa e se articulam argumentos em favor do decrescimento e da «socialização» do turismo, i.e. uma viragem do foco e das prioridades do seu desenvolvimento privilegiando o social (o interesse e benefício das comunidades locais) em detrimento do económico (o lucro das empresas). Substanciando esta ideia, sugere-se no artigo que o turismo seja redefinido e repensando como «o processo das comunidades locais convidarem, receberem e hospedarem visitantes no seu seio, por durações de tempo limitadas, com a intenção de receberem benefícios de tais ações» (p. 1936).

Leituras complementares

- Ateljevic, I. (2020). Transforming the (tourism) world for good and (re)generating the potential 'new normal'. *Tourism Geographies*, 22(3), 467-475. <https://doi.org/10.1080/14616688.2020.1759134>
Este é um artigo de perspetiva e reflexão em que a autora elabora sobre o que poderá e deverá ser um turismo regenerativo. Será um dos textos objeto de discussão na segunda aula-debate.
- Bellato, L., Frantzeskaki, N., & Nygaard, C. A. (2022). Regenerative tourism: a conceptual framework leveraging theory and practice. *Tourism Geographies*. <https://doi.org/10.1080/14616688.2022.2044376>
Procede-se neste artigo a uma revisão da literatura sobre o turismo regenerativo. A sua leitura é recomendada a quem pretender uma definição mais clara do conceito e uma explanação dos seus antecedentes e posicionamento relativamente ao turismo sustentável.
- Demaria, F., & Latouche, S. (2019). Degrowth. In A. Kothari, A. Salleh, A. Escobar, F. DeMaria, & A. Acosta (Eds.), *Pluriverse: A post-development dictionary* (148-151). Tulika Books.
Um artigo breve na forma de entrada em enciclopédia que faz a genealogia e explana de forma breve o conceito de decrescimento, com o contributo de um dos seus mais importantes mentores e teóricos (Serge Latouche).

- Dickinson, J., & Lumsdon, L. (2010). *Slow travel and tourism*. Earthscan.

A obra fornece no seu conjunto uma panorâmica completa dos antecedentes do «movimento pelo lento» (*slow movement*), fundamentos e justificação, e suas aplicações no turismo. Descreve em que consiste e o que caracteriza o turismo lento (*slow tourism*), discutindo os seus impactes quer na experiência e satisfação das pessoas turistas quer nas áreas de destino. É recomendada em particular a leitura dos Cap.1 («The emergence of slow travel», pp. 1-16), para um enquadramento no «movimento pelo lento», e do Cap.4 («Slow travel — the ingredients», pp. 75-104), para uma discussão sobre as características do turismo lento, efeitos e exemplos de aplicações.

- Fletcher, R., Murray Mas, I., Blanco-Romero, A., & Blazquez-Salom, M. (2019). Tourism and degrowth: an emerging agenda for research and praxis. *Journal of Sustainable Tourism*, 27(12), 1745-1763. <https://doi.org/10.1080/09669582.2019.1679822>

Para um aprofundamento da aplicação da teoria do decrescimento no turismo.

- Hall, C. M., & Wood, K. J. (2021). Demarketing tourism for sustainability: degrowing tourism or moving the deckchairs on the Titanic? *Sustainability*, 13(3), Article 1585. <https://doi.org/10.3390/su13031585>

O artigo introduz o conceito de *demarketing* como uma resposta ao sobreturismo. O artigo salienta as diferenças de âmbito entre o decrescimento enquanto filosofia e modelo de organização social e o *demarketing* como uma estratégia de comunicação e ação de planeamento com vista à recalibração turística aplicada a situações concretas.

- Higgins-Desbiolles, F. (2020). Socialising tourism for social and ecological justice after COVID-19. *Tourism Geographies*, 22(3), 610-623. <https://doi.org/10.1080/14616688.2020.1757748>

A autora desenvolve neste artigo a sua defesa pela «socialização» do turismo, i.e. a sua orientação em prol do interesse e benefício das comunidades locais e do ambiente com o qual formam uma integridade. Explora também as lições que devemos tirar das respostas políticas e societais à pandemia de covid-19 para construir vias alternativas de evolução que não façam do crescimento e do lucro das empresas o seu objetivo. Será um dos textos objeto de discussão na segunda aula-debate programada para este módulo.

- Higgins-Desbiolles, F., & Bigby, B. C. (2022). A local turn in tourism studies. *Annals of Tourism Research*, 92, Artigo 103291. <https://doi.org/10.1016/j.annals.2021.103291>

Este artigo sistematiza uma série de indícios que lhe permitem sustentar a ideia de uma «viragem local» (*local turn*) em curso nos estudos de turismo, que se teria acentuado com a pandemia de covid-19. O texto será discutido na segunda aula-debate prevista.

- Lemelin, H., Dawson, J., Stewart, E. J., Maher, P., & Lueck, M. (2010). Last-chance tourism: the boom, doom, and gloom of visiting vanishing destinations. *Current Issues in Tourism*, 13(5), 477-493. <https://doi.org/10.1080/13683500903406367>

Uma leitura indicada para quem pretender informar-se sobre o turismo de última oportunidade e compreender as suas contradições. Trata-se de uma referência basilar sobre este assunto.

- Lumsdon, L. M., & McGrath, P. (2011). Developing a conceptual framework for slow travel: a grounded theory approach. *Journal of Sustainable Tourism*, 19(3), 265-279. <https://doi.org/10.1080/09669582.2010.519438>

Este é um artigo que procura definir conceptualmente as viagens e o turismo lento a partir da revisão da literatura e entrevistas em profundidade com praticantes e profissionais. É feito também um enquadramento no «movimento pelo lento», relacionando o turismo lento com a *slow food* e o movimento Cittàslow. O artigo advoga que o turismo lento é um *mindset* sobre o modo de viajar mais do que um produto turístico e cujo foco não é tanto a lentidão *per se*, mas o evitar a rapidez. Pode ser uma alternativa mais breve à leitura de Dickinson e Lumsdon (2010).

- **Scott, D., & Lemieux, C. (2013). The vulnerability of tourism to climate change. In A. Holden & D. Fennell (Eds.), *The Routledge handbook of tourism and the environment* (pp. 241-257). Routledge.**

Apesar de se tratar de um texto sobre o qual passou já uma década e, como tal, usar informação de referência desatualizada (a ciência das alterações climáticas evolui com grande velocidade devido à incorporação constante de novos dados que obrigam a revisões permanentes dos modelos), é uma referência que ainda se poderá recomendar para um enquadramento geral da interface turismo-alterações climáticas e dos impactes previsíveis das alterações climáticas no turismo. Baseado numa revisão da literatura extensa e sistematizada, o texto antecipa os efeitos das alterações climáticas na atratividade de recursos e regiões, na reconfiguração de produtos turísticos, e nas condições de operacionalidade da «indústria» (escassez de água, pressão para a descarbonização vs. maior necessidade de energia para sistemas de climatização artificial, dificuldades na provisão de alimentos, etc.), distinguindo entre impactes diretos e indiretos das alterações climáticas. O texto faz ainda uma regionalização planetária das áreas turisticamente mais vulneráveis às alterações climáticas, destacando entre as que expectavelmente sofrerão impactes mais negativos o Médio Oriente, Sul e Sudeste Asiático, África, Caribe e os pequenos estados e territórios insulares. Esta leitura servirá de suporte à primeira aula-debate prevista neste módulo do programa.

- **Schmid, B. (2019). Degrowth and postcapitalism: Transformative geographies beyond accumulation and growth. *Geography Compass*, 13(11), Article e12470. <https://doi.org/10.1111/gec3.12470>**

Para aprofundar e consolidar a compreensão do decrescimento enquanto teoria e conceção de organização social alternativas ao modelo capitalista baseado no produtivismo (centrado no crescimento). O artigo explora como o decrescimento propõe uma recalibração do económico e reorientação do social e político com foco e prioridade na sobrevivência harmoniosa, digna e justa de humanos e não-humanos.

- **Sharpley, R. (2020). Tourism, sustainable development and the theoretical divide: 20 years on. *Journal of Sustainable Tourism*, 28(11), 1932-1946. <https://doi.org/10.1080/09669582.2020.1779732>**

Um artigo de reflexão que discute as relações entre turismo e desenvolvimento sustentável e que ajuda a consolidar a discussão sobre turismo e decrescimento. O artigo põe em realce a divisão entre uma conceção produtivista e outra ecocêntrica do desenvolvimento sustentável, defendendo a necessidade de se evoluir da primeira para a segunda em face dos limitados progressos observados nas últimas décadas em matéria de sustentabilidade. O texto advoga que um desfecho desta evolução terá de ser a dissociação dos conceitos de desenvolvimento e crescimento. Em consequência, conclui pela necessidade de a interface turismo-sustentabilidade ser repensada introduzindo na equação o conceito de decrescimento.

- Slocum, S. L., & Ingram, L. J. (2020). Sustainability and neolocalism: complementary ideologies. In L. J. Ingram, S. L. Slocum, & C. T. Cavaliere (Eds.), *Neolocalism and tourism: Understanding a global movement* (pp. 17–34). Goodfellow Publishers.

É a leitura indicada para se penetrar no neolocalismo ao mesmo tempo como movimento social, orientação estratégica e ferramenta em prol da sustentabilidade. O neolocalismo descreve uma abordagem centrada nos lugares e no local, que inclui estratégias articuladas de *place-making*, aumento do sentido de lugar, revitalização das culturas locais, participação e empoderamento das comunidades locais, e valorização do capital natural. O capítulo indicado é o enquadramento teórico de uma obra coletiva dedicada a explorar as inter-relações de turismo e neolocalismo, onde vários casos de estudo (maioritariamente em áreas rurais e pequenas cidades «marginais») são retratados e discutidos. O neolocalismo é perspetivado neste capítulo em relação com outras abordagens do turismo sustentável.

- Steiger, R., Damm, A., Pretenthaler, F., & Pröbstl-Haider, U. (2021). Climate change and winter outdoor activities in Austria. *Journal of Outdoor Recreation and Tourism*, 34, 100330. <https://doi.org/10.1016/j.jort.2020.100330>

O artigo avalia os impactos previsíveis das alterações climáticas no turismo de neve na Áustria. São estimados os custos económicos e as medidas de adaptação que terão de ser tomadas em função de vários cenários. As consequências são regionalizadas a um nível subnacional. O texto será objeto de discussão numa das aulas-debate que terá lugar neste módulo do programa.

- Vorster, S., & Lyle, C. (2014). Lower-carbon aviation in the green economy. In T. DeLacy, M. Jiang, G. Lipman, & S. Vorster (Eds.), *Green growth and travelism: Concept, policy and practice for sustainable tourism* (pp. 41–58). Routledge.

Uma sugestão de leitura para quem quiser explorar o impasse na descarbonização do transporte aéreo e aparente impossibilidade de conciliação de trajetória de crescimento do tráfego com os compromissos globais de redução dos GEE e de estabilização climática.

A Geografia do Turismo é hoje uma disciplina científica incontestada que se generalizou como temática de ensino tanto em cursos de graduação como de pós-graduação, e tanto em cursos de Geografia como de Turismo. Nesta publicação apresenta-se uma proposta de programa para uma unidade curricular nesta área. Embora planejado para implementação num curso de Geografia de 1º Ciclo, poderá ser usado, com adaptações, para o ensino de Geografia do Turismo em outras licenciaturas, e mesmo docentes e estudantes envolvidos no ensino-aprendizagem destas matérias ao nível pós-graduado encontrarão informações úteis nesta publicação. O livro elenca os conteúdos a explorar, os objetivos e resultados de aprendizagem esperados, enquadra e proporciona explicações sucintas de conceitos e teorias essenciais de Geografia do Turismo, e fornece uma bibliografia comentada onde se identifica o que deve ser lido para cada assunto e porquê, com uma breve súmula dos conhecimentos que nessas referências se podem obter.